
BIBLIOTECONOMIA EM BRASÍLIA: 60 ANOS DE HISTÓRIA



Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região

Biblioteconomia em Brasília:
60 anos de história

Fábio Lima Cordeiro • Adelaide Ramos e Côrte
Edilenice Jovelina Lima Passos • Iza Antunes Araújo
Maria Tereza Machado Teles Walter • Michelli Pereira da Costa

Brasília
2020

CRB-1
Conselho Regional de Biblioteconomia

Presidente: Fábio Lima Cordeiro, CRB-1/1763

Vice-Presidente: Valéria Gameleira da Mota, CRB-1/2056

Diretora Administrativa: Karla Maria Piccinini Veras, CRB-1/1716

Diretora Técnica: Roseane da Costa Moura Pessoa, CRB-1/1435

Diretor Financeiro: Rodrigo Vilas Boas Licursi, CRB-1/1683

Autores:

Adelaide Ramos e Côrte

Edilenice Jovelina Lima Passos

Fábio Lima Cordeiro - Coordenador

Iza Antunes Araújo

Maria Tereza Machado Teles Walter

Michelli Pereira da Costa

Capa: Biah Gasparotto

Projeto Editorial: Tagarela

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

B682 Biblioteconomia em Brasília: 60 anos de história / Fábio Lima Cordeiro [et. al.].--Brasília, DF : CRB-1, 2020.
170 p. : il. , color.

Ebook (PDF)

1. Biblioteconomia - Brasília, DF - História . 2. Bibliotecas - Brasília, DF. 3. Bibliotecários - Brasília, DF. I. Cordeiro, Fábio Lima. II. Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região.

CDU 02(817.4)

CDD 020.98174

Ficha elaborada por Iza Antunes Araujo CRB-1 - 079

© 2020 by Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região



Este livro é dedicado a todos os candangos e aos brasilienses por nascimento ou adoção que transformaram sonhos em concreto; possibilidades em realidade e transformaram as próprias vidas.

Este livro é igualmente dedicado a todos os bibliotecários que acreditam e trabalham em prol do acesso livre à informação e da educação de qualidade para todos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 INTRODUÇÃO	13
2 BIBLIOTECONOMIA EM BRASÍLIA	18
3 A BIBLIOTECONOMIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	28
4 OS PRIMEIROS BRASILIENSES	36
5 AS PRIMEIRAS BIBLIOTECAS	61
6 BIBLIOTECÁRIOS EM FAMÍLIA	80
7 O LEGADO DO CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 1ª REGIÃO PARA A BIBLIOTECONOMIA DE BRASÍLIA	86
8 ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS E PROFISSIONAIS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL (ABDF)	125
9 EMPRESAS DE INFORMAÇÃO DE BRASÍLIA	144
10 ÍNDICE ONOMÁSTICO	149
11 OS AUTORES	166

LISTA DE SIGLAS

ABDF	Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal
BCE	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
BDB	Biblioteca Demonstrativa de Brasília
CBBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CBDJ	Comissão Brasileira de Documentação Jurídica
CCJPL	Craighead County Jonesboro Public Library
CCN	Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas
CEASI	Curso de Especialização em Gestão de Sistemas de Informação
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CID	Departamento de Ciência da Informação e Documentação
CJF	Conselho da Justiça Federal
CLDF	Câmara Legislativa do Distrito Federal
CNPL	Confederação Nacional das Profissões Liberais
COPEVE	Comissão Permanente de Concurso Vestibular (UnB)
CPOB	Comissão de Publicações Oficiais Brasileiras
CRB-1	Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região
CRS	Comercial Residencial Sul
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
DB	Departamento de Biblioteconomia
DF	Distrito Federal
ENAP	Escola Nacional de Administração Pública
EQS	Entrequadras Sul
FA	Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
Febab	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
FUB	Fundação Universidade de Brasília
FUNCEP	Fundação Centro de Formação do Servidor Público
GBDIJ-DF	Grupo de Bibliotecários em Documentação e Informação Jurídica do Distrito Federal
GDF	Governo do Distrito Federal
GIDJ-DF	Grupo de Informação e Documentação Jurídicas do Distrito Federal
IBBD	Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBM	International Business Machines Corporation
IDR	Instituto de Desenvolvimento de Recursos Humanos
ILB	Instituto Legislativo Brasileiro

INL	Instituto Nacional do Livro
LAI	Lei de Acesso à Informação
LP	<i>Long Play</i> [disco]
MARE	Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado
MEC	Ministério da Educação
Miracode	Microfilm Information Retrieval Access Code
Novacap	Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RBB	Revista de Biblioteconomia de Brasília
REABDF	Revista Eletrônica da ABDF
SAB	Sociedade de Abastecimento de Brasília
SAF	Secretaria de Administração Federal
SCLN	Setor Comercial Local Norte
SEDAP	Secretaria da Administração Pública da Presidência da República
SNB	Serviço Nacional de Bibliotecas
SNDIJ	Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas
STF	Supremo Tribunal Federal
STJ	Superior Tribunal de Justiça
TCU	Tribunal de Contas da União
TJDF	Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios
UDF	Centro de Ensino Universitário do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: Convite de formatura da turma de dez. 1981	44
Foto 2: Colação de grau de Edilenice Passos	45
Foto 3: Família Machado Teles e Família Walter	47
Foto 4: Posse de Rogério Henrique de Araújo Júnior como Vice-Diretor da Faculdade de Ciência da Informação em 2018	51
Foto 5: Maurinete Santos e Michelli Costa	52
Fotos 6 e 7: Aníbal Rodrigues Coelho e José Mindlin	58
Foto 8: Biblioteca da Câmara dos Deputados, Salão de leitura (1966)	66
Foto 9: Planta baixa do edifício do Supremo Tribunal Federal - 1960	69
Foto 10: Biblioteca e Discoteca Porto Seguro	71
Foto 11: Félix Alejandro Barrenechea	72
Foto 12: Grupo Escolar 1	75
Foto 13: Ernesto Silva e professoras	75
Foto 14: Ficha do Registro nº 1 do CRB-1	90
Foto 15: Medalha Rubens Borba de Moraes	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de bibliotecários homenageados com a Medalha Rubens Borba de Moraes

98

Quadro 2 - Lista de funcionários do CRB-1

99

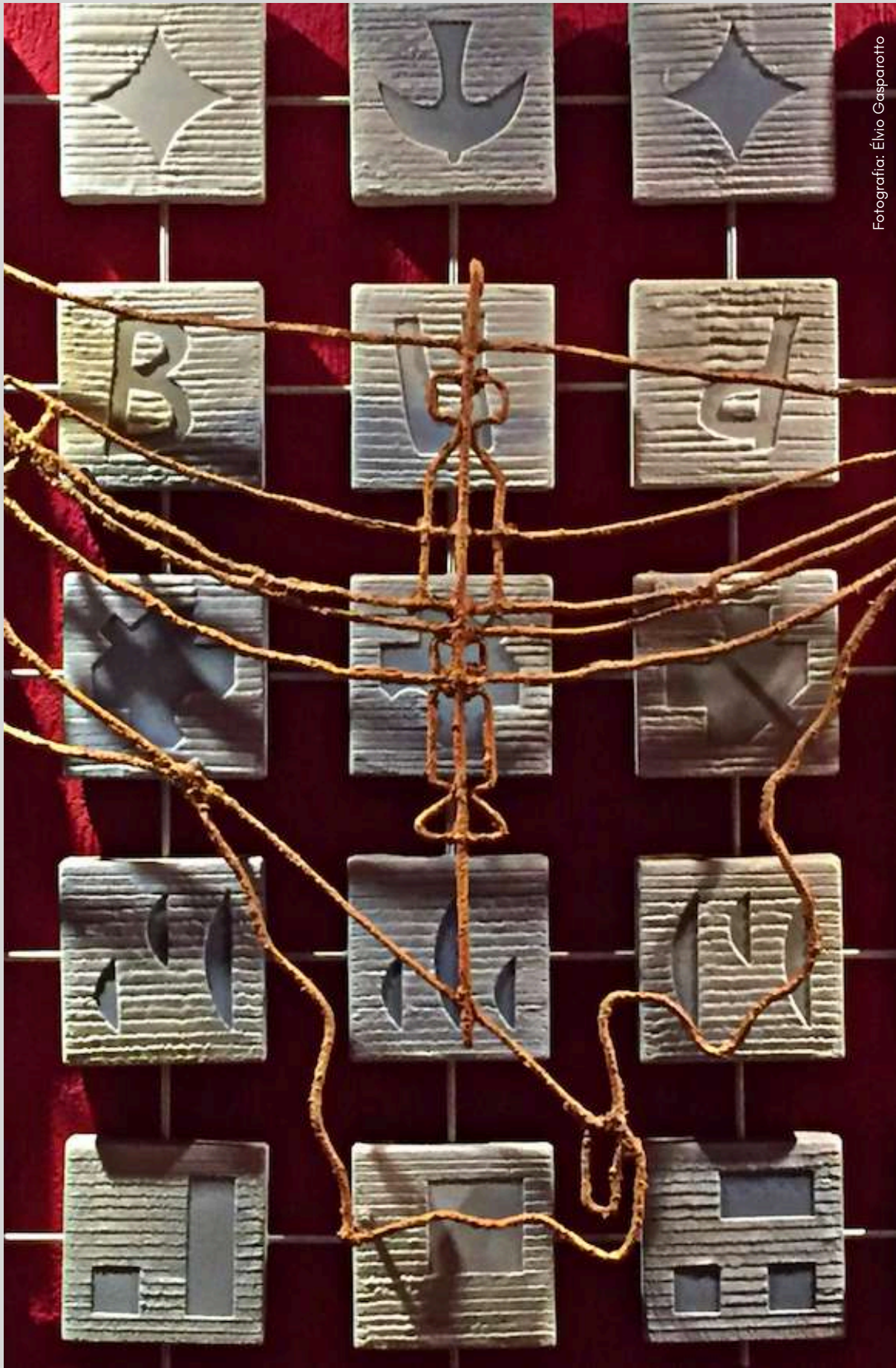
LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Bibliotecários formados pela UnB (1966/1973)

40

Tabela 2 - Número de registros definitivos no CRB-1 por décadas (1967-2017)

95



Fotografia: Elvio Gasparotto

APRESENTAÇÃO

Brasília completa 60 anos no dia 21 de abril de 2020 e, com muito vigor, continua a ser uma cidade jovem, moderna, de arquitetura plena e atual. Conhecida por ser o centro político do país, Brasília vai muito além das suas relações com o poder, pois foi pensada e construída para ser a capital de todos os brasileiros. E a história da capital federal reúne feitos de diversas pessoas que aqui chegaram e encontraram a oportunidade de realizar diversas iniciativas para que chegássemos aonde estamos hoje. O Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região (CRB-1), por sua vez, possui estreita relação com a história da capital, já que está sediado na própria; e também porque os anos iniciais da Capital coincidem com a promulgação da Lei nº 4.084, de 1962, marco da regulamentação da profissão de bibliotecário.

Nesse sentido, o CRB-1 decidiu homenagear Brasília e contar um pouco dessas histórias, que narram muitas contribuições provenientes de bibliotecários que construíram a Biblioteconomia da cidade. Para isso, criou-se, por meio da Portaria CRB-1 nº 6, de 16 de outubro de 2019, uma Comissão Temporária para realizar os trabalhos referentes à Organização dos Preparativos para as Comemorações do Dia do Bibliotecário no ano de 2020. A Comissão foi formada pelo Presidente do CRB-1, e por quatro bibliotecárias da cidade, condecoradas em diferentes anos com a prestigiada Medalha Rubens Borba de Moraes: Adelaide Ramos e Côrte, Edilenice Jovelina Lima Passos, Iza Antunes Araújo, Maria Tereza Machado Teles Walter. Contou, também, com a colaboração da Profa. Dra. Michelli Costa. A todas rendo agradecimentos especiais por terem aceitado o desafio e, em tempo recorde, ajudaram-me a finalizar esse projeto.

Durante os encontros iniciais, decidiu-se pela elaboração do presente livro, que, de maneira singela e resumida, celebra a Biblioteconomia na Capital Federal, que, ainda implume, já nasceu com biblioteca, e recebeu tantas outras ao longo do seu primeiro ano de existência. Afinal, é cediço que muitas cidades nasceram ao redor de igrejas e comércios, e tempos depois que chegou a Biblioteconomia. No cenário candango foi diferente, pois as bibliotecas já eram órgãos vivos e definitivos do corpo, ainda embrionário, da capital. E, com certeza, um livro é a melhor maneira de homenagear a Biblioteconomia brasileira.

Os capítulos apresentam histórias de pessoas e instituições ligadas à Biblioteconomia local: os primeiros brasilienses, as primeiras bibliotecas, o curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UNB), o movimento associativo da Associação de Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal (ABDF) e a fiscalização do exercício profissional do Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região. Frisa-se, por fim, que cada capítulo foi escrito com dedicação e carinho, após muita pesquisa e trabalho voluntário nas horas vagas, fins de semana, tudo para dar a você, interessado na história da Biblioteconomia de Brasília, o presente livro. Pois para cada livro seu leitor, e para cada leitor o seu livro.

Boa leitura!

Fábio Lima Cordeiro

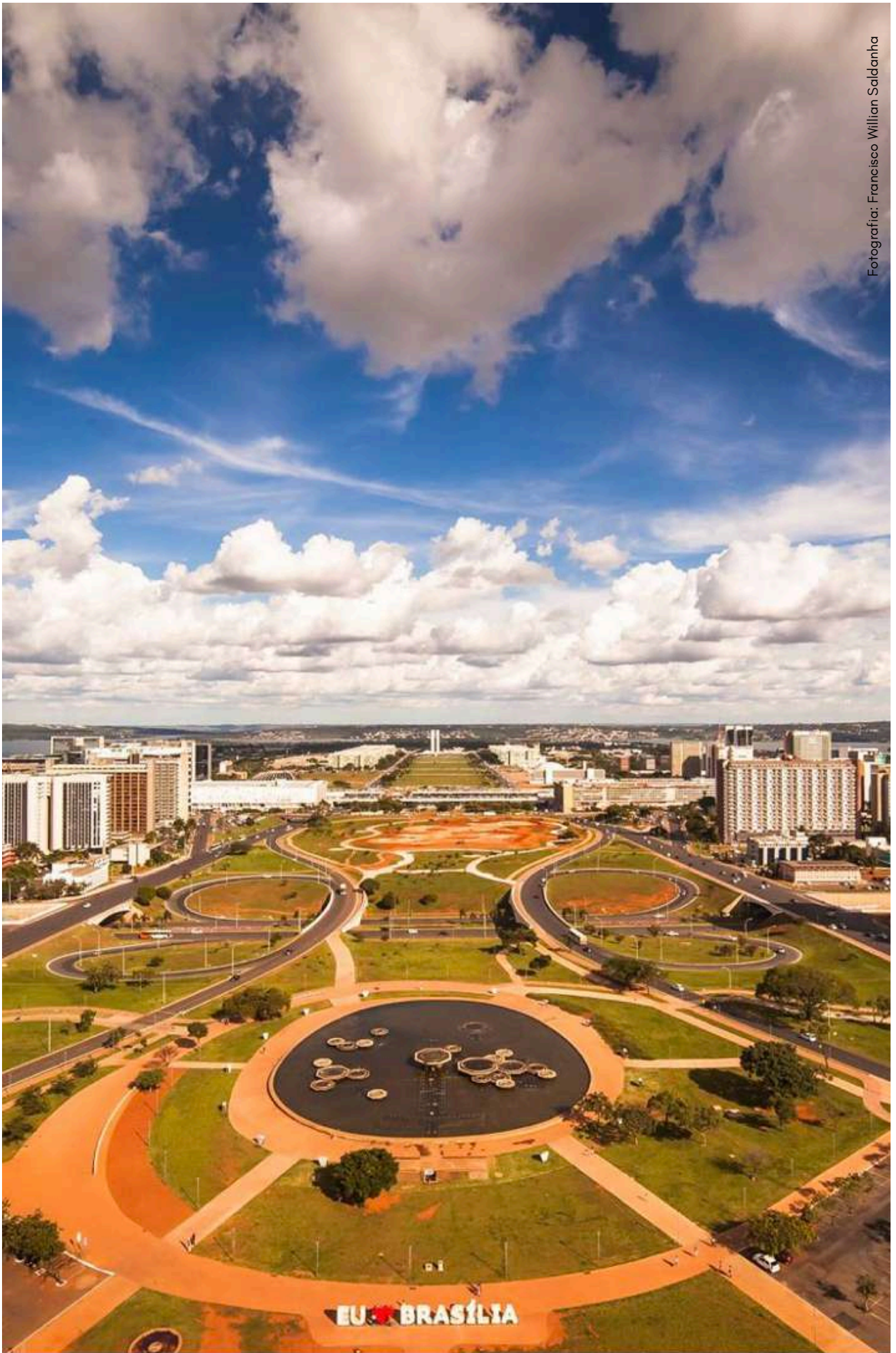
Presidente

Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região

▶ INTRODUÇÃO

1





Fotografia: Francisco Willian Saldanha

1 INTRODUÇÃO

Maria Tereza Machado Teles Walter

A criação de cidades planejadas não nasceu com Brasília, pois Goiânia, para citar apenas um exemplo próximo anterior, já havia sido demarcada e definida sua construção nos anos de 1933, por meio do Decreto nº 3.359, de 18 de maio de 1933 (GOIÁS, 1933). No entanto, Brasília, por sua singularidade e, com certeza, por ter sido erigida com o objetivo de ser a capital do País, teve outro impacto na sociedade nacional e, mesmo, internacional.

Seu hino declama que:

Todo o Brasil vibrou
E nova luz brilhou
Quando Brasília fez maior a sua glória.

Com esperança e fé
Era o gigante em pé
Vendo raiar outra alvorada em sua história [...]. (BRASIL, 1961).

Musicada¹, cantada, declamada, difamada, Brasília nasceu em 1960. Admirada por muitos, provavelmente não foi querida por todos, já que sempre houve críticas ao plano de mudança, ao projeto em si, aos custos envolvidos numa obra, reconheça-se, monumental, como veio a ser denominada uma de suas maiores vias, conhecida por ser o corpo do avião, cortado pelas Asas Sul e Norte, o Eixo Rodoviário.

Críticas à parte, goste-se ou não de sua configuração, a construção de Brasília foi efetivamente um marco arquitetônico e muitas soluções de engenharia tiveram que ser aqui desenvolvidas para suportar os desenhos do aclamado Oscar Niemeyer, que tornou tridimensional o projeto vencedor, mesmo com muitas contestações (OLIVEIRA, [s.d.]), de

¹ Ver, ou melhor, ouvir: “Brasília, sinfonia da Alvorada”, de Antônio Carlos Jobim. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_rz2-4xVFgs. Acesso em: 26 fev. 2020, ou a belíssima “Suíte Brasília”, de Renato Vasconcellos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GqHesNuojKw>. Acesso em: 26 fev. 2020.

Lúcio Costa. Brasília nasce sob críticas, mas também sob esperança de um País com potencial de desenvolvimento, de industrialização, de mudanças, capaz.

A Capital foi palco de muitas propostas arrojadas não só na Arquitetura e na Engenharia, estudadas desde sempre, mas também em outras áreas, como a Educação, com visões inovadoras como as que fundaram a Universidade de Brasília, com sua Biblioteca Central e um curso de Biblioteconomia que acompanhou este crescimento. Sua arquitetura e forma de crescimento devem ter influenciado os que aqui chegaram e os nascidos posteriormente à inauguração, em 21 de abril de 1960.

Acusada de fria, pouco acolhedora, corrupta e outros adjetivos menos favoráveis, encontra defensores ferrenhos contrapondo os detratores com o deslumbrante céu, o horizonte infinito e a inegável beleza de seus edifícios, que encantam, mesmo reconhecendo que nem sempre são confortáveis para habitar. Dotada de uma claridade ímpar, acolhe aqueles que aqui chegam não com os braços abertos do famoso monumento do Cristo Redentor da antiga Capital, Rio de Janeiro, mas com os ipês de fortes cores que florescem no período de inverno e com o verde que renasce após a seca, com as primeiras chuvas, com as flores das espécies nativas e sua população que tem construído sua identidade igualmente singular, formada pela pluralidade cultural dos que aqui habitam. Como tudo, Brasília tem suas qualidades e seus

defeitos, que devem, no primeiro caso, ser exploradas, no melhor dos sentidos, e combatidos, no segundo caso, com a força dos que aqui chegaram, dos que aqui vivem e dos que aqui nasceram, nascerão ou procurarão abrigo.

Ser bibliotecário neste cenário, de belíssimo pôr do sol, é igualmente desafiador. Muitas mudanças se processaram tanto no curso quanto no perfil dos egressos, e esse marco temporal dos 60 anos observou a colocação de 3385 bibliotecários, registrados no Conselho Regional da 1ª Região (CRB-1), que abrange, ainda, os Estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Dotada de uma claridade ímpar, acolhe aqueles que aqui chegam não com os braços abertos do famoso monumento do Cristo Redentor da antiga Capital, Rio de Janeiro, mas com os ipês de fortes cores que florescem no período de inverno e com o verde que renasce após a seca, com as primeiras chuvas, com as flores das espécies nativas e sua população que tem construído sua identidade igualmente singular, formada pela pluralidade cultural dos que aqui habitam.

Celebra-se, em 2020, o aniversário de 60 anos de Brasília, que vive, como todas as pessoas, as dores e as alegrias do crescimento e do amadurecimento.

Este livro é um recorte desse período que apresenta alguns dados desde sua fundação, vinculando a história da cidade e a história de seus bibliotecários. Quem fomos, quem somos e quem seremos, outra história a ser contada pelas gerações futuras...

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 51.000, de 19 de julho de 1961.** Manda adotar sob o título do "Hino a Brasília" a composição musical que menciona. Legislação [Câmara dos Deputados], [200?]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-51000-19-julho-1961-390608-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.

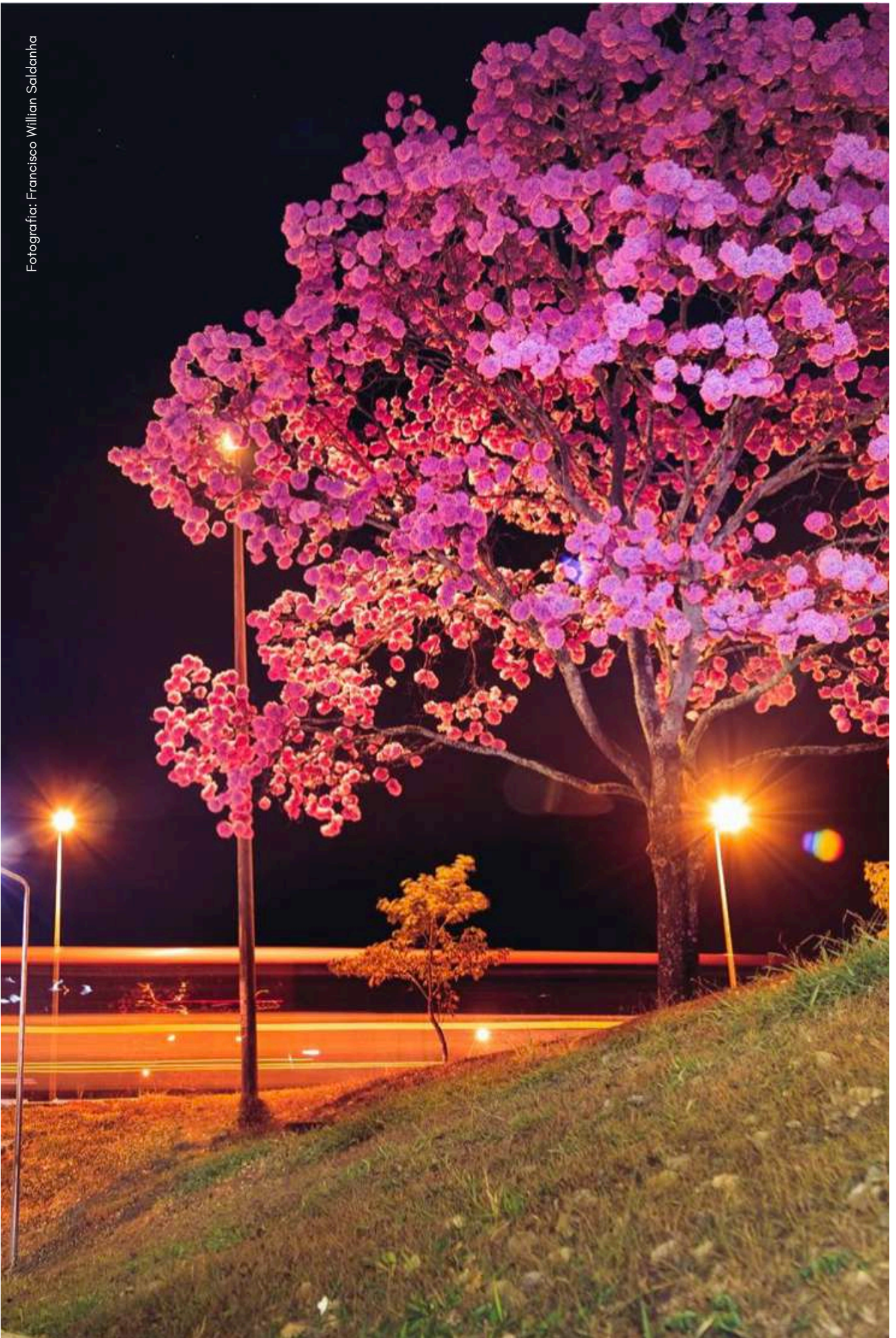
GOIÁS. **Decreto nº 3.359, de 18 de maio de 1933.** [Fica escolhida a região para ser edificada a futura Capital do Estado de Goiás, devendo o Governo mandar organizar o plano definitivo da nova cidade.] Disponível em: http://www.gabinetecivil.go.gov.br/historia/goiania/decreto_3359.pdf. Acesso em: 26 fev. 2020.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A construção de Brasília.** [s.d.]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/Construcao>. Acesso em: 26 fev. 2020.

 **BIBLIOTECONOMIA
EM BRASÍLIA**

2





2 BIBLIOTECONOMIA EM BRASÍLIA

Maria Tereza Machado Teles Walter

Em 1933 (1971, p.ix)², Pierce Butler escreveu que "A biblioteca foi criada para atender a necessidades reais da civilização moderna", definindo-a como um aparelho social para transferir o conhecimento. Butler ainda afirmou serem os livros um dos mecanismos sociais para a preservação da memória e que "A cultura tem que transcender o indivíduo, pois constitui-se essencialmente de um acúmulo social da experiência, através do qual os membros de cada geração possuem, pelo menos potencialmente, tudo que seus predecessores já aprenderam". (BUTLER, 1971, p.ix).

O autor (1971), acrescentou que a Biblioteconomia seria, então, um fenômeno a ser discutido, como qualquer sistema de Ciência Social.

Muitos anos são passados, desde que o livro de Butler foi escrito, do mesmo modo que sua tradução brasileira. Aconteceram, evidentemente, discussões sobre teorias acerca da Biblioteconomia e seus fundamentos, fortalecimento e acréscimo de conceitos na área, que se expandiu para uma Ciência da Informação. Mais ampla em termos de complexidade, mas que abriga também suas parceiras, a Arquivologia e a Museologia, cada uma com sua vertente complementar, às vezes superposta e nem sempre com fronteiras claras, se é que essa delimitação é profundamente desejável, as ciências, em geral avançaram, assim como a Biblioteconomia em particular.

Questionar é básico nas ciências e não é diferente para nenhuma delas. Muitas vezes a área tem sido definida como técnica mais que ciência, outra polêmica que atravessa os anos e que as tecnologias, mudanças de suporte da informação e facilidades de acesso não trouxeram uma conclusão acordada com tranquilidade pelos bibliotecários. Mas, talvez seja menos complicado aceitar que faz parte da natureza da Biblioteconomia classificar, reunir, separar, definir, identificar padrões, levar luz e organização onde houver necessidade em relação à informação em seus diferentes suportes.

² NA: A edição original é de 1933. A edição brasileira é de 1971.

Anciã em termos de existência como profissão, pois necessidade de informação organizada sempre houve e, provavelmente sempre haverá, a Biblioteconomia segue relativamente hermética, pelo menos para populações que ainda não têm acesso à educação de qualidade, devido à condição de fragilidade financeira familiar...lamentavelmente. Sem voltarmos aos primórdios de seu nascimento com essa denominação e entendimento, pode-se dizer que a Biblioteconomia, em Brasília, ganha, igualmente, seu status de idosa³, junto com a cidade que completa, em 2020, 60 anos.

Contar sua história na cidade passa pela Universidade de Brasília, claro! No entanto, melhor que repetir é indicar a obra elaborada pelos professores Borges e Brito (2013) e tratar de outros pontos.

Biblioteconomia para quê e para quem, num mundo que mudou drasticamente desde o início do século XXI? As barreiras da comunicação foram pulverizadas, a importância de alguns produtos, outrora fundamentais, como as bibliografias foi redimensionada, os já distantes usuários se afastaram ainda mais dos edifícios das bibliotecas, satisfeitos com o que encontram no buscador da preferência pessoal, catálogos dessas judiadas instituições foram colocados à disposição para quem se interessar e outras mudanças ainda se processam, não só nos fazeres e nas técnicas, mas nos que procuram o curso. A única constante parece ser o questionamento acerca da sobrevivência da profissão.

Então... Biblioteconomia para quê e para quem? Por que o esforço de formar pessoas para atuarem, qual é a razão de prosseguir na busca de melhores soluções de informação, se a internet aparentemente satisfaz essa necessidade de respostas? Onde residem a força e a delicadeza dessa fustigada área?

Num país complexo como o Brasil, - justiça seja feita, todos os países e todas as culturas têm sua complexidade, mas é verdade que fomos premiados com um maravilhoso e vilipendiado quase continente - com contrastes fortes e marcantes, cuja concentração de renda é objeto de discussões, permanentemente (PAPP; COELHO; GERBELLI, 2019), a educação e a informação de qualidade ainda são bens para poucos. Os equipamentos de acesso a esse mundo ainda são restritos e pessoas que atuem nesses dois segmentos são uma minoria, nem sempre vocacionada. Muitas relutam, refutam e nem sempre se entregam a uma das belezas da Biblioteconomia e um de seus valores que é exatamente pensar que o acesso à informação é um direito de todos e um dever profissional daqueles que abraçam ambas causas, educação e Biblioteconomia.

Para além do idealismo entre os motivos para escolher Biblioteconomia, tornar-se bibliotecário pode ser libertador.

³ De acordo com a legislação, é considerado idoso aquele com idade igual ou superior a 60 anos. Ver em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 3 fev. 2020.

Quando se lê Myron (2008), contando a vida em uma biblioteca pública nos Estados Unidos e do quanto essa instituição pode fazer diferença na vida das pessoas, ou mesmo Manguel (2006, p.83) em sua reflexão sobre os leitores, quando diz que “[...] o conhecimento não consiste no acúmulo de textos ou informações, nem no livro como objeto, mas na experiência resgatada das páginas e novamente transformada em experiência, em palavras que se refletem tanto no mundo exterior como no próprio ser do leitor”, pode-se começar a perceber uma das essências da Biblioteconomia, que é ser útil às pessoas.

Nem sempre uma parcela significativa dessas mesmas pessoas tem consciência de que o fazer bibliotecário as serve de maneiras diretas e indiretas, quando preserva e organiza a memória da humanidade, os resultados dos achados das ciências, os estudos sobre as populações, a literatura produzida por seu povo, as tradições, a música, a cultura, o folclore, a vida passada e as perspectivas de futuro. Então, esta profissão é ao

mesmo tempo essencial e, quase que do mesmo modo, invisível. Verdade em todos os países, já que o questionamento acerca da sua validade em termos sociais perpassa os continentes em graus variados de descaso com as bibliotecas, com os acervos, e, também, reconheça-se, pelos próprios profissionais que teriam a obrigação de lutar por todos e por ela.

Entre as funções da Biblioteconomia está a de incentivar a leitura, outro exemplo. Entre as funções da Biblioteconomia está a de incentivar a leitura, outro exemplo. Recorrendo a Bloom (2001, p.17), para compreender por que ler, percebe-se que é uma atividade primordial para aqueles que pretendam “[...] desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais [...]” e que é útil de alguma forma, seja para o aprendizado ou para o prazer. Nesse sentido, a profissão se faz presente na medida em que facilita o acesso e, em bibliotecas públicas, especialmente, mesmo as menos aparelhadas e menos desenvolvidas, é por meio de seus processos essenciais de sensibilidade no conhecimento da sociedade em que atua que estará apoiando qualquer pessoa que necessite da informação.

Pela explicação do Prof. Edson Nery da Fonseca (2007, p. 1),

A palavra *biblioteconomia* é composta por três elementos gregos - *biblion* (livro) + *théke* (caixa) + *nomos* (regra) - aos quais juntou-se o sufixo *ia*. Etimologicamente, portanto, Biblioteconomia é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios.

[...] uma das belezas da Biblioteconomia e um de seus valores [...] é exatamente pensar que o acesso à informação é um direito de todos e um dever profissional [...].

Fonseca (2007, p.8) prossegue dizendo que classifica a Biblioteconomia “[...] entre as ciências documentológicas aplicadas: ao lado, portanto, da arquivologia, da museologia e dos serviços de documentação científica [...]” e apresenta, à página 11, um quadro comparativo em que inclui entre os objetivos da profissão, a “[...] formação, informação e recreação através de todos os tipos de documentos”, cujos instrumentos incluem a “[...] organização e administração de bibliotecas nacionais, públicas, infantis, escolares, universitárias e especializadas; bibliografias nacionais; catálogo coletivo; intercâmbio nacional e internacional de publicações [...]” e indica as ciências conexas, que incluem a “[...] bibliografia; bibliologia; administração; organização e métodos; psicologia; história da civilização; documentação; ciência da informação; informática; arquivologia; museologia.”

É sempre interessante lembrar que “pão ou pães, é questão de opiniões”, já dizia Guimarães Rosa (1986, p.1), ainda que em ciências e definições técnicas o que se requer é o consenso baseado em fundamentação e em consolidação de conceitos. Então, longe de concordar ou discordar com a definição do Prof. Edson Nery, complementa-se que a Biblioteconomia não se encerra nas paredes de uma biblioteca, nem na formação de acervos, mas fundamentalmente na organização e na disseminação de informação, pensando somente nos extremos de sua interferência.

Totalmente voltada a pessoas, o sentido profundo do trabalho bibliotecário é o outro e suas necessidades de informação. Onde, como, em que circunstâncias, isso pode variar enormemente. O que é imutável, ou deveria ser, é a missão de tornar acessível aquilo de que o leitor precisa, independentemente de crenças pessoais, posições políticas, gêneros, gostos, desgostos... Ainda que a neutralidade seja difícil e muitos acervos se formem a partir da visão de mundo daquele que detém o poder e financia o trabalho, o bibliotecário deve buscar atender todos democrática e amplamente e esse deveria ser um dogma.

Os 60 anos de Biblioteconomia em Brasília foram vividos intensamente pelos profissionais desta cidade tão concreta. Catálogos e conteúdos se tornaram disponíveis virtualmente, conceitos, serviços e técnicas foram aprendidos, apreendidos, rejeitados ou esquecidos, bibliotecas foram abertas e fechadas, usuários podiam estar fisicamente no local ou a milhares de quilômetros distantes e ambos serem atendidos, a necessidade social para a profissão seguiu todos esses anos sendo questionada. Mas a Universidade de Brasília, localmente, e outras universidades que enviaram seus egressos para o Distrito Federal formaram e continuam formando pessoas todos os anos.

Brasília já foi uma liderança na área, no País, com nomes de peso como Antonio Agenor Briquet de Lemos, Antônio Miranda, Cordélia Robalinho Cavalcanti, Edson Nery da Fonseca, Jaime Robredo, Kira Tarapanoff, Murilo Bastos da Cunha, Rubens Borba de Moraes, Suzana Mueller, entre outros. A melhoria nos sistemas de comunicação científica, a formação de doutores no País e a natural renovação na área significou o surgimento de

novas lideranças e outros nomes nas diferentes regiões do País, que têm, também, oxigenado e modernizado a Biblioteconomia.

Seja por convicção, seja por falta de alternativa, têm sido introduzidos outros modos de fazer e ver a profissão, além de adotadas outras técnicas e tecnologias em atendimento a perfis de usuários com modelos mentais de nato digitais, que possuem necessidades diferentes para o hoje e para o amanhã. Atentos a essas inovações, inclusive nas legislações que afetam o exercício profissional dos brasileiros, de modo geral, os egressos dos cursos devem se adaptar aos tempos, sempre pensando no amanhã, porque o hoje...já se foi...

As questões legais afetam o exercício profissional. Em 2019, foi protocolada a Proposta de Emenda Constitucional que tem por objetivo extinguir os conselhos profissionais, que encontra, como todas, adeptos e contrários. Se a ideia vingar, o trabalho que é hoje prerrogativa dos bibliotecário, por lei (BRASIL, 1962, 1965, 1986, 1998), poderá ser exercido por quem se sentir apto e o empregador assim concordar, com o que isso puder ter de bom e de ruim, inclusive com relação à qualidade do trabalho oferecido por profissionais⁴ sem formação específica.

Para além das questões legais, as tecnologias de informação sempre impactaram a área e, mais recentemente, a inteligência artificial tem aberto espaço nas unidades de informação, com atendimentos feitos por meio de assistentes virtuais. Um exemplo é o da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), que lançou, em 2017 a Bia⁵, que pretende responder diversas dúvidas e solucionar problemas na relação dos usuários com a biblioteca, num regime de 24 horas por dia, sete dias por semana.

A competição tem sido implacável. O que não quer dizer que a importância da profissão tenha diminuído ou aumentado. Ela se modifica, como tudo que tem relação com pessoas. Se resgatado Ortega y Gasset (2006, p.11) compreende-se que “As carreiras ou profissões são tipos de atividade humana de que [...] a sociedade necessita. E [uma delas], há cerca de dois séculos, é [a] do bibliotecário.” O autor prossegue dizendo que:

Tudo isso nos mostra que, para determinar a missão do bibliotecário, é preciso partir não do homem que a exerce, de seus gostos e curiosidades ou conveniências, tampouco de um ideal abstrato que pretendesse definir de uma vez por todas o que é uma biblioteca, mas da necessidade social a que serve [a] [...] profissão. E esta necessidade, como tudo que é propriamente humano, não consiste de uma magnitude fixa, mas é, essencialmente,

⁴ Ver acerca da Proposta de Emenda Constitucional 108/2019 em: <https://www.camara.leg.br/noticias/566531-proposta-do-governo-bolsonaro-desobriga-inscricao-em-conselho-profissional/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

⁵ Ver mais detalhes em: <http://www.dbd.puc-rio.br/wordpress/?p=8885>. Acesso em: 20 fev. 2020.

variável, migratória, evolutiva; em suma, histórica. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.16).

Com o significativo título de “Comece uma revolução: pare de agir como uma biblioteca”, Bizzle (2015), conta a história das ações empreendidas na área de tecnologia da Craighead County Jonesboro Public Library (CCJPL), em Arkansas. O autor resume de um modo interessante o que é atuar em Biblioteconomia, independente do posto, após relatar que uma usuária, se fazendo valer de uma das ações da biblioteca, denominada Noite da Genealogia⁶, que ocorre uma vez por ano, descobriu, após a morte dos pais, não ser filha biológica do casal. A partir desse evento, ela descobriu ter sido roubada do hospital ao nascer e após as pesquisas, conseguiu se reconectar com a família biológica. Bizzle diz, então, que:

Estas são as razões pelas quais fazemos o que fazemos. Não estamos no negócio das bibliotecas pelo dinheiro. Estamos aqui porque de alguma forma, ao longo do caminho, nos damos conta de que poderíamos fazer diferença nas vidas das pessoas, trabalhando na biblioteca. (BIZZLE, 2015, p.165, tradução nossa).

Se essa diferença na vida das pessoas acontece nas bibliotecas públicas, nas especializadas e nas escolares ou universitárias isso não é diferente. Não é incomum, em trabalhos acadêmicos, nos livros publicados por editoras comerciais ou universitárias, mesmo de literatura, agradecimentos feitos a bibliotecas e a bibliotecários.

Em outra obra sobre as bibliotecas, apenas lendo o sumário pode-se ver o alcance do trabalho que a formação bibliotecária pode alcançar: bibliotecas podem ser agentes de estímulo econômico, centros de aprendizagem, podem criar redes de segurança, serem gerenciadores do patrimônio cultural, podem ser os berços da democracia, se constituírem do símbolo das aspirações da comunidade (LANKES, 2016). Não se pode compreender essa profissão apenas e exclusivamente associada aos livros, conforme mostra o autor. Eles são fundamentais, mas a atuação permitida pela formação em Biblioteconomia tem relação com muito mais ações e maior alcance, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Conhecimento, informação, dados, acesso, fazem parte do escopo de responsabilidades profissionais da área de informação. E, sobretudo, se não é assim, deveria, o respeito pelas diferenças, a preservação das memórias, a confiabilidade das fontes e o olhar no futuro.

Por 60 anos Brasília viu se formarem por volta de três mil bibliotecários. Alguns permaneceram na profissão outros não, como em todas. Numa cidade com forte presença do poder público, de âmbito federal e distrital, mudanças acontecem ao sabor do governo

⁶ NA: No original Genealogy Night Lock-in.

do momento. Órgãos foram e são criados e extintos e, com isso, acervos se criam e se perdem. No entanto, infelizmente, não se tem dados confiáveis (nem não confiáveis, provavelmente) do quanto foi investido e foi perdido em relação a acervos, produtos e serviços bibliotecários na cidade. Mas a população bibliotecária segue se formando, se aposentando, se enchendo de esperança ou de desespero, conforme o momento.

De todo modo, parece que bibliotecários são feitos de um material que resiste ao tempo e às ameaças. Lankes (2016, p.17, tradução nossa) afirma acreditar “[...] que uma biblioteconomia exemplar, daquela que todos queremos, deva ultrapassar fronteiras.”, que as bibliotecas devem servir às comunidades e que bibliotecários devem ser a intersecção entre “[...] missão, meios de facilitação e os valores que ele traz para a comunidade.” (LANKES, 2016, p. 150, tradução nossa), valores esses associados ao serviço que prestam, à aprendizagem, à abertura, à segurança e à liberdade e honestidade intelectual e cujo trabalho pode ser mensurado a partir do impacto que causam no outro.

REFERÊNCIAS

BIZZLE, Bem. **Start a revolution:** stop acting like a library. Chicago: ALA Editions, 2015. 194p.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 275p.

BORGES, Maria Alice Guimarães; BRITO, Marcílio de. **Criação da Faculdade de Biblioteconomia.** Brasília: UnB/FCL, 2013. 406p.

BRASIL. Decreto nº 56.725 de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. **Diário Oficial da União**, 16 ago. 1965. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Decreto-56725-16agosto1965.pdf>. Acesso em: 11 mar.2020.

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial da União**, 2 jul. 1962. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Lei4084-30junho1962.pdf>. Acesso em: 11 mar.2020.

BRASIL. Lei nº 7.504 de 2 de junho de 1986. Dá nova redação ao art. 3º da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a Profissão de Bibliotecário, e dá outras Providências. **Diário Oficial da União**, 3 jul. 1986. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7504.htm. Acesso em: 11 mar.2020.

BRASIL. Lei nº 9.674 de 26 de junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. **Diário Oficial da União**, 26 jun. 1998. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Lei9674-26junho1998.pdf>. Acesso em: 11 mar.2020.

BUTLER, Pierce. **Introdução à Ciência da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidor, 1971. 86p.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2007. 152p.

LANKES, R. David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: Febab, 2016. 172p.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 301p.

MYRON, Vicky; WITTER, Brett. **Dewey**: um gato na biblioteca. São Paulo: Globo, 2008. 266p.

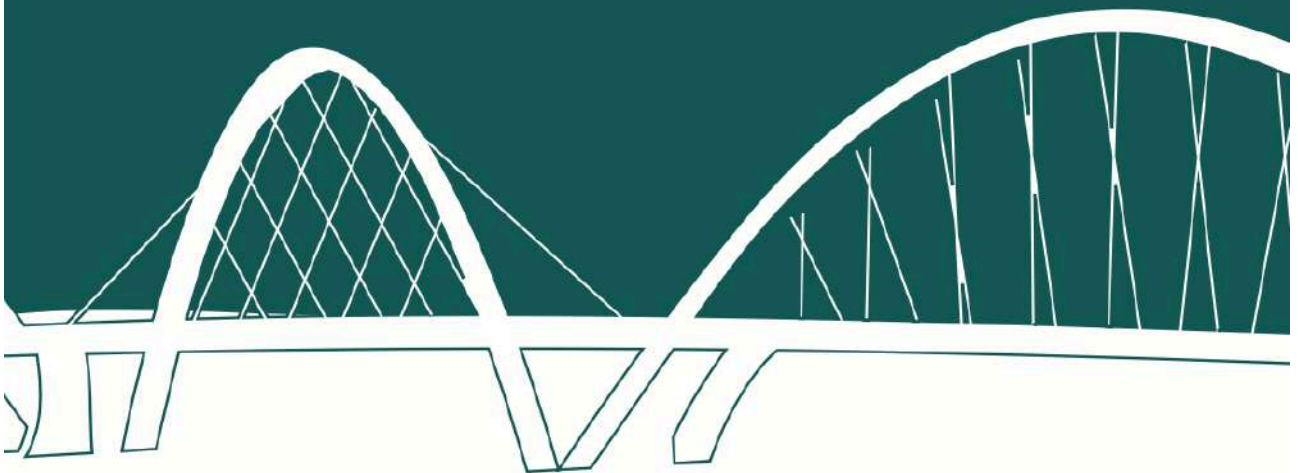
ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2006. 82p.

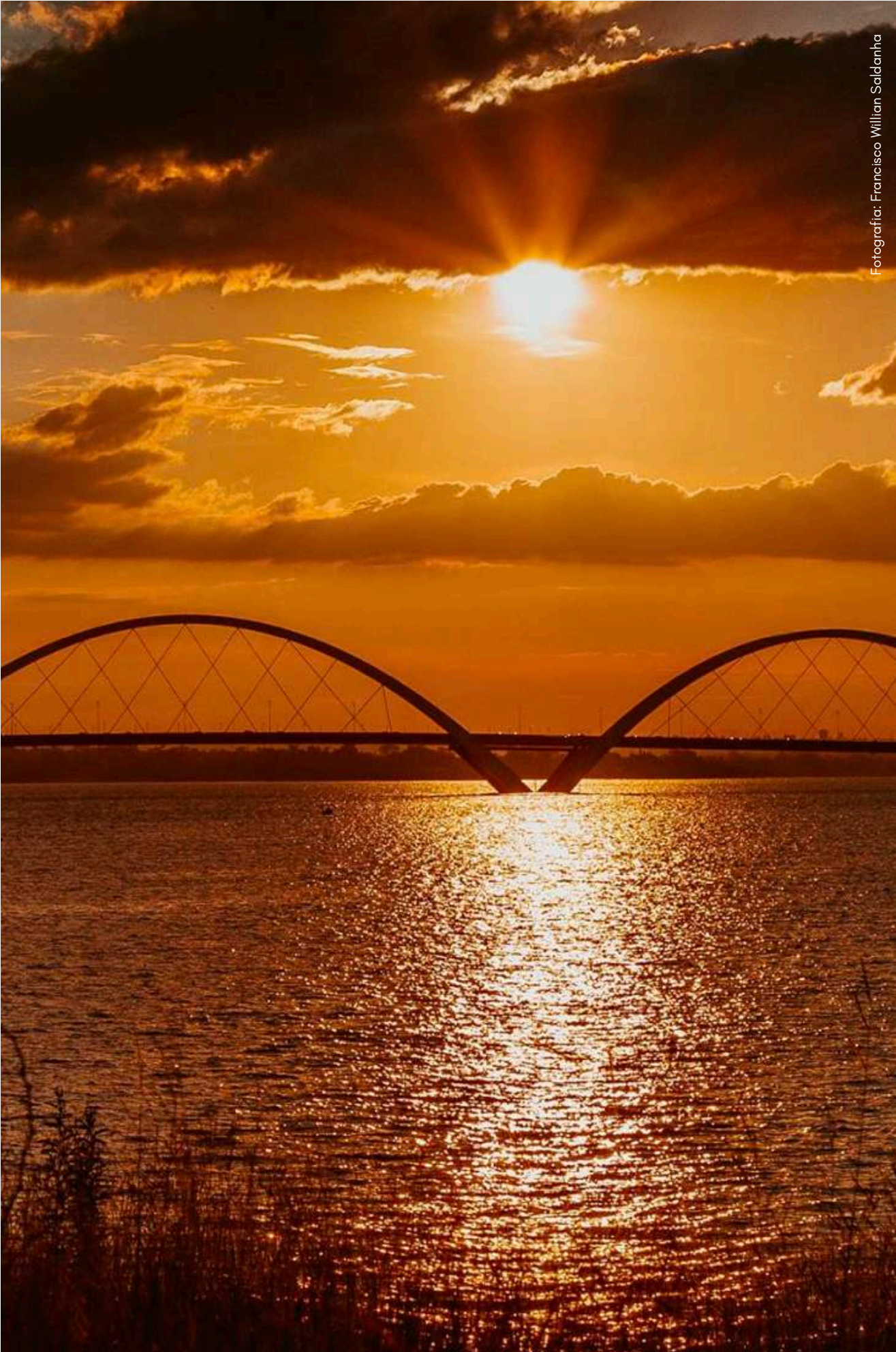
PAPP, Anna Carolina; COELHO, André; GERBELLI, Luiz Guilherme. Estudo mostra que concentração de renda no Brasil pode ser quase o dobro da apurada pelos dados oficiais. **G1**, 30 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/30/estudo-mostra-que-concentracao-de-renda-no-brasil-pode-ser-quase-o-dobro-da-apurada-pelos-dados-oficiais.ghtml>. Acesso em: 3 jan. 2020.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.1

**A BIBLIOTECONOMIA NA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

3





3 A BIBLIOTECONOMIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Michelli Pereira da Costa

A Biblioteconomia é a área do saber que se ocupa do tratamento do conhecimento registrado. A organização dos registros envolve todos os processos do ciclo informacional, desde a sua produção, passando pela descrição, armazenamento e preservação, chegando até a recuperação, divulgação e uso. Tais processos garantem as condições para que o conhecimento registrado esteja apto a ser usufruído em diferentes lugares e temporalidades. A ênfase no uso da informação qualifica ainda mais as técnicas relacionadas à representação e à patrimonialização dos registros de conhecimento, mas essencialmente, identifica a Biblioteconomia como promotora da comunicação humana. Por meio dos suportes informacionais organizados, os saberes escritos compõem a memória da humanidade, que narram feitos e reflexões ao mesmo tempo em que são combustível para novas produções.

Os saberes reunidos no âmbito da Biblioteconomia incluem os paradigmas e as técnicas que visam otimizar os processos necessários à organização e à divulgação do conhecimento em seus diversos registros. No decorrer do tempo, tais registros são apresentados sob a aparência das possibilidades tecnológicas existentes à época. Na Antiguidade e na Idade Média predominavam os registros em suportes de argila, pergaminho e papiro. Na contemporaneidade, o suporte utilizado foi inicialmente o papel e posteriormente contou com o advento dos arquivos digitais, ambos predominam entres os suportes informacionais usados para registrar o conhecimento. A utilização destes suportes não é absoluta, tampouco ameaça a existência da área. Eles são apenas representações de um momento histórico e de suas condições técnicas e tecnológicas.

Mais do que sobre as possibilidades tecnológicas, a Biblioteconomia foi se constituindo ao longo do tempo a partir de técnicas específicas de tratamento e promoção da informação. A atuação profissional no âmbito da Biblioteconomia remonta há aproximadamente cinco mil anos, com as primeiras grandes coleções de registros informacionais em tábuas de argila, arranjadas a partir de embrionárias técnicas de

representação. A necessidade imediata e os usos sociais das coleções de informações criaram as condições para o desenvolvimento da Biblioteconomia como profissão. O acúmulo de métodos e técnicas propiciada pela milenar atuação profissional, somados aos desafios da modernidade, provocaram a formalização do ensino da Biblioteconomia.

No Brasil, o ensino institucionalizado da Biblioteconomia data do início do século XX e é marcado pelas divergências entre as abordagens humanistas e tecnicistas. Conforme Castro aponta (2000), a vertente humanista é comumente relacionada às origens francesas, especialmente pela influência da *École des Chartres*. Seus desdobramentos no ensino da Biblioteconomia se manifestam no caráter erudito e na ênfase para as questões relacionadas à historicidade e natureza da obra. Já a vertente tecnicista, tem como referência padrões americanos dos séculos XIX e XX. A controvérsia estabelecida entre os modelos se deu em função do entendimento sobre a centralidade paradigmática da área, de um lado os elementos humanistas qualificadores da obra e de outro as questões relacionadas ao tratamento técnico da organização e recuperação dos registros informacionais. Esta disputa se refletiu em diferentes intensidades nos cursos existentes à época.

Como forma de conciliar as divergências entre as duas vertentes e as suas expressões nas estruturas dos cursos de formação em Biblioteconomia, foi elaborado, em 1962, um currículo mínimo. A proposta foi fixada pelo Conselho Federal de Educação⁷, que estabeleceu disciplinas comuns e o tempo de duração dos cursos. O ano é um marco para a área no Brasil, tanto sob aspectos educacionais, quanto profissionais. Além do currículo mínimo, a data foi marcada pela aprovação da legislação que regulou o exercício da profissão bibliotecária⁸.

Os dois eventos são igualmente relevantes para a consolidação da Biblioteconomia em âmbito nacional. Castro (2000) ressalta ainda que a regulamentação da profissão foi fundamental para garantir espaço no mercado e valorização profissional, além de estabelecer o curso enquanto ensino de nível superior⁹.

⁷ O Conselho Federal de Educação foi sucedido pelo Conselho Nacional de Educação em 1995. O órgão é uma instância colegiada que integra o Ministério da Educação no Brasil.

⁸ BRASIL. **Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962**. Dispõe sobre a profissão do Bibliotecário e regula seu exercício. Presidência da República, 2010?. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 28 fev. 2020.

⁹ Castro aponta para o **Decreto nº 51.624, de 17 de dezembro de 1962**, como a formalização do reconhecimento pelo poder público da profissão bibliotecária como de nível superior. O decreto foi assinado pelo então presidente João Goulart e pelo Presidente do Conselho de Ministros existente entre 1961 e 1963. No documento é estabelecida uma porcentagem de gratificação para os cargos de nível universitário para funcionários do Poder Executivo. Ao cargo de bibliotecário é estabelecida a gratificação especial de 15%. O texto original do Decreto está disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-51624-17-dezembro-1962-391265-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 28 fev. 2020.

O ano de 1962 foi frutífero também para a discussão do ensino universitário em sentido amplo. Em abril daquele ano foi inaugurada a Universidade de Brasília (UnB). Sua história compõe o plano piloto da nova capital federal, Brasília. Franzini (2018) ressalta que a construção da cidade foi singular, em perspectiva internacional, devido a sua brevidade e dimensão. Os esforços empregados para tal empreendimento representavam a “inserção do país na dinâmica global da modernização capitalista”. Dentre os grandes empreendimentos da nova cidade, evidencia-se a construção da UnB como ponto dialógico e inventivo de atividades culturais e científicas, em âmbito nacional e internacional.

A proposta da UnB foi elaborada por expoentes acadêmicos brasileiros, dos quais destacam-se o antropólogo Darcy Ribeiro e o educador Anísio Teixeira. Eles receberam a missão de materializar as mudanças almejadas para o ensino universitário consonante com as promessas progressistas e modernistas da nova capital. O então presidente, João Goulart, definiu a UnB como “órgão complementar indispensável para dar sentido espiritual e assegurar autonomia cultural ao conjunto de instituições que compõem a cidade-capital” (PLANO, 1962, p. 5). Neste sentido, a Universidade teria por objetivo assessorar no âmbito dos saberes os poderes públicos e, com isso, estar comprometida na resolução dos problemas da sociedade.

Dentre as funções atribuídas à UnB por Darcy Ribeiro está a diversificação e a produção de novas orientações para a formação científica e tecnológica, contribuindo para produção nacional de conhecimento e expansão dos serviços à sociedade. Darcy ainda ressalta a necessidade da universidade se apresentar como um meio para integração latino-americana, nacional e local no âmbito cultural e científico (PLANO, 1962). Diante de funções tão complexas e desafiadoras, a estrutura proposta reflete sua essência. Ela é baseada na integração de institutos, faculdades e órgãos. No Plano Orientador da UnB, publicado em 1962, são elencados sete órgãos principais, dos quais um é a Biblioteca Central, que coordenaria as bibliotecas especializadas dos institutos e faculdades, além de reunir acervos e serviços. Sobre a grandiosidade desse complexo informacional o documento determina: “[...] o acervo básico destas bibliotecas deverá montar a um milhão de obras, representando um dos principais investimentos da Fundação [Fundação Universidade de Brasília - FUB]”. Vinculada à Biblioteca Central foi proposta a criação da Faculdade de Biblioteconomia.

O curso de Biblioteconomia nasceu, portanto, como raiz da proposta transformadora e integradora da UnB. No projeto inicial as faculdades deveriam receber estudantes concluintes dos cursos introdutórios ofertados pelos institutos. Assim, a Faculdade de Biblioteconomia receberia os estudantes com uma formação introdutória nas áreas do conhecimento dos institutos e promoveria a especialização em Biblioteconomia e Documentação. Nesse modelo, os estudantes formados pela faculdade seriam

bibliotecárias(os) especializadas(os) em campos do conhecimento específicos, a saber: ciências exatas, ciências biológicas, geociências, ciências sociais e letras (PLANO, 1962).

Para dar corpo e vida a essa proposta, Darcy Ribeiro convidou o bibliotecário e professor Edson Nery da Fonseca. O professor ficou responsável por disciplinas voltadas para organização do trabalho acadêmico, estruturação da Biblioteca Central e organização do Curso de Biblioteconomia. O início das atividades do curso ocorreu em 1964, com a colaboração de grandes nomes da época, como Rubens Borba de Moraes, Cordélia Robalinho Cavalcanti, Etelvina Lima e Nice Menezes de Figueiredo entre outros. Os esforços empregados para reunir o primeiro corpo docente do curso foi abalado com o golpe militar iniciado naquele ano. O regime autoritário teve como um dos focos de perseguição a recém criada UnB e sua proposta acadêmica, o que resultou na demissão de alguns professores do curso e no cancelamento do curso de pós-graduação lato sensu em Bibliografia Brasileira, iniciado em 1964 e finalizado em 1965. (BORGES; BRITO, 2015).

Apesar do fim do curso de pós-graduação, o bacharelado em Biblioteconomia permaneceu e se desenvolveu. Sua atuação foi especialmente reconhecida em virtude da publicação do Decreto nº 56.725, de 1965¹⁰, que regulamentou a Lei nº 4.084, de 1962 e, portanto, o exercício da profissão bibliotecária. Embora o decreto seja apenas uma afirmação com algumas medidas de operacionalização da legislação já existente, ele é dotado de valor significativo para a área e para o ensino na medida em que reafirma o bacharelado em Biblioteconomia como requisito para a atuação profissional. Ademais, nesse ano foi criado o Conselho Federal de Biblioteconomia, que tem por objetivo fiscalizar o exercício da profissão no Brasil. (FONSECA, 1979).

A partir de 1966, a Faculdade de Biblioteconomia foi transformada em Departamento de Biblioteconomia (DB), vinculada ao Instituto Central de Ciências Humanas

O curso de
Biblioteconomia
nasceu, portanto,
como raiz da
proposta
transformadora e
integradora da
UnB.

¹⁰ BRASIL. **Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965**. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Câmara dos Deputados, 2007. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 27 fev. 2020.

e posteriormente a outras Faculdades¹¹. Desde sua criação, o curso de Biblioteconomia buscou estar atento às demandas da sociedade, o que resultou em reformas curriculares ocorridas em 1984, 1989, 1998. Esta última, relaciona-se com a definição das diretrizes e bases da educação nacional de 1996 e com a Resolução nº 219, de 1996, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UnB, que trata sobre os créditos dos currículos dos cursos. De maneira geral, as reformas buscaram garantir a consolidação de conhecimentos comuns mínimos, ofertados a partir das disciplinas obrigatórias e seletivas, e ampliação para novas conexões e interesses das(os) estudantes a partir das disciplinas optativas e módulos livres. A criação do curso de Arquivologia, em 1991, resultou na alteração do DB para Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID).

A estrutura departamental permaneceu até 2010, quando foi fundada a Faculdade de Ciência da Informação (FCI), que abarca os cursos de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. A reunião dos cursos materializou uma proposta contemporânea da Ciência da Informação, que proporciona a dimensionalidade e a complexidade necessárias para o tratamento e a disponibilização da informação em suas diversas naturezas e possibilidades. As novas perspectivas para o universo informacional na Ciência da Informação se movimentam para a convergência de pontos centrais das áreas, ao mesmo tempo que divergem pela especialização em suas técnicas e métodos.

A inclinação para a articulação entre as áreas provoca novas reflexões e dialoga com desafios contemporâneos de tratamento dos recursos informacionais a partir de sua versatilidade. Tais perspectivas são incorporadas ao curso de Biblioteconomia ofertado na UnB, em consonância com sua proposta raiz. Seus pilares fundamentam-se na mediação de perspectivas antagônicas sem a pretensão de finalização da discussão. O desafio lançado à Biblioteconomia de meados do século XX foi recebido por Edson Nery e sua elucidação tem sido construída em consonância com os propósitos da vanguardista da Universidade de Brasília. O processo de construção se dá de forma colaborativa e contínua, no sentido de aprimorar o campo para o cumprimento da sua função promotora da comunicação do conhecimento produzido pela humanidade.

REFERÊNCIAS

BORGES, M. A.; BRITO, M. **Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB: 1962-1967**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

¹¹ Em 1970 o Departamento de Biblioteconomia passou a integrar a Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (FA), que foi transformada em 2003 para Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação.

BRASIL. **Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965.** Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Câmara dos Deputados [Online], 200/. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 27 fev. 2020.

BRASIL. **Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962.** Dispõe sobre a profissão do Bibliotecário e regula seu exercício. Presidência da República [Online], 2010?. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 28 fev. 2020.

CASTRO, C. **História da biblioteconomia brasileira.** Brasília: Thesaurus, 2000.

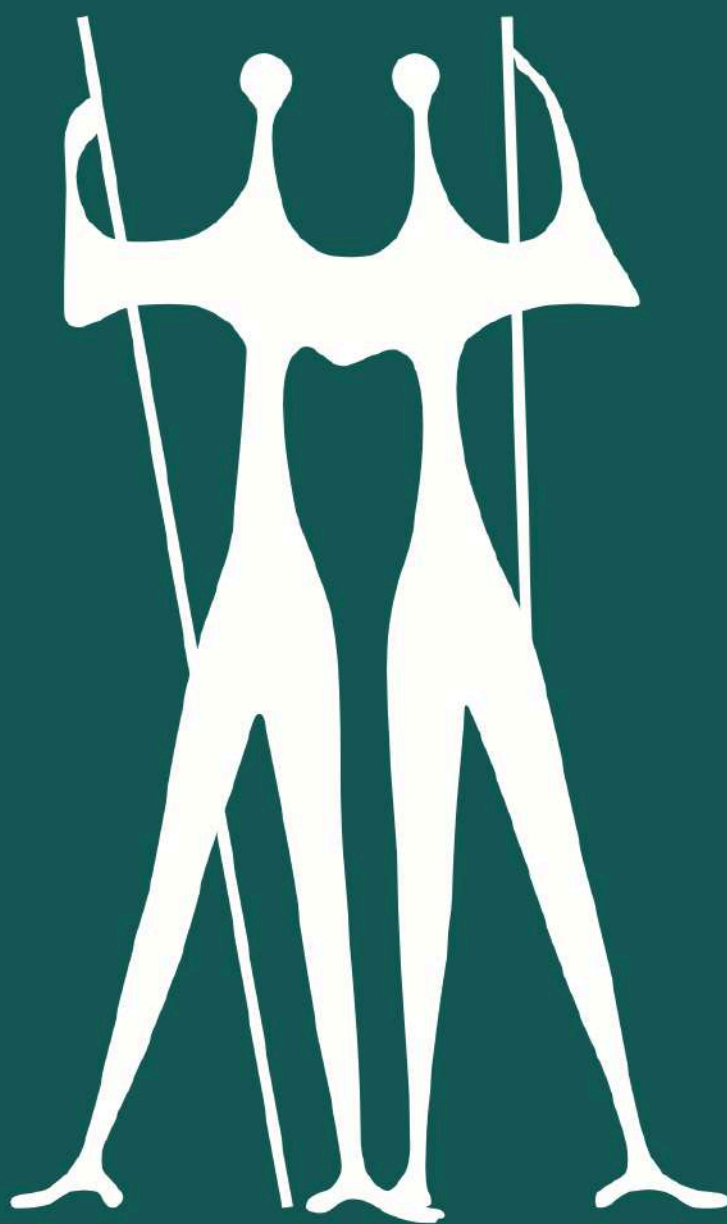
FONSECA, E. N. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

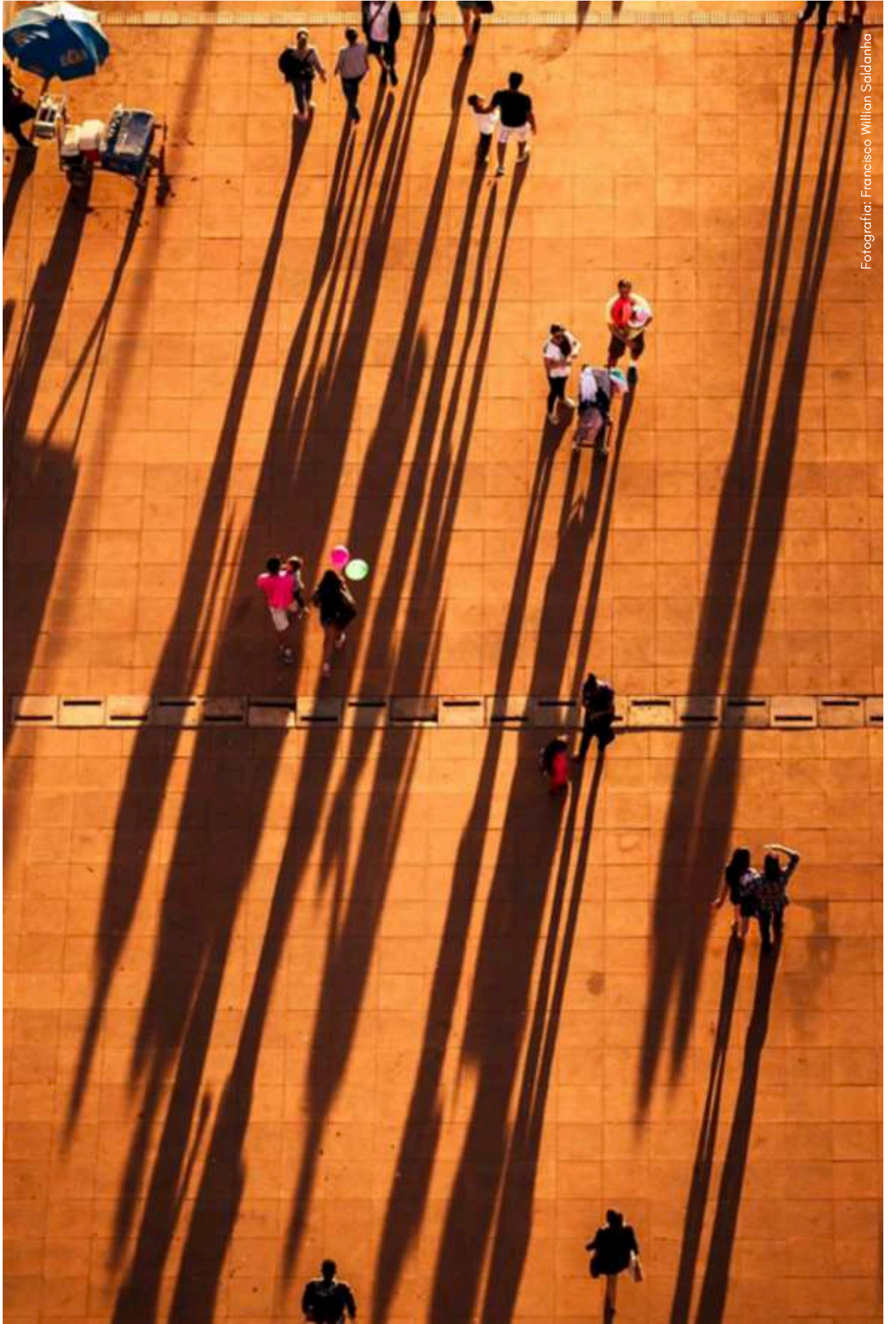
FRANZINI, F. **O conteúdo histórico da forma urbana:** historicidade e cultura histórica nos discursos sobre Brasília. URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 10, n. 2, p. 334-344, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8651577>. Acesso em: fev. 2020.

PLANO orientador da Universidade de Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962. Disponível em: http://www.dpo.unb.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&id=95:1979&Itemid=674. Acesso em: fev. 2020.

**OS PRIMEIROS
BRASILIENSES**

4





Fotografía: Francisco Willian Saldanha

4 OS PRIMEIROS BRASILIENSES

Edilenice Passos

O favorecimento do primogênito - na história, política, economia e religião - é remotíssima. O primeiro filho recebia privilégios, mas também deveres, como explica Silvério (2017):

Vem de tempos imemoriais a tradição da primogenitura, pela qual, com o passamento do pai, o filho mais velho do sexo masculino herdava toda ou a maior parte das propriedades, o título de nobreza, a condição de chefe do culto e a autoridade sobre os demais membros da família. Juntamente com todos esses “bônus”, o primogênito recebia também certos “ônus”, passando a assumir responsabilidades familiares, em substituição à figura paterna do pai provedor.

O peso e a pressão da primogenitura levou, em alguns casos, à renúncia desse privilégio. Em episódio bíblico, Esaú, filho de Isaac, troca a primogenitura com seu irmão Jacó por um prato de lentilhas. Ou o privilégio foi retirado pelo pai por estimar mais o secundogênito ou para punir o primogênito. Como no caso de Rubens, primogênito de Jacó, neto de Isaac, que deveria herdar o direito da primogenitura, mas, por causa de um grave pecado cometido (dormiu com a concubina de seu pai), perdeu esse direito.

Os nobres de grande parte da Europa e Ásia também utilizavam, historicamente, a regra da primogenitura agnática (favorecimento do herdeiro masculino) para a distribuição da herança. Isso impedia que a herança fosse pulverizada e diminuísse a importância do nome da família.

Casos de primogenitura foram tratados na literatura. A famosa escritora Jane Austen relata a questão em dois livros; em *Razão e sensibilidade*, a herança das personagens Elinor e Marianne é passada diretamente do seu pai para o meio-irmão, John Dashwood, que decide deixar as meias-irmãs sem nada; em *Persuasão*, a propriedade de Sir Walter vai diretamente para o seu sobrinho, ignorando suas três filhas (COSTA, 2014). Na

literatura brasileira, encontramos os livros *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, e *Dois irmãos*, do manauara Milton Hatoum. Ambos tratam de perdas, ciúmes e rivalidades que remetem ao episódio religioso, cuja conexão bíblica foi analisada por acadêmicos (MELLO, 2013; PETRAGLIA, 2012).

Uma outra face da moeda da progenitura está no pioneirismo, que parece despertar certo magnetismo ou curiosidade, pois há, aparentemente, uma exaltação com os pioneiros em todas as áreas: a primeira participação feminina em combate (Maria Quitéria de Jesus, 1823); primeira figura feminina a ingressar na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (Maria Augusta Saraiva, 1897); primeira mulher da América Latina a assumir o governo de uma cidade (Alzira Soriano, 1928); primeira transmissão a cores (1940); primeiro homem que pisou na Lua (Neil Armstrong, 1969); primeiro indígena eleito no Brasil (Mário Juruna, 1983); primeiro negro a governar os Estados Unidos (Barack Obama, 2008). Os exemplos são muitos em todas as áreas como a política, artes, ciência, esportes.

A construção de Brasília e, posteriormente, sua inauguração foi acompanhada pelo Brasil e pelo mundo. Ainda quando era um canteiro de obras, foi visitada por políticos, artistas, arquitetos brasileiros e estrangeiros, que queriam ver com os próprios olhos aquele milagre acontecer. Com a nova cidade inaugurada, começa a curiosidade e os registros sobre os primeiros brasilienses e seus feitos. Era a primeira geração que literalmente começava lentamente a nascer.

No primeiro *Censo Oficial do Distrito Federal*, feito em 1960, ano da sua inauguração, Brasília contabilizava 140.164 habitantes. Conforme o esperado, a grande maioria (93,6%) era de pessoas de outros lugares do Brasil. “Na época, 4,2% da população se declarou natural do Distrito Federal, sendo antigos moradores da região.” Somente, em 2010, o censo demográfico mostrou, pela primeira vez, que a população do Distrito Federal era majoritariamente nata aqui. (MARTINS, 2013, *passim*).

Entretanto, identificar o primeiro brasiliense não é tarefa fácil. Em 15 de janeiro de 1957, logo depois de começarem as obras da Cidade, mas antes da inauguração, nascida a primeira criança, Antônio, filho de Antonio Roberto e Sebastiana Pereira Braga (O PRIMEIRO..., 1957). Depois da inauguração, considera-se, oficialmente (FORTUNA, 2019), que foi Brasília Maria Costa Góis, nascida na manhã da inauguração, por volta das 6h15.

Quando os brasilienses foram completando a maioria, a curiosidade retornou sobre os primeiros brasilienses, vejamos alguns exemplos dos pioneiros a: competir em um campeonato de Fórmula 1 – Alex Dias Ribeiro – 1976 (CALVO, 2018); sagrar-se campeão olímpico – Joaquim Cruz, 1984 (COM JOAQUIM..., 2016); integrar o Tribunal Superior Eleitoral – Marcelo Henrique Ribeiro de Oliveira, 2008 (PRIMEIRO..., 2008); assumir a presidência do

Banco de Brasília – Vasco Gonçalves, 2015 (CALCAGNO, 2015); eleito para o comando do Distrito Federal – Ibaneis Rocha, 2018 (ARAÚJO, 2018).

Naturalmente, que essa curiosidade pelos primeiros feitos dos brasilienses se estende à Biblioteconomia.

A Biblioteconomia em Brasília começou com os bibliotecários que foram transferidos para Brasília, reconhecidos profissionais como Edson Nery da Fonseca, e outros que vieram para lecionar como Rubens Borba de Moraes, Astério Campos, Cordélia Robalinho Cavalcanti.

O curso de Biblioteconomia na Universidade de Brasília (UnB) foi criado em 1962, certamente, quando os nascidos aqui ainda frequentavam o jardim de infância. A mais antiga estatística encontrada sobre os bibliotecários formados pela UnB está registrada no Boletim da ABDF:

Anos	Total	% por ano	Total no DF	% do total geral
1966	1	8%	0	0%
1967	12	10%	11	91%
1968	19	16%	15	78%
1969	11	9%	10	90%
1970	13	11%	12	92%
1971	25	22%	25	100%
1972	22	19%	20	90%
1973	10	8%	9	90%
Totais	113	100%	102	90%

Fonte: Boletim ABDF, p. 18-19, out. 1973.

A primeira bibliotecária formada pela UnB foi Maria Lúcia Campello, em 1966 (A PRIMEIRA..., 1973). Até mesmo os 10 bibliotecários formados em 1973, seguramente, não eram brasilienses. Em janeiro de 1977, Laizer Divino de Castro Valadão (O MAIS..., 1977), foi o primeiro brasiliense, com apenas 15 anos, a ingressar na Universidade de Brasília. Naquele ano, 1977, os brasilienses completariam 17 anos e teriam idade suficiente para ter terminado o Segundo Grau. Momento de decidirem sobre o resto de suas vidas, o curso universitário. A escolha pode ter sido feita baseada na vocação, na localização da universidade ou o curso

mais compatível com o horário de trabalho ou aquele com mais chances no mercado de trabalho. Alguns escolheram a Biblioteconomia, cada um teve seu motivo; cada um teve uma trajetória, uma história de vida profissional, aqui em Brasília ou em outra cidade ou país.

Assim como Pierre Verger disse que “Não há um Brasil, são muitos brasis”, da mesma forma não existe uma Brasília, são muitas Brasília. Mas, na Brasília de todos há sonhos, possibilidades, diversidade, pluralidade, cosmopolitismo. Ouvir a voz do brasileiro a contar sua história e de sua família é ouvir a história de Brasília em primeira mão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Saulo. Conheça a trajetória de Ibaneis Rocha, 1º brasileiro a comandar o DF. **Metrópoles**, 28 out. 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/conheca-a-trajetoria-de-ibaneis-rocha-lo-brasiliense-a-governar-o-df>. Acesso em: 5 fev. 2020.

CALCAGNO, Luiz Calcagno. O primeiro brasileiro a ocupar a presidência do BRB é um técnico. **Correio Braziliense**, 5 mar. 2015. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/03/05/interna_cidadesdf,474052/o-primeiro-brasiliense-a-ocupar-a-presidencia-do-brb-e-um-tecnico.shtml. Acesso em: 5 fev. 2020.

CALVO, Eduardo da Motta. **Bólidos envenenados do Planalto Central**: história do automobilismo e do kartismo no DF (1960-1985). Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/22614/1/2018_EduardoDaMottaCalvo_tcc.pdf. Acesso em: 5 fev. 2020.

COM JOAQUIM Cruz, GDF anuncia condutores em Brasília. **GloboEsporte.com**. 28 abr. 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/df/olimpiadas/tocha/noticia/2016/04/gdf-divulga-detalhes-da-passagem-da-tocha-olimpica-por-brasilia.html>. Acesso em: 5 fev. 2020.

COSTA, Fernando Nogueira. Razão e Sensibilidade ou Orgulho e Preconceito face à Herança. **Blog Cidadania & Cultura**, 2014. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2014/12/24/razao-e-sensibilidade-ou-orgulho-e-preconceito-face-a-heranca/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

FORTUNA, Deborah. O(s) primeiro(s) brasileiro(s). **Correio Braziliense**, 16 jun. 2019. Disponível em: <http://www.raimundofloriano.com.br/views/Colunista/123/3>. Acesso em: 1 mar. 2020.

O MAIS jovem universitário do Brasil (15 anos). **Correio Braziliense**, 13 de janeiro de 1977. p. 15. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%20197&pesq=Laizer%20Divino%20de%20Castro%20Valad%C3%A3o. Acesso em: 5 fev. 2020.

MARTINS, Renata. DF já tem maioria da população formada por brasilienses, aponta Codeplan. **EBC**, jun. 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/df-ja-tem-maioria-da-populacao-formada-por-brasilienses>. Acesso em: 2 mar. 2020.

MELLO, Lucius Flavius de. **Dois Irmãos e seus precursores**: um diálogo entre o romance de Milton Hatoum, a Bíblia e a mitologia ameríndia. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-03022014-110556/pt-br.php>. Acesso em: 17 jan. 2020.

PETRAGLIA, Benito. **Dois romances**: estudo comparado de Esaú e Jacó e Dois irmãos. 2012. 212 f Orientador: Paulo Bezerra. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/7744/1/PDF%20TESE.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020.

A PRIMEIRA bibliotecária formada pela UnB foi Maria Lúcia Campello que se encontra em Pernambuco. Isto foi pelos idos de 66. **Boletim da ABDF**, out.1973, p. 11.

PRIMEIRO brasiliense. O Repórter, Uberlândia (MG), 15 jan. 1957. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/138835/per138835_1957_02645.pdf. Acesso em: 1 fev. 2020.

PRIMEIRO brasiliense a integrar a Corte Superior Eleitoral, Marcelo Ribeiro toma posse hoje no cargo de ministro efetivo do TSE. **Migalhas**, 29 abr. 2008. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/59412/primeiro-brasiliense-a-integrar-a-corte-superior-eleitoral-marcelo-ribeiro-toma-posse-hoje-no-cargo-de-ministro-efetivo-do-tse>. Acesso em: 5 fev. 2020.

SILVÉRIO, André. Quando o sucessor não é o primogênito. **Silvério Advogados**, 2017. Disponível em: <https://www.silveiro.com.br/quando-o-sucessor-nao-e-o-primogenito/>. Acesso em 17 de jan. 2020.

DEPOIMENTOS

Não seria possível contar a trajetória de cada bibliotecário formado pela Universidade de Brasília, única no Distrito Federal que possui o curso de Biblioteconomia, por isso serão identificados apenas os primeiros brasilienses na profissão e suas histórias.

EDILENICE JOVELINA LIMA PASSOS (1981, 2018)

A primeira brasiliense a ter o registro no Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região e a primeira bibliotecária brasiliense a receber a Medalha Rubens Borba de Moraes

O ano era 1957. O jovem casal desceu do ônibus. Eles vieram visitar Brasília, ou a ideia do que seria Brasília, o cenário, tantas vezes descrito como “canteiro de obras”, era só poeira e trânsito de caminhões basculantes. A jovem, grávida de seis meses, não se assustou, estava acostumada aos espaços vazios que existiam na fazenda de seu pai. Aquela era uma visita de reconhecimento, o marido já havia decidido que viria para trabalhar na construção da nova Capital. O “canteiro de obras” não era para mulheres, muito menos uma que estava grávida. Por isso, eles se desfizeram da casa em Anápolis (GO), a esposa voltou para a casa dos pais e o marido viajou na boleia de um caminhão até o Planalto Central. A boleia seria sua morada por várias semanas até conseguir uma vaga no alojamento masculino. Fez a inscrição para alojamento de casal, como eram poucos, a espera seria de alguns meses.

Finalmente, em 9 de março de 1958, a esposa chegou de caminhão em Brasília. Seis dias depois, seu primeiro filho nasceu. Estavam morando no Hotel Rio de Janeiro, logo mudaram para o Hotel Cacique até que conseguiram uma casa no Núcleo Bandeirante.

Assim, começou a vida de Almir Vieira Passos e Edeltrudes Lima Passos, meus pais, vida de trabalho e sacrifícios. Pouco tempo depois, o Governo começou a construir

armazéns para os candangos, e estavam oferecendo vagas que incluíam emprego público para a esposa e alojamento no próprio armazém. Meu pai conseguiu a vaga e começaram a trabalhar na Granja do Torto. Outra oportunidade surgiria mais tarde. Queriam povoar Sobradinho (DF) e estavam oferecendo lotes. Papai conseguiu um terreno e, aos poucos e com sacrifício de uma vida de economias, construíram uma casa.

Sempre fui fascinada pela história da cidade que era também a história dos meus pais e da minha família. Papai com memória afiada lembrava dos fatos, das datas e dos nomes das pessoas. Arrendo-me de não ter gravado nossas conversas. Agora não posso mais...Ganhei de meu pai exemplares de *Brasília*, a primeira revista publicada na cidade, e vários cartões postais que mostram os primeiros prédios construídos. Esse material deu início à minha coleção bibliográfica e fotográfica sobre a construção de Brasília.

A cidade me ofereceu estudo público de qualidade. Eu fiz o primário no Plano Piloto, depois estudei no Ginásio do Guará e o segundo grau no Centro Educacional Setor Leste.

Tinha muitas dúvidas sobre o curso universitário. Eu gostava de escrever e ler, então, ingenuamente, achei poderia ser jornalista ou bibliotecária, mas pouco sabia sobre essas duas profissões. Estudar na Universidade de Brasília (UnB) abriu um novo mundo para mim. Imediatamente, comecei a apreciar as matérias e a compreender o que é ser bibliotecário. Eu tinha encontrado a minha vocação.



Foto 1: Convite de formatura da turma de dezembro de 1981, na qual Edilenice Passos se formou. O desenho do convite foi presente do parainfo, Prof. João Evangelista. Na mesa, tem um desenho do autor e da Professora Cordélia Robalinho.

Foi uma surpresa ter sido a primeira bibliotecária brasileira com registro no CRB-1, por causa do meu mês de nascimento - outubro - mais uma causalidade do que um fato que dependeu do meu esforço ou trabalho. Ser bibliotecário não é apenas possuir o curso de

graduação em Biblioteconomia, mas também possuir registro ativo no Conselho Regional de Biblioteconomia. Meu registro no CRB-1 é 780, significa que 779 bibliotecários antes de mim se capacitaram para exercer nossa profissão, a eles devo meu respeito por terem sedimentado a profissão em Brasília, e aos outros que me seguiram devo o trabalho e o comprometimento em fortalecer a classe.

Receber a Medalha Rubens Borba de Moraes foi o ponto alto de minha carreira. Além de ser a mais alta honraria, oferecida pelo Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região, é também um julgamento/eleição feito pelos pares. A Medalha significou ainda que o sacrifício de meus pais não foi em vão.

Às vezes, imaginava como teria sido minha vida se meus pais não tivessem tido o espírito aventureiro e a coragem de serem pioneiros nessa Cidade. Educação e caráter foram forjados por minha mãe que sempre valorizou os estudos, a honestidade e o trabalho. Brasília com certeza me moldou. A mente aberta para a aceitação das diferenças, a apreciação do aspectos modernos na arquitetura, na ciência e na vida social fui encontrar nos lugares que estudei e frequentei aqui na Capital do Brasil.

Meu registro no Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região é 780, significa que 779 bibliotecários antes de mim se capacitaram para exercer nossa profissão, a eles devo meu respeito por terem sedimentado a profissão em Brasília, e aos outros que me seguiram devo o trabalho e o comprometimento em fortalecer a classe.



Foto 2: Colação de grau de Edilenice Passos.

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER (1988)

A primeira bibliotecária brasiliense a concluir o curso de mestrado em Biblioteconomia e Documentação da Universidade de Brasília

Nasci em Brasília, terceira filha dos quatro de meu pai, Ernesto Guilherme Walter, engenheiro por formação, e de minha mãe, Maria de Lourdes Machado Telles Walter, professora por formação, que aqui aportaram em 1958. Ele, filho de suíços migrantes, paulistano de nascimento, mineiro de criação e de estudos, goiano por trabalho, candango por opção. Ela, filha de goianos, criada na pequena Hidrolândia, já tinha visto nascer Goiânia e para cá veio com o marido, construir uma família na cidade por ainda se tornar uma. Minhas duas irmãs mais velhas, Maria Emília e Maria Inez, todos temos os mesmos sobrenomes, com alguns eles a mais ou a menos no Tel(l)es de meu avô materno foram para Goiânia nascer, pois as condições eram mais favoráveis e minha avó materna poderia ajudar. Sete dias depois, ambas já estavam por aqui. Em 1961, foi minha vez de estreiar no mundo, no agosto que antigamente era bem frio na capital. Meu irmão, Bruno, foi o último da prole.

Todos estudamos, os que se casaram o fizeram aqui, com pessoas de outros estados, mas todos os filhos – são oito sobrinhos biológicos, mais dois por adoção – são aqui nascidos e já estamos na segunda geração de brasilienses, com a minha sobrinha neta querida, risonha e que gosta de música, como todos na família. No meu caso, não tive filhos biológicos, mas os tenho por herança e amor incondicional.

Aqui vimos a cidade crescer, conhecemos as histórias pitorescas da construção desta capital tão diferente e concreta e nos desenvolvemos como família – com brigas e reconciliações, claro!, afinal, que vida, efetivamente vivida não tem seus problemas? –, como pessoas, como profissionais. A despeito da acusação de cidade sem esquina (nunca senti falta de uma...), fria e pouco acolhedora, amigos foram sendo agregados, alguns viraram irmãos e irmãs do coração, e assim fomos todos crescendo juntos.

Minha família sempre teve a educação como um valor e o vestibular era um marco, que, no meu caso, assinalou e confirmou uma escolha familiar pela Biblioteconomia, com duas tias predecessoras – Marietta Telles Machado e Maria Amélia Teles Di Machado –

seguidas, muitos anos depois, por Maria Augusta, que posteriormente veio morar em Brasília e, finalmente, Vitor, falecido tão triste e precocemente em 2019. Assim, em 1979 entrei na Universidade de Brasília (UnB), para seguir uma escolha que foi determinante em minha vida.



Foto 3: Família Machado Teles e Família Walter.

Em pé, da esquerda para a direita: Ernesto Guilherme Walter (pai) e Maria de Lourdes Machado Teles Walter (mãe), Maria Amélia Teles Di Machado, José André Teles Machado, Marietta Telles Machado, Francisco de Assis Machado Teles, Antônio Carlos Machado Teles, Elza Machado Teles, Olintho Machado Telles (tios).

Sentados, da esquerda para a direita: Ernesto Emílio Walter (avô paterno), com Maria Inez Machado Telles Walter (irmã), Emy Elisa Wanner Walter (avó paterna), com Bruno Machado Teles Walter (irmão), Auristela Machado Teles (avó materna) com Maria Tereza Machado Teles Walter e Olavo Teles (avô materno) com Maria Emília Machado Telles Walter (irmã).

Amei a universidade, com sua diversidade e pluralidade, suas infinitas possibilidades, num processo formativo que permitia frequentar os diferentes departamentos e conhecer outros tantos perfis profissionais, apenas para confirmar que o meu amor pelo curso, com o que tinha de bom e de ruim, era realmente forte!

Sempre adorei esta cidade e o curso, que me permitiram viver a partir das escolhas que fiz. Brasília, com as representações diplomáticas e gente oriunda dos diversos estados, tinha uma vocação cosmopolita...ainda pode ter... Por um breve período quis me mudar, mas, depois disso, fiz daqui o meu local de pertencimento, por nascimento e, posteriormente, por escolha.

E segui a vida profissional... Conclui o curso em 1982 e continuei sendo agraciada com exemplos vários, aprendizado contínuo, oportunidades muito interessantes. Fiz mestrado, um curso longo e cheio de percalços, tive empregos bem diferentes para, após cinco anos após formada, pela primeira vez, atuar numa biblioteca e confirmar que é nelas que encontro meu perfeito *habitat*, isso nos idos de 1989, na Embrapa Cerrados. Por lá fiquei por 11 maravilhosos e profícuos anos.

Em 2000 fiz e fui aprovada em concurso público, após alguns fracassos anteriores, para o Supremo Tribunal Federal, outro local que me deu amigos queridos e no qual tive muitas interessantes oportunidades. Pude cursar o doutorado que, mesmo entremeado de questões de doenças familiares, foi um momento de aprendizagem em que pude desfrutar do prazer e da tensão de buscar o novo, já mais velha e mais experiente, mas não menos preocupada com a profissão e com os bibliotecários.

O doutorado me deu conhecimentos, amigos queridos e um outro olhar. Todos os meus cursos devo à UnB. Tem defeitos? Claro! Quem não os tem? Mas para quem quiser explorar...tem muito mais!

Sou fruto desta terra, desta cidade, deste modo de ser, desta família expandida que possuo, das relações que foram construídas e mantidas e daquelas que o tempo e as circunstâncias afastaram. O apreço e o apego à cidade não me fizeram cega aos seus problemas, seu modo segregado de fornecer diversão, informação e boas bibliotecas. Mas ainda há todo um futuro para corrigir os erros de projetos e democratizar acessos, espaços, cultura, educação para todos. Afinal, sou bibliotecária, sobretudo, e isso me define muito como pessoa e como vocação para pensar no outro e em suas necessidades várias, a começar pela educação e pela informação de qualidade!

Afinal, sou bibliotecária, sobretudo, e isso me define muito como pessoa e como vocação para pensar no outro e em suas necessidades várias, a começar pela educação e pela informação de qualidade!

ROGÉRIO HENRIQUE DE ARAÚJO JÚNIOR (2005)

O primeiro bibliotecário brasiliense a concluir o curso de doutorado em Ciência da Informação na Universidade de Brasília

Brasília é a cidade símbolo de um período histórico considerado por muitos o ápice do desenvolvimento que consolidava, naquela altura, a interiorização do país. Citada em sonhos e profecias, a existência da cidade cumpria uma promessa formulada quando do processo de independência do Brasil em 1822, e por isso, a mudança da capital do país tornou-se um desafio icônico e quase esquecido no final da década de 1950. A Cidade acabaria por viabilizar a interiorização do Brasil interligando, por acessos rodoviários planejados, regiões antes isoladas e só percorridas por bandeirantes em trilhas abertas nos séculos XVII e XVIII.

Nesta Cidade de sonhos e possibilidades, pessoas atraídas para uma nova vida se encontraram e deitaram raízes em um território de grande vazio populacional. Esta história é a minha história que, desde a mais tenra idade, ouvíamos insistentemente nós, os brasilienses das primeiras gerações.

Vim a lume quatro anos após o golpe militar de 1964 e passei a infância nos primeiros anos do regime a escutar narrativas absurdas de abusos de poder, censura e desrespeito aos direitos e garantias fundamentais dos cidadãos. Os grandes dilemas daquele infante era se tínhamos espaço para um futuro e se o Brasil pagaria a dívida externa que, como uma besta, ameaçava engolir a imensa e supostamente rica nação.

Como qualquer brasiliense, a juventude vivida nos anos 1980 trouxe grandes mudanças demográficas para o país. A parcela jovem da população representava a maioria absoluta de todos os brasileiros que demandavam serviços e oportunidades que o Brasil não oferecia. Este estado de coisas contribuiu para a deterioração do regime que se desfez em meados da década, período que ficou marcado pelo bordão “abertura lenta e gradual” e

pelo movimento intitulado das “Diretas Já”, em alusão à luta pelo direito de voto da população brasileira.

Na cena de Brasília, a música ambiente era o rock “brasiliense”, visceral e contestador que marcou a nossa geração, muitos vão lembrar do “Projeto Cabeças” e dos Teatros Galpão, Galpãozinho e Garagem que também fomentaram a vida cultural da Cidade. Outros vão lembrar, e eu me lembro bem, dos ensaios da Legião Urbana no Edifício Brasília Rádio Center na Asa Norte, nas tardes de sábado e do show no Estádio Mané Garrincha que não terminou. Os dias eram assim naqueles tempos.

A sequência cronológica nos colocava, nos anos 1980, na condição de tomar um rumo na vida, ou seja, os que tinham oportunidades mais polpudas prestavam o vestibular para a Universidade de Brasília, que parecia ser um divisor de águas ou uma espécie de rito de passagem para um futuro menos incerto. Aqueles que não tinham esta oportunidade iniciavam do jeito que dava a vida profissional.

Lembro-me bem que o vestibular organizado pela Copeve da UnB oferecia três opções de curso, conforme as prioridades escolhidas pelos candidatos, assinalei os três cursos que me interessavam na seguinte ordem: Arquitetura, Biblioteconomia e Administração e, sem dúvida, não me arrependi de ter sido aprovado em Biblioteconomia, área que tomei conhecimento por intermédio de uma prima bibliotecária. Até hoje me recordo do número de matrícula: 86/15055. Na Universidade construí o meu perfil profissional e me interessei por pesquisa e docência, agora tendo a certeza de que a dívida brasileira seria uma danação eterna.

Foi na UnB, também, que conheci minha esposa, Patricia, também bibliotecária e acompanhei a trajetória dos meus filhos Isabelle e Luiz que se formaram em Jornalismo e Economia.

Após a formatura, atuei em diversas instituições públicas e privadas e, finalmente, me encontrei como docente e pesquisador antes mesmo de concluir o doutorado em Ciência da Informação ao passar em concurso público para Professor de Magistério Superior na Universidade de Brasília, que, naquele momento, se juntava com Brasília para formar um arquétipo do qual nunca pude e nem quis me livrar.

Nestes anos todos, lá se vão mais de vinte anos, buscar novos conhecimentos e formar pessoas e profissionais trazem sempre a sensação de uma tarefa peculiar que exige dedicação, esforço, paciência e cuidado contínuos, que no meu entendimento busco retribuir à minha Cidade e à minha Universidade ao lidar com a geração de novos brasilienses.



Crédito: Arquivo Pessoal.

Nesta Cidade de sonhos e possibilidades, pessoas atraídas para uma nova vida se encontraram e deitaram raízes em um território de grande vazio populacional. Esta história é a minha história que, desde a mais tenra idade, ouvíamos insistentemente nós, os brasilienses das primeiras gerações.

Foto 4: Posse de Rogério Henrique de Araújo Júnior como Vice-Diretor da Faculdade de Ciência da Informação em 2018.

Na mesa está a Reitora Prof^a Márcia Abrahão Moura, o Diretor que estava tomando posse, Prof. Renato Tarciso Barbosa de Sousa e a Diretora que estava deixando o cargo, Prof^a Fernanda Monteiro.

MICHELLI PEREIRA DA COSTA

A primeira bibliotecária brasiliense a passar em concurso público para docente em Biblioteconomia (2017)

A construção da minha trajetória na Biblioteconomia e na Universidade de Brasília

Meu encantamento e amadurecimento com a Biblioteconomia se deu por meio do entendimento da educação como instrumento para emancipação humana. Conheci parte do universo da Biblioteconomia com minhas queridas tias bibliotecárias (formadas na UnB), Maurinete Santos e Márcia Pereira, ambas me mostraram, cada uma de um jeito singular, a riqueza e as liberdades que o acesso aos conhecimentos e às diferentes culturas poderiam oferecer. Entendi ali



Crédito: Arquivo pessoal

Foto 5: Maurinete Santos e Michelli Pereira da Costa (Esquerda para direita)

que o universo dos livros e dos discos me aproximava de novos espaços e ideias, que reinventavam minha própria existência e me proporcionavam condições para ser e sentir de maneira particular e também coletiva. Portanto, minha relação com a Biblioteconomia faz parte da história da minha família com a área, com a Universidade de Brasília e a cidade.

Sou filha de candangos, que com trabalho e sonhos ajudaram a construir Brasília, a cidade que semeava esperanças de novas oportunidades para uma vida melhor. Minha mãe veio do interior de Minas Gerais para trabalhar como empregada doméstica e continuar os

estudos, pois sempre acreditou que a educação é a maior riqueza que poderíamos ter. Meu pai veio do sertão paraibano acompanhando o fluxo migratório de seus conterrâneos, irmãos e amigos. Aqui, foi operário, professor e funcionário da Universidade de Brasília. Na UnB meu pai vislumbrou a oportunidade de se realizar na capital da esperança, onde ele trabalhou desde a década de 70 até se aposentar em 2014. Ele colaborou para a construção desta universidade, mesmo não tendo a oportunidade de estudar ali, e criou condições para que eu pudesse me formar e continuar contribuindo com a construção desse espaço.

Desde a infância foi crescendo em mim uma grande admiração por essa universidade enquanto espaço de saber e de encontros. Quando secundarista, participei de movimentos estudantis que me aproximaram ainda mais da UnB e da Biblioteconomia. Em 2006 iniciei minha atuação em projetos de educação popular com a alfabetização de jovens e adultos. Nessas experiências tive a oportunidade de contribuir para a criação da biblioteca comunitária da Cidade Estrutural, a Biblioteca Beija Flor. Ela ficava ao lado da entrada do lixão localizado na cidade, que na época representava o maior depósito de lixo do Distrito Federal. Parte do acervo da biblioteca foi resgatado pelos catadores e recicladores que atuavam na região. A reunião do material em um galpão nos arredores do lixão tinha por objetivo proporcionar novas oportunidades por meio da educação. A biblioteca comunitária também foi utilizada como espaço para a turma de alfabetização de adultos, da qual participei como educadora. Lá percebi que o suporte da biblioteca no processo de ensino e aprendizagem tem um valor significativo na educação, na medida em que promove práticas autônomas e personalizadas de construção coletiva do conhecimento.

A experiência na biblioteca comunitária e na educação popular fortaleceu meus laços com a Biblioteconomia e me trouxe para o curso de graduação em 2007 na UnB. Durante o curso, aprendi sobre as técnicas de organização e recuperação da informação, que efetivamente permitem que o conhecimento produzido e registrado esteja amplamente disponível. Aprendi também que as bibliotecas são mais do que espaços para livros e saberes registrados. Elas são instrumentos para a socialização do conhecimento entre as pessoas. Sua principal motivação, objeto e alvo são as pessoas. Essencialmente aprendi que a função social da Biblioteconomia se desdobra no aprimoramento de discussões, métodos e técnicas para democratizar o conhecimento produzido pela humanidade, o que assumi como um compromisso.

Em minha trajetória na UnB entendi que a universidade é um espaço privilegiado e competente para a produção de conhecimento e que, portanto, precisa estar acessível a todos. Aprendi na Biblioteconomia que democratização desse espaço passa também pela garantia de acesso ao conhecimento produzido por elas. Foi assim que eu me aproximei das discussões acerca da ciência aberta, sob a contínua orientação e parceria com o Prof. Fernando Leite. As principais alegações da ciência aberta reafirmam a necessidade de

transparência e ampla disponibilização de recursos para tornar o espaço da ciência mais democrático, inclusivo e eficiente. Suas dimensões discursivas e operacionais desdobram-se entre as perspectivas do acesso aberto às publicações científicas, abertura dos dados de pesquisa, *software* livres, metodologias abertas, uso de recursos científicos compartilhados e a promoção da ciência cidadã. No mestrado investiguei como os repositórios criados e mantidos pelas bibliotecas das instituições produtoras de conhecimento científico na América Latina estavam contribuindo para o avanço dos objetivos do acesso aberto. Já no doutorado discuti sobre a ampliação das questões informacionais no âmbito da abertura dos dados de pesquisa e as problemáticas que lhes são decorrentes.

Ao mesmo tempo em que realizava parte das pesquisas, tive a oportunidade de atuar na promoção de políticas públicas para o acesso aberto no Brasil. Trabalhei de 2011 a 2014 no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em um laboratório dedicado ao tema. Lá foi planejada e operacionalizada uma grande infraestrutura para a promoção do acesso aberto no país. Avalio que minha formação e atuação como bibliotecária e pesquisadora foram significativamente aperfeiçoadas no frutífero tempo em que estive no IBICT.

Apesar da grande admiração pelo trabalho realizado no IBICT sabia que minha vocação era para o ensino da Biblioteconomia. Em 2015 iniciei minha atuação como docente do curso de Biblioteconomia da UnB, primeiro como professora substituta e depois como efetiva. Ao longo do breve caminho percorrido pude confirmar alguns enunciados, problematizar outros e dimensionar, ao menos em parte, os novos desafios da área. Aprendendo e ensinando vou me entendendo como parte ativa e responsável pelo desenvolvimento da Biblioteconomia e da realização da sua função de democratização do acesso aos conhecimentos.

[...] as bibliotecas são mais do que espaços para livros e saberes registrados. Elas são instrumentos para a socialização do conhecimento entre as pessoas. Sua principal motivação, objeto e alvo são as pessoas.

MARGARETH MENICUCCI

A primeira brasileira a presidir o CRB-1 (1989)

Às vésperas do Carnaval 2020 fui surpreendida pelo contato da colega Edilenice, com quem trabalhei por mais de quinze anos na mesma Instituição, com o seguinte pedido: “- Estou auxiliando o CRB1 a preparar um livro sobre os 60 anos da Biblioteconomia em Brasília. Você foi a primeira brasileira a presidir o Conselho. Poderia escrever um texto sobre sua vida, sua infância em Brasília, seu trabalho no CRB-1 e sua vida profissional?”

Que surpresa! Eu mesma, não sabia de tal fato.

Falar sobre “primeira brasileira a ...” é uma situação que faz lembrar minha infância. Nasci dezoito meses após a Inauguração da Cidade. Meus pais, profissionais da área da saúde, se conheceram aqui, ainda antes da inauguração de Brasília, quando trabalhavam no único hospital existente à época, o extinto Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, local que atualmente é ocupado pelo Museu Vivo da História Candanga, próximo ao Núcleo Bandeirante. Foi lá que nasci.

Uma das peculiaridades de Brasília é que foi habitada, no seu início, por cidadãos vindos de várias partes do País. Os imigrantes vinham sem as suas famílias e aqui chegavam carentes de entrosamento social. Pra conhecer gente nova e criar novos laços de amizade a pergunta “quebra-gelo” mais comum numa primeira conversa, era: “- E você, morava onde antes de vir pra cá?”. Ou então essa outra: “- Onde você nasceu?”.

Da minha infância até iniciar o Curso de Biblioteconomia, aos 17 anos, as perguntas acima eram as que eu também sempre ouvia. E ao respondê-las, o comentário seguinte à minha resposta era: - “É mesmo? Você é a primeira brasileira que conheço!”. Ou então: “- Mas Brasília tem só “x” anos, você não pode ter nascido aqui!”. Esse último comentário se referia também a minha estatura física, acima do padrão pra época. Mas essa é outra conversa, voltemos ao nosso tema.

Foi bem fácil passar a infância numa cidade recém inaugurada. Tudo era novidade e virava festa. A inauguração do Cine Karin (perto de onde eu morava), da Torre de TV e sua Fonte Luminosa, da Catedral, do Shopping Conjunto Nacional e do Parque da Cidade fazem parte das minhas memórias de criança.

Fui uma estudante aplicada, e amante dos livros. Era perfeitamente natural não me juntar aos amigos do prédio, durante as brincadeiras em grupo. Descer do apartamento pra andar de bicicleta, jogar “queimada” ou apenas papear, sempre competia com o meu livro do momento. Soube depois que eu era considerada “diferente” por me divertir viajando na leitura. Como nada é por acaso, já era a vida me mostrando que a minha felicidade estaria entre os livros, o conhecimento e a informação registrada.

E foi por gostar dos livros que escolhi a Biblioteconomia. Contudo, a primeira opção de curso de graduação foi Relações Internacionais, possibilidade de viajar também com o deslocamento físico. Mas a minha realização pessoal e profissional viria mesmo da minha segunda opção, quando da inscrição no Vestibular, (em 1979 era possível escolher duas opções de graduação). Cursei Biblioteconomia na UnB. Entre os livros, continuei viajando sem sair do lugar. Formei-me aos 21 anos, e não sei quantas, dentre as doze Formandas da Turma de julho de 1983, já eram nascidas em Brasília.

Durante o meu período de estudante, trabalhei como auxiliar de biblioteca no Centro Universitário do Distrito Federal - UDF. E foi por convite da minha ex-chefe daquela biblioteca, a bibliotecária Consuelene Marques, que eu fui parar no Conselho Regional de Biblioteconomia - 1ª Região.

Inicialmente prestei serviço voluntário no CRB-1. “- Mas por que fui voluntária no CRB-1?”. A resposta é bem simples: mesmo já sendo bibliotecária registrada, na época eu ainda não tinha o tempo de registro profissional necessário para integrar a Chapa que disputaria as Eleições do Conselho em 1984.

Entretanto foi como voluntária no Conselho que eu tive a oportunidade de participar de um Grupo de Trabalho do qual muito me orgulho: fui da Comissão de Organização que, sob a iniciativa da Diretoria da CRB-1 à época, promoveu, em abril de 1987, a criação da Medalha em honra ao mérito bibliotecário.

Então, após a eleição da referida Chapa, entre os anos de 1985 a 1987, fui membro-voluntário na Diretoria do CRB-1. Posteriormente, fui conselheira do CRB-1 entre os anos de

1988 a 1990, tendo sido Presidente em 1989. Naquela época a receita do CRB-1 era tão baixa, que não havia recursos financeiros para pagar o “*jeton*” de nenhum dos membros da Diretoria. Os conselheiros não recebiam nenhuma ajuda para custear sequer o deslocamento até a Sede, a fim de participarem nas Reuniões mensais do Conselho. Todos sempre trabalharam sem qualquer valor pecuniário em retribuição simbólica. E já naquela época a gasolina não era nada barata!

Entretanto foi como voluntária no Conselho que eu tive a oportunidade de participar de um Grupo de Trabalho do qual muito me orgulho: fui da Comissão de Organização que, sob a iniciativa da Diretoria da CRB-1 à época, promoveu, em abril de 1987, a criação da Medalha em honra ao mérito bibliotecário.

A ideia surgiu como forma de festejar os 20 anos do CRB-1, através de uma homenagem ao profissional que houvesse se destacado por sua atuação em Brasília, até então. Fato que se concretizou meses depois e que destaco como marcante durante os anos em que trabalhei pelo Conselho.

A Comissão organizadora foi coordenada pela bibliotecária Adélia Lúcia A. S. Gil, e contou com a participação das colegas Consuelene Marques, Donatila de Fátima C. Pereira e Tereza Cristina F. S. Franco, além de mim, na condição de bibliotecária voluntária. Os Conselheiros haviam decidido que o patrono da Medalha seria o ilustre bibliotecário e bibliófilo (dentre outras atividades que exerceu), Rubens Borba de Moraes, pioneiro da Biblioteconomia no País, falecido em setembro do ano anterior, em 1986.

Depois de muito pesquisar aqui em Brasília, descobrimos que somente um profissional realizava a cunhagem de medalhas sob demanda, e era o mesmo que produzia as medalhas de Honra ao Mérito entregues pelo Governo do Distrito Federal-GDF.

A medalha idealizada e pretendida pelos membros do CRB-1, deveria ser metálica, folheada a ouro, com 4cm de diâmetro e ter o perfil de Rubens Borba em alto relevo, além dos emblemas da Biblioteconomia no reverso, características mantidas até os dias de hoje. Para atender tais especificações, a cunhagem da mesma foi orçada num valor absurdo para as finanças do Conselho. Mesmo antes de recebermos a proposta de orçamento para a confecção da Medalha, a Diretoria do CRB-1 já havia sinalizado que deveríamos procurar patrocinadores externos. Refeitas do susto inicial com o valor, nós da Comissão de Organização, saímos em busca de um patrocinador que tornasse a ideia possível.

Como já dito, no ano anterior, em 1986, ocorreu o falecimento de Rubens Borba de Moraes. Ele destinou, a maior biblioteca de livros raros sobre o Brasil, com cerca de 2300 obras, ao casal de amigos José e Guita Mindlin.

Sabendo desse fato, a Coordenadora da Comissão, Adélia Lúcia, conseguiu que a Biblioteca Mindlin, na pessoa do próprio José Mindlin, empresário e bibliófilo brasileiro falecido em 2010, patrocinasse os custos com a cunhagem da Medalha.

Curiosamente, produzir uma única peça da Medalha ou mais unidades, custaria o mesmo valor. A justificativa do fabricante era que, caro mesmo, era o molde, e por sugestão do próprio, solicitamos a cunhagem de mais de uma unidade, afinal a quantidade, naquele caso era indiferente ao valor final da aquisição. Felizmente tal custo foi suportado por José Mindlin e quando recebemos as Medalhas prontas, vibramos como se fôssemos nós os homenageados.

E assim se concretizou a premiação que atualmente agracia não apenas os bibliotecários de Brasília, mas também outros profissionais que se destacam por suas contribuições efetivas e significativas para a Biblioteconomia, nos Estados que compõem o CRB-1.

A solenidade ocorreu em agosto de 1987, Aníbal Rodrigues Coelho foi o escolhido e contou com a presença do próprio José Mindlin, que veio de São Paulo especialmente para prestigiar a homenagem ao seu falecido amigo, conforme o registro fotográfico. É ou não é para ter orgulho de ter participado da criação desse feito?



Fotos 6 e 7: Aníbal Rodrigues e José Mindlin

Como bibliotecária concursada trabalhei primeiramente no Centro de Documentação do Instituto de Desenvolvimento de Recursos Humanos-IDR, órgão vinculado ao GDF. Fui a primeira bibliotecária daquele Instituto (a biblioteca estava em fase de criação), e tive a feliz oportunidade de organizar o Centro de Documentação, cujo acervo se encontrava depositado em caixas empoeiradas, numa sala trancada e sem acesso aos usuários. Após 10 anos no IDR, passei no primeiro concurso específico para bibliotecário do Senado Federal, onde trabalho até hoje.

Ao longo desses 36 anos na profissão, tenho orgulho de afirmar que a Biblioteconomia, com certeza, sempre foi motivo de realização, alegria e felicidade na minha vida.

HYLDEGARDES CAVALCANTI CASTILLO DE MAGALHÃES MELLO

A primeira brasileira a presidir a Associação dos
Bibliotecários do Distrito Federal (2003-2004)

Desde que me entendo como gente sempre gostei de ler. Quando era bem pequena, meu pai sempre trazia revista em quadrinhos quando chegava do trabalho. A leitura tornou-se uma companheira incrível, que me levava a lugares e situações inimagináveis, era como viajar sem sair do lugar, confesso que era uma criança cheia de imaginação e bastante feliz. Também amava a natureza e vivia correndo, brincando, sempre descalça, subindo em árvores, aproveitando muito o espaço natural que existia na cidade ainda com poucas construções e com muitas pessoas que vinham de outros lugares. Essa cidade era Brasília.

Contemos essa história do começo. Meus pais moravam em Salvador com meu irmão mais velho, que na época tinha 10 anos, quando meu pai soube da construção da nova cidade. Aquariano e sempre ansioso por novidades, resolveu se candidatar ao trabalho como policial nessa cidade. Inicialmente viria sozinho e posteriormente traria esposa e filho. Minha mãe, não muito contente com essa história toda, porém conformada com as excentricidades de seu marido, acabou aceitando a ideia. Aí começa tudo...

Nasci em Brasília e ainda criança tinha muito orgulho disso. Era uma menina muito brava quando diziam que eu era candanga pois sabia que candangos eram os operários que construíram a cidade. Meu pai era pioneiro pois veio a trabalho para a cidade e eu era nascida na cidade. Realmente as pessoas eram muito ignorantes em relação aos fatos da minha cidade e dos primeiros habitantes e cidadãos realmente brasilienses. Na adolescência, mais polêmicas, agora em relação aos comentários sobre condutas dos políticos, como ficava brava com isso, era realmente muito briguenta, defendendo com força a honra da minha cidade e dos poucos brasilienses tão jovens quanto eu.

Os livros acompanharam o meu caminhar pela adolescência, na vida escolar. Estudando em colégios tradicionais da cidade, lia bastante os clássicos e costumava gastar todo o dinheiro que meus pais, avó e tias me davam em livrarias, era quase um vício, um bom vício por sinal. Ao escolher um curso superior optei por um que me possibilitasse escrever e tivesse um viés mais social, possibilitasse um trabalho junto ao povo, pois sempre sonhei em denunciar os erros e auxiliar aos que necessitassem de auxílio. Então fui para o jornalismo. Depois de formada e trabalhando na área, surgiu uma oportunidade de trabalhar na biblioteca de um colégio de Brasília. A proposta era muito interessante e fiquei interessada, pois iria conviver com crianças e jovens de todas as idades.

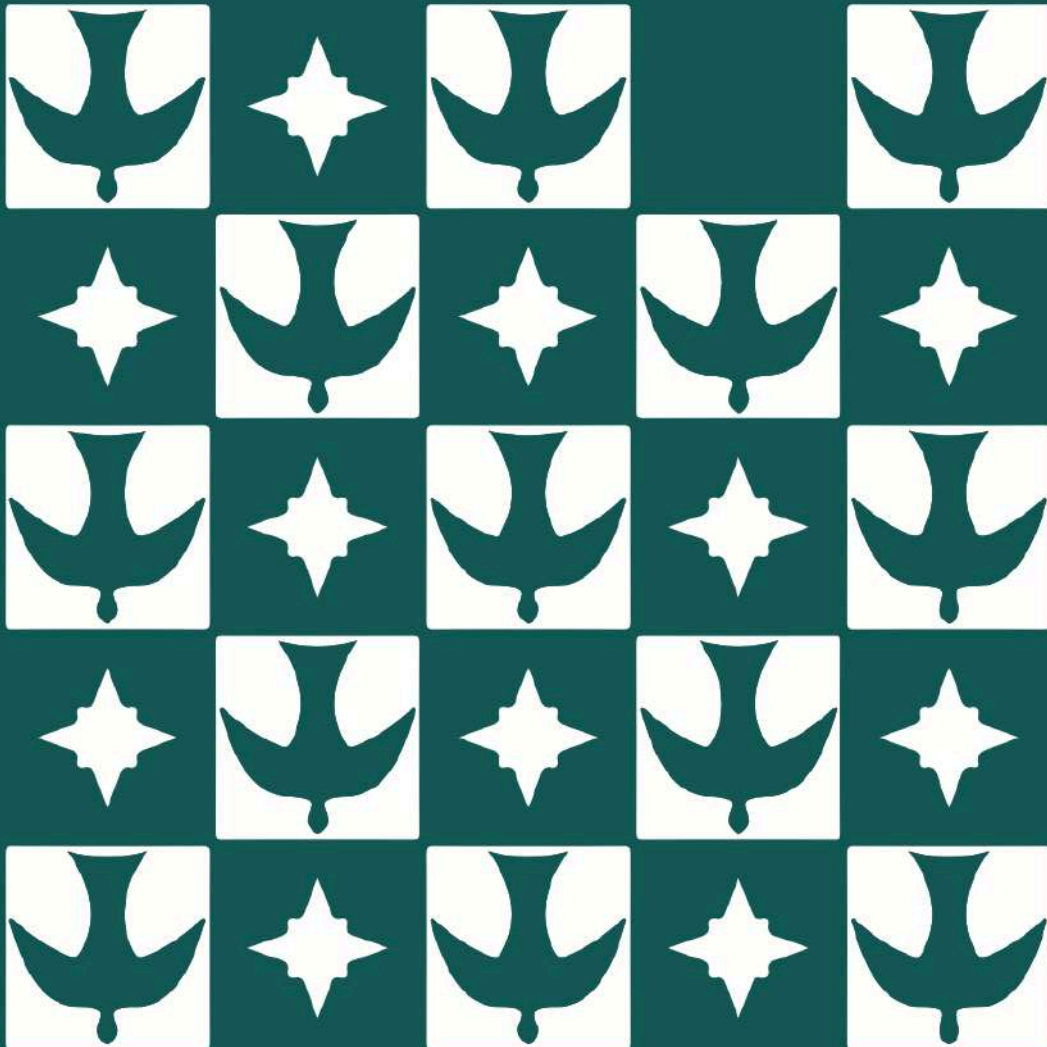
O novo trabalho me levou de volta aos estudos, agora estava na UnB, estudante de Biblioteconomia, aprendendo e praticando quase ao mesmo tempo o que era catalogar, classificar, obras de referência, o trabalho de referência, o trabalho na biblioteca escolar. Transitei em diversos tipos de bibliotecas, junto aos mais diversos tipos de usuários, dos menores aos universitários, trabalhando em diversos setores, coordenando, supervisionando e realizando consultorias na área. Viajei por outros estados brasileiros orientando implantação de bibliotecas universitárias, falando da importância do acervo e do bom trabalho da equipe da biblioteca junto ao pedagógico das instituições de ensino.

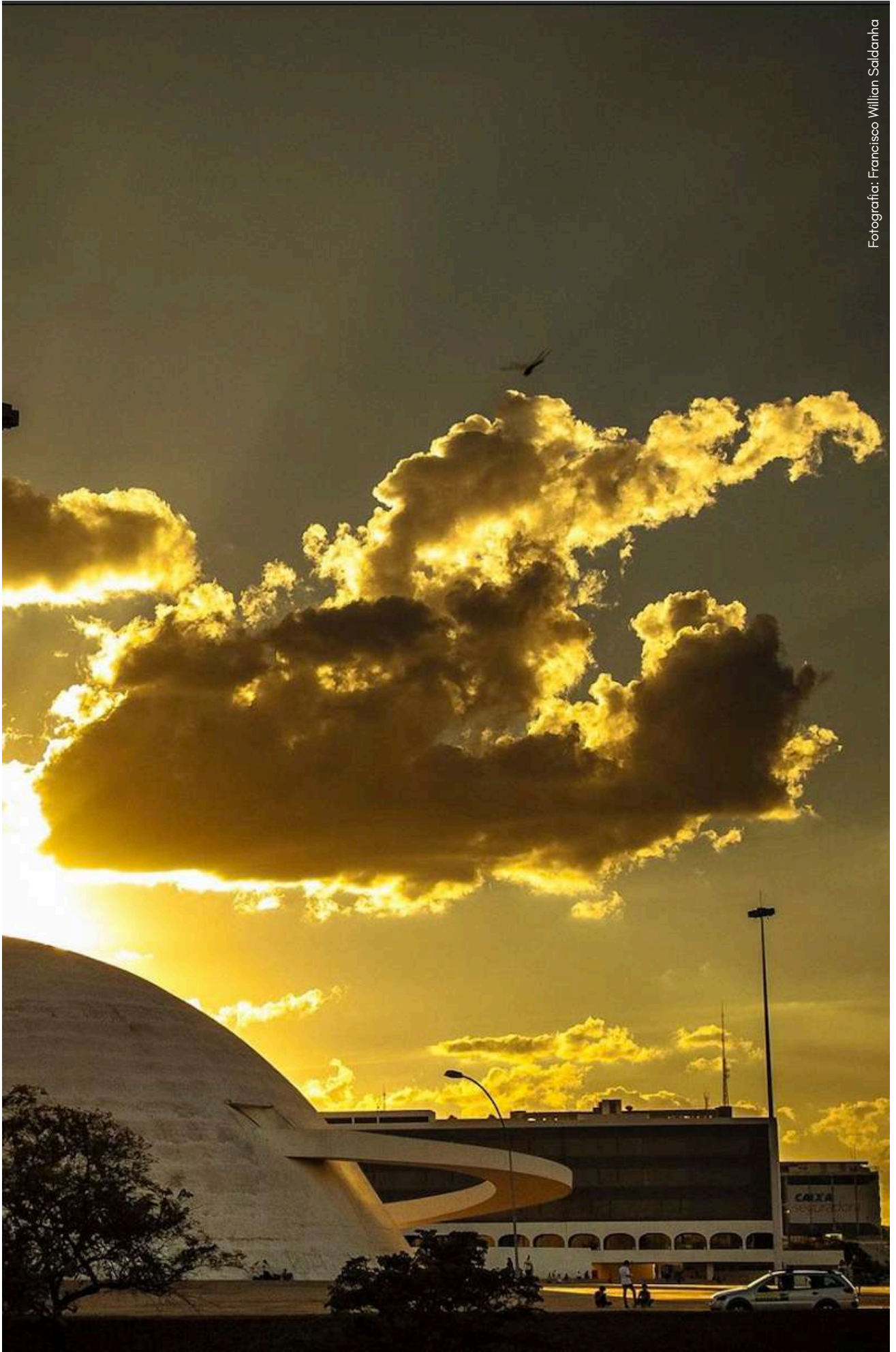
Guardo muitas lembranças dos relacionamentos com bibliotecários que conheci ao longo da trajetória profissional como presidente da ABDF, que foi um período de muitas experiências importantes, de vivências significativas. E das relações com os profissionais do CRB-1 que sempre foram grandes parceiros, auxiliando e agregando nas mais diversas situações. Recordações importantes para guardar no livro da vida, para armazenar como momentos memoráveis.

O que posso dizer dos meus grandes amores? Tenho alguns e verdadeiros. Brasília é um dos grandes, o jornalismo é outro, a biblioteconomia faz parte do grupo e não menos importante e razão do meu viver, duas brasilienses mais lindas que amo demais, minhas filhas, Helena e Lygia, as flores que plantei na Capital.

**AS PRIMEIRAS
BIBLIOTECAS**

5





Fotografia: Francisco Willian Saldanha

5 AS PRIMEIRAS BIBLIOTECAS

Adelaide Ramos e Côrte

Da terra vermelha nasceu uma cidade. Os traços do urbanista dividiram o seu espaço entre eixos, superquadras e setores. O arquiteto trouxe o modernismo para os seus edifícios. Mas, da terra vermelha não nasceram apenas formas de concreto e aço, nasceram também manifestações culturais. Entre elas, a biblioteca.

Brasília possui uma característica ímpar com relação às suas bibliotecas. Criada onde nada existia, trouxe hábitos e costumes de tantos outros lugares, instituições, estruturas, patrimônios já formados, que serviriam de base para a realização dos compromissos como Capital do Brasil. Como cidade, demorou um tempo para que o brasiliense, aqui nascido, iniciasse a história local. Uma cidade em que os servidores transferidos contavam os dias para o retorno às suas cidades de origem, à sua família, amigos, às suas raízes.

Os equipamentos culturais que integravam as instituições foram aqui instalados. É o caso das bibliotecas que, pertencendo aos órgãos da Administração Pública Federal, vieram para Brasília com acervos e usuários já definidos. Essa situação transformou Brasília na cidade das bibliotecas especializadas. Os bibliotecários tinham, nesse tipo de biblioteca, seu maior campo de trabalho.

Pela destinação político administrativa da cidade, suas ações se expandiam para todo o território nacional. Da mesma forma, os serviços das bibliotecas refletiam nos estados e, desse modo, tivemos experiências exitosas, a exemplo dos Sistemas de Bibliotecas dos Ministérios dos Transportes, da Saúde, da Agricultura, dentre outros, com bibliotecas centrais muito bem instaladas em Brasília e serviços associados nos diferentes locais do país. Época de ouro e de investimentos na informação especializada. Entretanto, bibliotecas escolares e públicas foram criadas para atender a população recém chegada. E, assim, bibliotecas surgiram e desapareceram, outras permanecem guerreiramente desde então.

Na impossibilidade de registrar todas as bibliotecas de Brasília, optou-se por contar a história das primeiras que aqui chegaram ou foram criadas.

PODER EXECUTIVO FEDERAL

A interiorização da Capital do País foi ato e ação do Poder Executivo federal, na pessoa do Presidente Juscelino Kubitschek. Era, portanto, de seu interesse, agilizar a transferência dos órgãos subordinados.

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO (DASP)

A criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), durante o governo de Getúlio Vargas, fazia parte da proposta de reforma da Administração Pública Federal, no sentido de criar um órgão de assessoramento ao Presidente República tanto na elaboração da proposta orçamentária, como para estudar formas de modernizar e agilizar a máquina pública.

Em função de sua posição estratégica junto à Presidência da República, o DASP foi um dos primeiros órgãos a ser transferido para Brasília, em 1960, instalando-se no no Bloco C da Esplanada dos Ministérios.

Durante toda a existência do DASP, a Biblioteca foi considerada um instrumento importante para o cumprimento da missão institucional. Sua origem foi o acervo do então Conselho Federal do Serviço Público Civil, formado por 622 livros e 237 folhetos.

Odone (2020) relata o papel fundamental exercido pela Biblioteca do DASP, iniciada quando a bibliotecária Lydia de Queiróz Sambaqui a dirigiu, criando, de forma inovadora e com visão de futuro, os serviços de catalogação cooperativa, seleção e disseminação da informação, as normas para a criação e funcionamento de bibliotecas públicas, para a criação de catálogos coletivos, organização de sistemas de bibliotecas, apontando para a liderança natural da Biblioteca do DASP sobre as demais do Poder Executivo e a contribuição dada à Biblioteconomia brasileira.

O acervo da Biblioteca contava, em 1960, com 22.000 volumes, o que lhe permitiu a prestação de um valioso serviço de informação, através de consulta direta, empréstimo de livros, não só a todos os funcionários da Casa, como aos demais órgãos da Administração pública sediados em Brasília.

Com o Decreto nº 93.211, de 3 de setembro de 1986, o DASP é extinto e substituído pela Secretaria da Administração Pública da Presidência da República (SEDAP). A Biblioteca acompanha as mudanças de nomenclatura dos órgãos, mas no percurso padece com a perda de espaço físico, servidores, e *status* cultural, chegando a ser desativada em 1991. (BRASIL, 2020).

PODER LEGISLATIVO

O Poder Legislativo federal foi instalado na nova Capital no dia 22 de abril de 1960, em sessão especial, com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek, com uma simples frase de João Goulart (2010), então presidente do Congresso Nacional e Vice-Presidente da República:

- É com emoção que declaro instalados os trabalhos do Congresso Nacional em Brasília, a nova Capital da República.

Instalado estava, mas o edifício não era inteiramente habitável. A Comissão Diretora do Senado Federal estabeleceu recesso até o dia 1º de junho de 1960; a Câmara dos Deputados foi então a primeira a se transferir para Brasília.

BIBLIOTECA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

A Biblioteca da Câmara dos Deputados foi a primeira biblioteca do Poder Legislativo Federal a vir para Brasília. Em agosto de 1960, estava completamente instalada e em perfeito funcionamento.

A história da Biblioteca da Câmara dos Deputados remonta ao ano de 1823, período da Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil, quando foi solicitado que os livros do acervo da Biblioteca Imperial da Corte fossem encaminhados aos constituintes, para apoio aos trabalhos, evitando a compra de novos livros (BRASIL, 2020). Contudo, essa demanda não foi suficiente para se criar, oficialmente, a Biblioteca da Câmara dos Deputados, ocorrida, efetivamente, no ano de 1866, quando exercia a Presidência, Camilo Maria Ferreira Armond, Barão de Prados.

A mudança para a nova Capital é contada pelo Prof. Edson Nery da Fonseca, em discurso por ocasião do lançamento do seu livro *Introdução à Biblioteconomia*, no Centro Cultural da Câmara dos Deputados (FONSECA, 2020). O ano era 1960 e, na inauguração, já estava em Brasília a Biblioteca e o essencial do seu acervo, com um grupo de servidores vindos do Rio de Janeiro, sob a direção do bibliotecário Washington José de Almeida Moura.

Até agosto de 1965, a Biblioteca foi instalada em quatro pavimentos do Anexo I. Com a intensificação dos trabalhos legislativos, houve a necessidade de maiores espaços. Sendo assim, foi construído, o Anexo II, onde estava “[...] instalada a Biblioteca em três pavimentos, com uma bela sala de leitura, com móveis especialmente criados pelo designer Renato Sá, os gabinetes individuais de leitura e os espaços para o importante acervo.” (SOUZA, 2007).

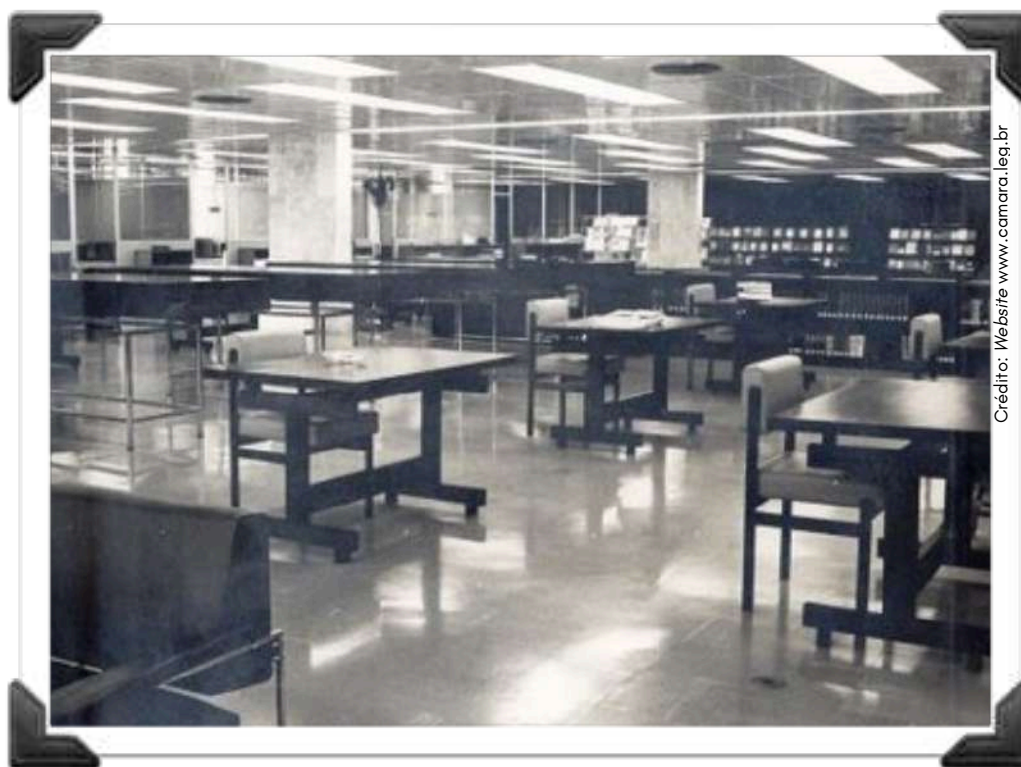


Foto 7: Biblioteca da Câmara dos Deputados - Salão de leitura - 1960

Em 1971, foi criado o Centro de Documentação e Informação, subordinado à Diretoria Legislativa, com a competência de coordenar, controlar e dirigir as atividades de informação e de assessoramento parlamentar, registrar a tramitação das proposições, arquivo, avaliação de documentos e edição de publicações. Essa nova estrutura valorizava a atividade de informação da Câmara dos Deputados.

Em 1984, a Biblioteca passou a denominar-se Biblioteca Pedro Aleixo (BRASIL, 1984), em homenagem ao eminente político, de atuação efetiva e expressiva no cenário político nacional, além de insigne frequentador do local.

O acervo é especializado em Ciências Sociais com ênfase em Direito, Ciência Política, Economia e Administração Pública. Os seus diretores, em Brasília, ao longo do tempo:

- ◆ Washington José de Almeida Moura
De 1960 a 1962
- ◆ Lêda Câmara Labouriau
De 1º de julho de 1962 (interina) 6 de junho de 1964 (efetivada) a 15 de julho de 1970.
- ◆ Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti
De 21 de julho de 1970 a 9 de março de 1972.
- ◆ Juracy Feitosa Rocha
De 4 de abril de 1972 a 3 de setembro de 1979.
- ◆ Heris Medeiros Joffily
De 9 de outubro de 1979 a 13 de julho de 1980.
- ◆ Lola Azra Barrenechea
De 17 de setembro de 1980 a 15 de abril de 1986.
- ◆ Tarcísio José França
De 17 de abril de 1986 a 11 de junho de 1991.
- ◆ Marli Elizabeth Schreiber
De 12 de junho de 1991 a 14 de abril de 2005.
- ◆ Maria Cristina Rodrigues Silvestre
De 18 de abril de 2005 a 31 de outubro de 2005.
- ◆ Christiane Coelho Paiva
De 1º de novembro de 2005 a 2 de maio de 2006.
- ◆ Sueli Caldeira de Melo
De 8 de maio de 2006 a 20 de maio de 2007.
- ◆ Nelda Mendonça Raulino
De 21 de maio de 2007 a 30 de setembro de 2007.
- ◆ Patrícia Maria Pinheiro Villar de Queiroz Milani
De 1º de outubro de 2007 a 31 de março de 2013.
- ◆ Rosa Maria Geaquinto Paganine
De 1º de abril de 2013 a 31 de março de 2016.
- ◆  Janice de Oliveira e Silva Silveira
Primeira bibliotecária brasileira a assumir a diretoria da Biblioteca Pedro Aleixo.
1º de abril de 2016 -

PODER JUDICIÁRIO

Com relação ao Poder Judiciário Federal, coube ao Supremo Tribunal Federal (STF) a primazia na instalação em Brasília, incluindo a biblioteca.

BIBLIOTECA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

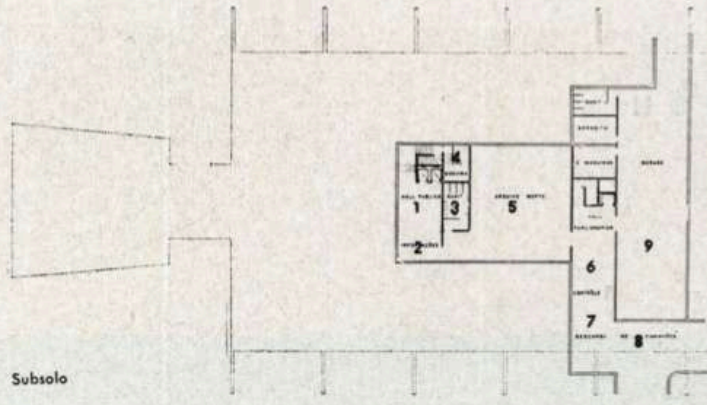
No primeiro Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal, datado de 1891, já havia a previsão para a instituição de uma biblioteca. A sede do Tribunal era na cidade do Rio de Janeiro, tendo se transferido, em 1960, com a mudança da Capital Federal, para Brasília, quando a Biblioteca foi instalada no Edifício Sede, situado na Praça dos Três Poderes. Durante as comemorações do 50º aniversário da Cidade, o STF relembrou a logística da mudança e da primeira sessão:

Há 50 anos, no dia 21 de abril de 1960, depois de 40 dias de mudança, as instalações do Supremo Tribunal Federal (STF) foram definitivamente transferidas para a nova capital do país, Brasília (DF), fundada na mesma data. E, mesmo em meio ao alvoroço da inauguração, o Plenário da Corte realizou a 12ª Sessão Extraordinária para marcar o histórico momento de inauguração da nova sede do Tribunal, localizada desde então na Praça dos Três Poderes. (MEIO..., 2010).

A Biblioteca recebeu a denominação Ministro Victor Nunes Leal, em 18 de abril de 2001, homenagem em razão da sua importância para a sistematização das decisões predominantes do Tribunal por meio das súmulas, das quais foi o grande idealizador, sendo também reconhecido pelas ações para racionalizar as pautas de julgamento, atualização da Revista Trimestral de Jurisprudência, que publica acórdãos selecionados do STF, além de ser um reformador dos procedimentos do Tribunal, visando tornar a prestação jurisdicional mais célere e precisa. (LINHA..., 2017).

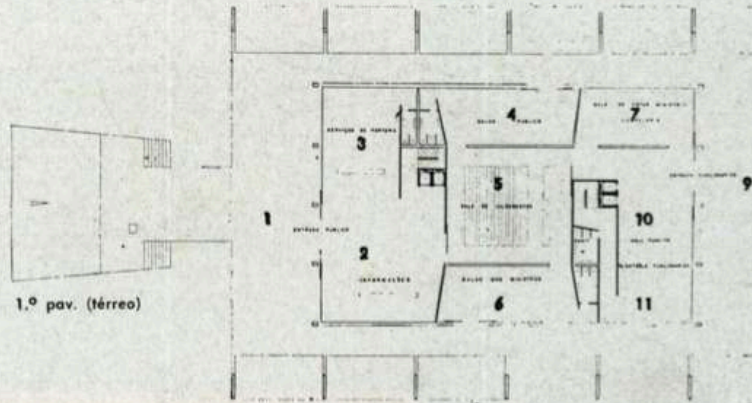
A área de especialização da coleção da Biblioteca Ministro Victor Nunes Leal é Direito e temas correlatos. De acordo com o inventário realizado em 2015, contava com cerca de 100.000 obras divididas em livros, periódicos e materiais especiais, tanto nacionais como estrangeiros. Os usuários internos são compostos por ministros e servidores do Supremo Tribunal Federal e a Biblioteca realiza, também, o atendimento ao público externo, formado pelas bibliotecas de órgãos governamentais do Distrito Federal e, no âmbito nacional, advogados, estudantes e qualquer cidadão que necessite de informação jurídica. (FEITOSA, 2016).

SUBSOLO: 1 — Hall público; 2 — Informações; 3 — Sanitário; 4 — Máquinas; 5 — Arquivo morto; 6 — Contabilidade; 7 e 8 — Descarga de Caminhões; 9 — Garage.



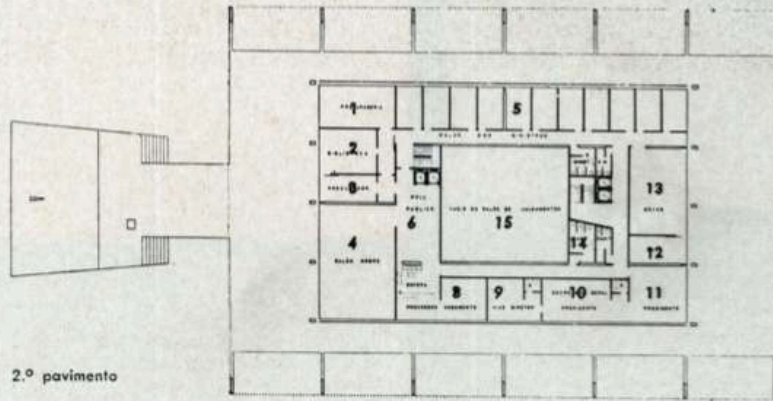
Subsolo

1.º PAVIMENTO: 1 — Entrada do público; 2 — Informações; 3 — Portaria; 4 — Salão do público; 5 — Sala de julgamento; 6 — Salão dos Ministros; 7 — Chapelaria; 8 — Sanitário; 9 — Entrada funcionários; 10 — Hall funcionários; 11 — Contrôre dos funcionários.



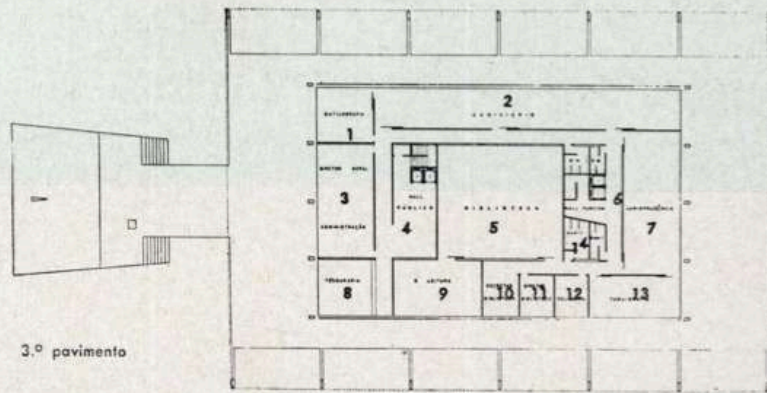
1.º pav. (térreo)

2.º PAVIMENTO: 1 — Procuradoria; 2 — Biblioteca; 3 — Procurador; 4 — Salão nobre; 5 — Sala dos Ministros; 6 — Hall público; 7 — Espera; 8 — Processo em andamento; 9 — Vice-Diretor; 10 — Secretaria geral; 11 — Presidente; 12 — Café; 13 — Bêcas; 14 — Sanitários; 15 — Vasto do salão de julgamento.



2.º pavimento

3.º PAVIMENTO: 1 — Datilografia; 2 — Judiciário; 3 — Administração; 4 — Hall público; 5 — Biblioteca; 6 — Hall de funcionários; 7 — Jurisprudência; 8 — Tesouraria; 9 — Lettura; 10 — Bibliotecária; 11 — Diretor; 12 — Zelador; 13 — Taquígrafia; 14 — Sanitário.




3.º pavimento

Créditos: Fotografia de Roberto Furst, capturada da revista Brasília, ed. esp. Arquitetura e Engenharia, jul./ago. 1960.

Foto 9: Planta baixa do edifício do Supremo Tribunal Federal - 1960

Havia a previsão de espaço para a biblioteca no 2.º pavimento, marcado com o número 2.

Os Coordenadores da Biblioteca, em Brasília, ao longo do tempo:

- ◆ Hugo Mósca
1956-1960 – Coordenou a transferência do Rio de Janeiro para Brasília.
- ◆ Daniel Aarão Reis
1963-1966
- ◆ Roberto de Bulhões Natal
1966-1991
- ◆ Maria Clementina Rosa
1993-1997
- ◆ Rosa Maria Dias Andrade
1997-1998
- ◆ Maria Cristina Rodrigues Silvestre
1998-2001
- ◆ Maria Tereza Machado Teles Walter
2001-2003
- ◆  A primeira coordenadora da Biblioteca do STF, nascida em Brasília.
- ◆ Edine Rodrigues de Moura
2003-2004
- ◆ Rosemary Cabral da Silva
2004
- ◆ Lilian Januzzi Vilas Boas
2004-2011
- ◆ Lucylene Valério Rocha
2011-2018
- ◆ Luiza Gallo Pestano
2018-

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

Em 1960, o Distrito Federal possuía prefeito que era nomeado pelo Governo federal. O primeiro a ocupar esse cargo foi Israel Pinheiro (1896-1973) . Somente a partir de 1969, que o Poder Executivo local passou a ter um governador, igualmente nomeado. Apenas com a Constituição Federal de 1988, que o Distrito Federal alcança sua autonomia plena e seus habitantes passam a exercer o direito de votar em seus representantes.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE BRASÍLIA

Antes mesmo de haver uma novo Distrito Federal, já havia bibliotecas para atender a população de trabalhadores que vieram para construir a cidade.

BIBLIOTECA E DISCOTECA DE PORTO SEGURO

A Biblioteca e Discoteca de Porto Seguro, assim denominada em homenagem ao historiador e diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, perseverante pesquisador, que foi também sertanista e que, em diversos trabalhos, defendeu a interiorização (BIBLIOTECA, 1959a), foi instalada, em 1958, em duas casas geminadas na Av. W3-Sul, quadra 16, no Plano Piloto de Brasília. Mantida pela Novacap¹², foi criada, como uma biblioteca pública, com o objetivo de complementar a educação, promovendo estudos e formação em artes, línguas e música aos estudantes de Brasília.

A Biblioteca contava com acervo de mais de 3.000 volumes e discos, doados por embaixadas, instituições culturais, ministérios, outras bibliotecas, acervos particulares de intelectuais brasileiros e estrangeiros. A cidade estava em construção, mas a Biblioteca já aparentava modernidade, como explica Madeira (2019, p. 18):

[...] apresentava estrutura e organização admiráveis, conjugando um acervo rico e um funcionamento dinâmico, como sala de leitura, empréstimo a domicílio, realização de cursos, exposição, uma efetiva prática de disseminação da informação artística em um espaço de interação social.



Crédito: Arquivo Público do Distrito Federal

Foto 9: Biblioteca e Discoteca Porto Seguro

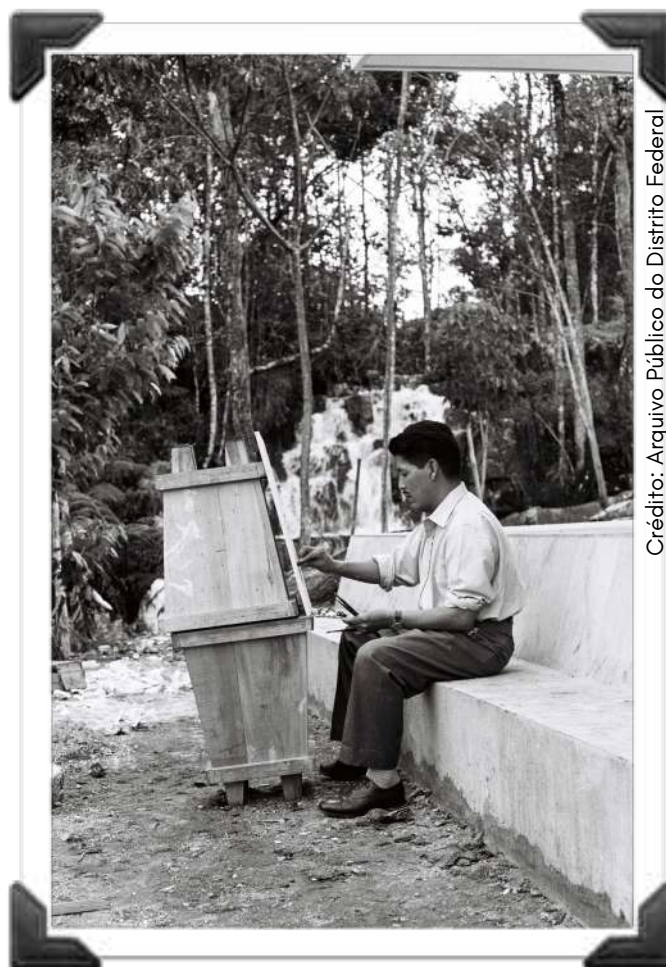
¹² Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

A Discoteca tinha acervo variado, capaz de agradar distintos grupos de usuários e até possuía uma sala especial para uso dos LPs¹³ e uma cabine individual inteiramente independente. (SILVA, 1999).

A responsável pela biblioteca foi a bibliotecária Lola Barrenechea, que a dirigiu no período de 1958 a 1961, esposa do artista plástico peruano Felix Alejandro Barrenechea, que também ministrava cursos de belas-artes. A biblioteca foi fechada em 1961 pela prefeitura que assumia a cidade. (SILVA, 2006, p. 234).

O acervo foi doado à Fundação Cultural do Distrito Federal, que não teve local apropriado para seu armazenamento e uso. Foi depositado em um porão da CRS 508, mas houve extravios, sendo que posteriormente foi doado para a Escola Parque da SQS 307/308 e para a Fundação Cultural. (MADEIRA, 2019).

Desta forma, o acervo da Biblioteca e Discoteca de Porto Seguro, deu origem à Biblioteca da Escola Parque, inaugurada em 1962.



Crédito: Arquivo Público do Distrito Federal

Foto 10: Felix Alejandro Barrenechea

BIBLIOTECA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL

No dia 21 de abril de 1959, foi inaugurada a Biblioteca Pública do Distrito Federal, localizada na Segunda Avenida, nº 775, da então Cidade Livre¹⁴ (VASCONCELOS, 2009, p.382), conhecida como Biblioteca Popular de Brasília, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), funcionando de 8h30 às 17h30, possuía, à disposição do público, mais de 2000 obras sobre vários assuntos. O movimento da Biblioteca durante os meses de abril e maio de 1959 foi de 975 visitas e 486 livros emprestados [...]. (MADEIRA, 2019).

¹³ LP: abreviatura para Long play, que eram os discos em vinil.

¹⁴ Sua denominação foi alterada para Núcleo Bandeirante.

BIBLIOTECA DEMONSTRATIVA DE BRASÍLIA (BDB)

Há que se considerar a importância da Biblioteca Demonstrativa de Brasília (BDB) do Instituto Nacional do Livro (INL) para Brasília e para os serviços voltados à comunidade.

Após a extinção da Biblioteca Visconde de Porto Seguro, surgiu uma pequena biblioteca, em 1963, na Galeria do Hotel Nacional, subordinada ao Serviço Nacional de Bibliotecas (SNB), do Ministério da Educação e Cultura. O SNB foi dissolvido em 1969 e seu acervo foi incorporado ao do Instituto Nacional do Livro (INL).

Assim, em 1969, a escritora Maria Alice Barroso, ao assumir o Instituto Nacional do Livro, preparou o caminho para a inauguração da Biblioteca Demonstrativa no prédio da Avenida W-3 Sul, que ocupa desde então. Na consolidação desta Instituição, foram somados os acervos de várias instituições e, em 20 de novembro de 1970, foi inaugurada oficialmente a Biblioteca Demonstrativa do INL, na Av. W3 Sul EQ 506/507, Brasília, Distrito Federal.

Em 2012, a Biblioteca Demonstrativa de Brasília passou a chamar-se Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, em homenagem à sua diretora, falecida naquele ano, mantendo, porém, sua sigla anterior, BDB.

Esta Biblioteca está interditada desde 2014 e em obras de recuperação do prédio.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRASÍLIA

Somente em 12 de março de 1990, a tão sonhada Biblioteca Pública de Brasília (BPB), vinculada à Secretaria de Cultura do Governo do Distrito Federal é criada, atendendo a uma antiga reivindicação da comunidade que culminou com a Campanha promovida pela Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF) denominada BIBLIOTECA PÚBLICA JÁ!!!, que obteve mais de cem mil assinaturas entregues ao então Governador Joaquim Roriz.

A Biblioteca Pública de Brasília funciona, desde sua inauguração, em prédio da antiga Sociedade de Abastecimento de Brasília (SAB), onde funcionava um minimercado. Na época o espaço foi revitalizado e abriu suas portas em dezembro de 1990, estando à frente da implantação da Biblioteca, a bibliotecária Neusa Dourado que, com o apoio da bibliotecária Telma Bandeira, atuou firmemente para que os serviços oferecidos não se limitassem apenas ao uso do espaço físico e empréstimos de livros. A ideia era oportunizar uma biblioteca mais inclusiva, dinâmica e interativa com a comunidade. Contribuíram, também, com outras atividades culturais em prol do livro e da leitura.

Depois de quase 28 anos de uso constante, a Biblioteca teve seu ambiente revitalizado e modernizado com a aquisição de novo mobiliário e equipamentos recebidos do Instituto Bill & Mellinda Gates – Projeto Conecta Bibliotecas.

Conta com aproximadamente 14 mil usuários cadastrados, frequência mensal em torno de 2000 e um acervo de mais de 19 mil livros, totalmente informatizado. Ocupa uma área de 313,86m² e funciona de segunda-feira à sábado.

BIBLIOTECAS ESCOLARES

Até 1960, havia uma rede de ensino público, mantida pela Novacap, sob a direção de Ernesto Silva. Em fins de 1959, havia 12 escolas primárias e 2 jardins da infância. O ensino médio contava com dois ginásios, o Dom Bosco e o Ginásio de Brasília. (HILDEBRAND, 1963, p. 4).

Em setembro de 1957, surgiu a primeira escola primária com o nome de Grupo Escolar 1, que posteriormente recebeu o nome de Júlia Kubitschek. Para atender à demanda crescente, outras escolas surgiram, a saber: escola da Construtora Nacional (set. 1958); escola Fundação da Casa Popular (mar. 1958); escola da Granja 1 (mar. 1958); escolas CCBE e Coenge (abr. 1959); escola da Metropolitana (abr. 1959); escola Planalto (maio 1959); escola do IPASE (maio 1959); escola Vila Bananal (maio 1959) e escola da Cerâmica Benção (ago. 1959). (HILDEBRAND, 1963, p. 4).

DA REDE DE ENSINO PÚBLICO

O Grupo Escolar 1, criado em 1957, permaneceu em funcionamento após a criação de Brasília. O Grupo funcionava em dois turnos e oferecia três refeições aos alunos além de atividades sociais e culturais. Silva (1985):

A princípio chamava-se Grupo Escolar 1, foi construído e mantido pela Novacap e atendia alunos em tempo integral. Possuía cinco salas, cozinha, refeitório, parque de recreação e piscina. Inaugurado em 15 de outubro de 1957, foi projetado por Oscar Niemeyer e construído em vinte dias. Seu projeto era similar à casa do presidente, tendo por apelido “Catetinho da Educação”, mas recebeu o nome de Grupo Escolar 1 Júlia Kubitschek, em homenagem à sua mãe, D. Júlia Kubitschek, na ocasião de seu aniversário. [...]. (BRASÍLIA, 2018).

Crédito: Arquivo Público do Distrito Federal.



Foto 11: Grupo Escolar 1
Projeto de Oscar Niemeyer, construído em 20 dias.

Crédito: Arquivo Público do Distrito Federal.



Foto 12: Ernesto Silva e professoras.
Grupo Escolar 1

BIBLIOTECA ESCOLAR DA REDE PRIVADA DE ENSINO

A primeira biblioteca escolar da rede privada pertencia ao Instituto Educacional de Brasília, mantido pela Primeira Igreja Batista de Brasília, conhecido como Ginásio Brasília, que veio ser a primeira escola particular fundada em 1º de abril de 1957, localizada na Segunda Avenida, da então denominada Cidade Livre (Vasconcelos, 2009, p. 313). "O Ginásio inicialmente instituído sob a forma de Fundação e posteriormente entregue aos Irmãos Lassalistas", oferecia "[...] o ensino primário, ginásial, comercial e normal de Brasília." (SILVA, 2002). (SILVA, 2002).

REFERÊNCIAS

60 ANOS DE HISTÓRIA DO COLÉGIO LA SALLE. Disponível em: <http://www.lasalle.edu.br/nucleobandeirante/sobre-o-colegio/noticia-detalle/13912>. Acesso em 14 fev. 2020.

AFONSO, Simone Queiroz. **Biblioteca Pública de Brasília (312/313)**. Brasília, 2018. 3p.

ALMEIDA, Célia Maria. **Biblioteca de Brasília**. Brasília, 2002.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Arquivo Administrativo da ABDF.

BIBLIOTECA em Brasília. *Brasília*, v. 3, n. 35, Nov. 1959a.

BOLETIM ABDF – Nova Série v.6 n. 4, out/dez. 1983.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Biblioteca. **Histórico**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/biblioteca/biblioteca/bibhist.html>. Acesso em 7 fev. 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Resolução no 20, de 30 de novembro de 1971. Dispõe sobre a organização administrativa da Câmara dos Deputados e determina outras providências. **Diário do Congresso Nacional**, Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1 dez. 1971. Seção 1 – Suplemento -1 / 12/1971, página 1. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/rescad/1970-1979/resolucaodacamaradosdeputados-20-30-novembro-1971-321275-norma-pl.html>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Resolução no 104, de 3 de dezembro de 1984. Dá o nome de "Pedro Aleixo", à Biblioteca da Câmara dos Deputados. **Diário do Congresso Nacional**, Brasília, Seção I, 05 dez. 1984. p.15.790. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD05DEZ1984.pdf#page=4>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. Coordenação de Documentação e Informação. A Nossa História: do DASP ao MP – Núcleo de Administração Pública. Brasília: MP, 2000. 66 p.

BRASÍLIA (DF). Centro de Ensino Médio Júlia Kubitschek. Projeto Político Pedagógico. Candangolândia, 2018. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/ppp-n-bandeirante-CEM-JK.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CAMARGO, Emanuella; TOBIAS, Renata. Retalhos de uma história: como a bibliotecária Lola Azra, pioneira durante a construção de Brasília, aventurou-se para compor trajetória singular. **Aliá**, p. 12-20, [2012?]. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/22347/1/2019_MariaDoSocorroCarneiroSousaMadeira_tcc.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

CARVALHO, Rosália Policarpo Fagundes de. **A aritmética no ensino primário de Brasília: 1957-1970**. São Paulo, 2017. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação Matemática) – Coordenadoria de Pós-graduação – Universidade Anhanguera de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pgskroton.com.br/bitstream/123456789/12174/1/ROS%C3%81LIA%20POLICARPO%20FAGUNDES%20DE%20CARVALHO.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

DUARTE, Maria de Souza. **A educação pela arte: o caso Brasília**. Brasília Thesaurus, 1983.

FEITOSA, Fabiana Oliveira; JAMES, Talita Daemon; BIANCHI, Maria Alice. Avaliação do acervo de periódicos da Biblioteca Ministro Victor Nunes Leal, do Supremo Tribunal Federal: relato de experiência da atuação do Grupo de Trabalho “GT-Periódicos”. **Cadernos de Informação Jurídica**, Brasília, v.3, n.2, p. 121-131, jul./dez. 2016.

FONSECA, Edson Nery da. **Discurso proferido no Espaço Cultural da Câmara dos Deputados em 17.06.1993, por ocasião do lançamento do seu livro “Introdução à Biblioteconomia”**. Disponível em <file:///I:/Trabalho/Adelaide/Biblioteca%20escolar/Discurso%20de%20Edson%2>. Acesso em 2 fev. 2020

FONSECA, Edson Nery da. Origem , evolução e estado atual dos serviços de documentação no Brasil. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 108, n. 1, jan./abr. 1973.

GOULART, João. Discurso proferido por João Goulart, Vice-Presidente da República e Presidente do Congresso Nacional, na solenidade de instalação do Poder Legislativo em Brasília. **Senatus**, Brasília, v.8, n.1, p.12-37, abr. 2010. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/publicacoes/revistas/pdf/Senatus_Vol8_1.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

HILDEBRAND, Armand. Educação antes de 1960. **Correio Braziliense**, 21 abr. 1963. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_01&pasta=ano%20196&pesq=biblioteca%20publica%20brasilia. Acesso em: 10 mar. 2010.

LINHA DO TEMPO. Supremo Tribunal Federal, 2017. Disponível em: http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaSobreBibliotecaLinhaTempo&pagina=2001_2009. Acesso em: 10 mar. 2020.

MADEIRA, Maria do Socorro Carneiro Sousa. **As primeiras bibliotecas de Brasília: pioneirismo e memória..** 2019. 38 f. Monografia (Especialização) – Curso de Curso de

Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MEIO século de Supremo Tribunal Federal em Brasília. Notícias STF, 2010. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=124568>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ODDONE, Nanci. **Lydia Sambaqui e a biblioteca do DASP**: contribuições para a constituição do campo biblioteconômico no Brasil. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327656035_Lydia_Sambaqui_e_a_biblioteca_do_DASP_contribuicoes_para_a_constituicao_do_campo_biblioteconomico_no_Brasil. Acesso em: 12 jan. 2020.

PEREIRA, Aracy Roza Sampaio. **Fontes documentais da história da educação escolar no Distrito Federal (1956-1960)**. 2011. 77 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. p. 60. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/2301>. Acesso em: 12 jan. 2020.

PIONEIROS FALECIDOS. Disponível em: <https://www.falecidosnobrasil.org.br/>. Acesso em: 14 jan. 2020

PIONEIROS. Disponível em: http://www.nassau.mus.br/?page_id=567. Acesso em 14 de jan 2020.

PRIMEIRAS escolas. Museu da Educação do Distrito Federal, [2017?]. Disponível em: <http://www.museudaeducacao.com.br/cte-40/primeiras-escolas/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ROCHA, Lucylene Valério. Os assessores de ministros do Supremo Tribunal Federal e suas necessidades de informação jurídica: análise sobre os comportamentos de busca, uso e avaliação dos serviços da biblioteca. **Cadernos de Informação Jurídica**, Brasília, v.2, n.2, p. 20-36, jul./dez. 2015.

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DO DASP: relatório de suas atividades no ano de 1962. Disponível em: file:///C:/Users/adela_000/Downloads/2955-Texto%20do%20artigo-8921-1-10-20171025.pdf. Acesso em: 12 jan. 2020.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**: um sonho, uma esperança, uma realidade. 5.ed. Brasília: Charbel Gráfica e Editora, 2006.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**: um sonho, uma esperança. 4. ed. Brasília: Linha Gráfica, 1999.

SILVA, Ernesto. Plano Educacional. *In*: SILVA, Ernesto. **História de Brasília**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 1985. p.235-252.

SILVA, Paulo. **Ontem cidade livre, hoje cidade livro**. Brasília, Itiquira; Thesaurus, 2002.

SOUZA, Helena de Miranda Rosa e. **Rio de Janeiro**: transferência da Capital Federal e seus impactos na esfera da informação/documentação.

INFORMARE – Cad. Prog. Pós-Grad. **Ci Inf.**, Rio de Janeiro, v.1 n.2, p. 59–69, jul/dez. 1995.

SOUZA, Luciano Brandão Alves de Souza. Depoimento. In: CONTOS da Câmara: Depoimentos dos servidores nos 180 anos do Legislativo. Brasília : Câmara dos Deputados, 2007. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/depoimentos/memoriadoservidor>. Acesso em: 10 mar. 2020.

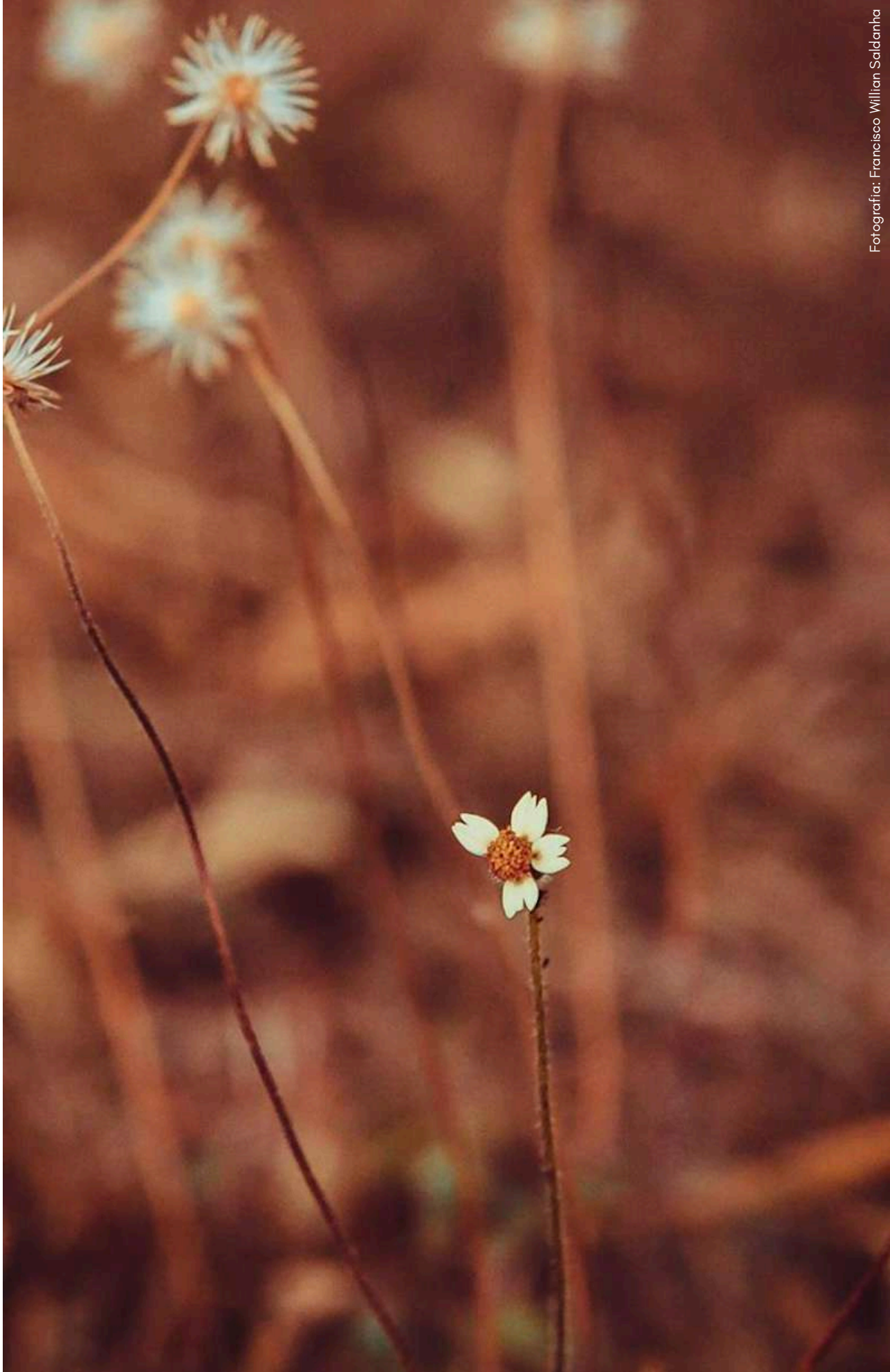
SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Biblioteca**: linha do tempo. Disponível em: http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaSobreBibliotecaLinhaTempo&pagina=1941_1970. Acesso em 14 jan.2020.

VASCONCELOS, Adirson. **Efemérides**: as grandes datas de Brasília e JK. Brasília: Thesaurus, 2009.

**BIBLIOTECÁRIOS
EM FAMÍLIA**

6





Fotografia: Francisco Willian Saldanha

6 BIBLIOTECÁRIOS EM FAMÍLIA

Maria Tereza Machado Teles Walter

A escolha profissional não é um processo trivial. É um momento importante na vida de todos que têm a oportunidade de cursar uma universidade que, no caso de Brasília, é pública e gratuita para o curso de Biblioteconomia. No final da adolescência, deve-se decidir o que potencialmente ser para o resto da vida... em princípio.

Em muitos casos, essas escolhas são feitas por influências variadas que vão desde a perspectiva financeira, optando por profissões reconhecidamente rentáveis, como medicina, ou por olhar o futuro e perceber que tecnologias são inexoráveis nas vidas das pessoas, ou por vocação, seja ela qual for, música, docência, áreas de humanidades, de ciências exatas ou ligadas à natureza. Mas, aparentemente, a família pode ser o fiel da balança no processo de escolha, seja para aproximar, seja para afastar de alguma carreira.

Na Biblioteconomia, em Brasília, muitos são os laços de parentesco entre os profissionais que se formaram, tanto pela UnB, quando oriundos de outros locais, que vieram emprestar sua força de trabalho à cidade que nascia, naquele 1960.

O conceito de família tem sido alterado, como disserta Alves (2007), que o amplia e de certa forma explica a relação afetiva que se pode, deve?, ter com a profissão escolhida.

Até o advento da Constituição Federal de 1988, o conceito jurídico de família era extremamente limitado e taxativo, pois o Código Civil de 1916 somente conferira o *status familiae* àqueles agrupamentos originados do instituto do matrimônio. Além disso, o modelo único de família era caracterizado como um ente fechado, voltado para si mesmo, onde a felicidade pessoal dos seus integrantes, na maioria das vezes, era preterida pela manutenção do vínculo familiar a qualquer custo (o que Deus uniu o homem não pode separar) – daí

porque se proibia o divórcio e se punia severamente o cônjuge tido como culpado pela separação judicial¹⁵.

Entretanto, os princípios preconizados na Carta Magna provocaram uma profunda alteração do conceito de família até então predominante na legislação civil. Inicialmente, há de se mencionar que o princípio do reconhecimento da união estável (art. 226, § 3º) e da família monoparental (art. 226, § 4º) foi responsável pela quebra do monopólio do casamento como único meio legitimador da formação da família.

Destarte, sem dúvida alguma, é o princípio da dignidade da pessoa humana (art. 1º, III) o principal marco de mudança do paradigma da família. A partir dele, tal ente passa a ser considerado um meio de promoção pessoal dos seus componentes. Por isso, o único requisito para a sua constituição não é mais jurídico e sim fático: o afeto. Nessa esteira, observa-se que a entidade familiar ultrapassa os limites da previsão jurídica (casamento, união estável e família monoparental) para abarcar todo e qualquer agrupamento de pessoas onde permeie o elemento afeto (*affectio familiae*). Em outras palavras, o ordenamento jurídico deverá sempre reconhecer como família todo e qualquer grupo no qual os seus membros enxergam uns aos outros como seu familiar. (ALVES, 2007, p.329).

Alguns profissionais se formaram no Distrito Federal e retornaram para seus locais de origem, outros grupos familiares permanecem(ram) e exercem(ram) a profissão localmente. Outros se encontraram no curso e foram formar as próprias famílias. O CRBI conseguiu levantar e confirmar alguns desses ramos familiares de bibliotecários.

Das primeiras turmas de Biblioteconomia da Universidade de Brasília estão:

- Neusa Dourado Freire, cuja irmã, Elta Dourado Brandão seguiu pelo mesmo caminho, assim como suas primas, as irmãs Rita de Cássia do Vale Caribé e Joana D'Arc Caribé Galvão, posteriormente a sobrinha pelo lado do marido, Carmen Freire Herrero; e

- Maria Alice Guimarães Borges, que é prima das irmãs Janne Cury Nasser e Joseane Cury Nasser Loureiro.

Os graus de parentesco são abrangentes, incluindo pais e filhos, irmãos, casamentos, tios, os biológicos ou pelos laços de matrimônios, primos, cunhados...

¹⁵ O Código Civil de 1916 e, posteriormente, também a Lei do Divórcio atribuíam ao cônjuge culpado pela separação judicial as sanções de perda da guarda judicial dos filhos, do direito a alimentos e do nome de casado.



Adelina Maria Rodrigues e Agostinha Maria Rodrigues.



Esmeralda Silveira e Reis e Roseli Silveira também são irmãs, além de sobrinhas de Arilda Fonseca de Souza e primas das irmãs Valquíria Carvalho Guimarães e Maria Paula de Carvalho.



Ernani Rufino dos Santos, casado com a bibliotecária Vanessa Maria Almeida Rufino, é irmão de Fernanda Maciel Rufino.



Helena Celeste Ribeiro L. Vieira, Ana Amélia Ribeiro Correa de Araújo e Celeste Maria Sousa Ribeiro, que tem ainda a cunhada, Mônica Levi Fernandes na família.



Ingrid Torres Schiessl e Karin Torres Schiessl, são irmãs.



Jane Dourado Arisawa Judici e Elisângela Dourado Arisawa, irmãs.



Marietta Telles Machado e sua irmã, Maria Amélia Teles Di Machado, formada na UnB, foram as que iniciaram um legado de bibliotecários na família, que inclui Maria Tereza Machado Teles Walter e Maria Augusta de Paiva Machado Teles, ambas sobrinhas e o mais jovem e precocemente falecido Vitor Paiva Machado Martins de Araújo, sobrinho de Maria Augusta.



Nádia Ferreira Montenegro Silva e Andrea Ferreira Montenegro Saraiva, e o cunhado, Ricardo Carvalho Saraiva Santos.



Neusa Arantes da Silva e Leila Aparecida Arantes Silva, irmãs.



Stella Maria Vaz Santos Valadares e suas irmãs, Marina e Camila Vaz, além das tia, Suzi Vaz e do cunhado, Luis Felipe de Souza.



Cristian José O. Santos Brayner é casado com o também bibliotecário Aquiles Brayner.



Gisele Martins Frazão é tia de Thais Frazão Guimarães.



Ana Machado é mãe de Maria Lúcia Torres Machado.



Darlan Lemos da Silva é um dos maiores clãs de familiares bibliotecários. Casado com a também bibliotecária Weslane Cristina Vasconcellos Gomes da Silva, é irmão de Kelly Lemos da Silva e tem como companheiros de profissão os primos Jamerson Pires de Lemos e Sabrina Silva Macedo de Lemos, além dos cunhados Wesley Vasconcelos Gomes, Warley Luiz Vasconcellos Gomes e Weber Vasconcellos Gomes.



Dinamar Cristina Pereira Rocha é sobrinha de Diana Maria Rocha.



Iza Antunes Araújo tem duas sobrinhas - Luciana Araújo Reis e Denise Oliveira Araujo.



Lúcia Regina Pontes Lemos é mãe de Luciana Pontes Lemos Koller.



Maria Aparecida Lima é, também, outra das recordistas em número de familiares bibliotecários com suas primas: Lourdes Bomtempo de Mendonça, Fabyola Lima Madeira e Lorena Flávia de Lima Nolasco, além das irmãs Maria Lúcia de Lima Marra e Vania Inez de Lima.



Maria Carmen Romcy de Carvalho seguiu os passos de sua mãe, Eliezita Romcy de Carvalho.



Michelli Costa é sobrinha das bibliotecárias Maurinete Santos e Márcia Pereira.



Rosa Maria Geaquinto Paganine é tia de Lucas Nóbrega Paganine.



Sofia Galvão Baptista é tia de Mariana Baptista Brandt, por parte do marido.

Muitas outras são conhecidas famílias de mais de um bibliotecário no Distrito Federal. E pode haver outras tantas que por desconhecimento não se faz a relação entre as pessoas. Construir essa genealogia pode ser um interessante estudo, para mapear essa rede, que pode revelar uma proximidade maior entre pessoas que nem se imagina e, quem sabe, num universo que não é tão amplo, identificar a real influência que um ou mais membros pode ter exercido nessa escolha que, ao fim, as uniu também pela escolha profissional. Outro desafio para as novas gerações de profissionais.

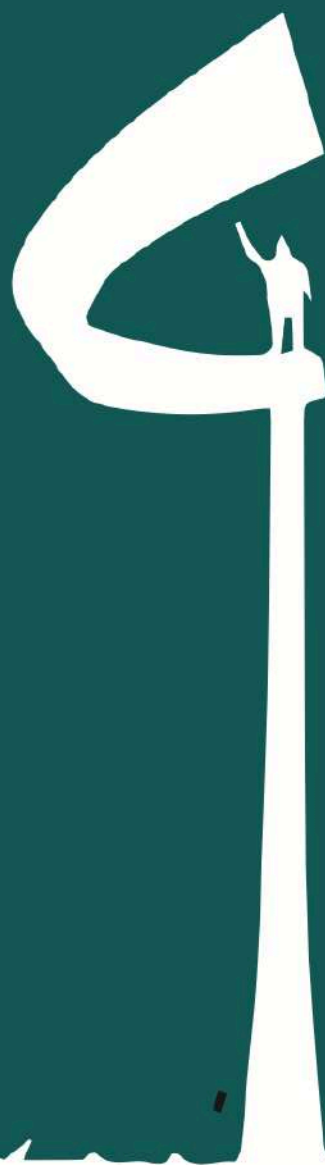
REFERÊNCIA

ALVES, Leonardo Barreto Moreira. O reconhecimento legal do conceito moderno de família - o art. 5º, II e parágrafo Único, da Lei nº 11.340/2006, Lei Maria da Penha. **De Jure** - Revista Jurídica do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, n.8, p.329-347 jan./jun. 2007. Disponível em: <http://dejure.mpmg.mp.br/index.php/dejure/article/view/101/10>. Acesso em: 21 jan. 2020.

**O LEGADO DO CONSELHO
REGIONAL DE BIBLIOTECO-
NOMIA DA 1ª REGIÃO PARA
A BIBLIOTECONOMIA DE
BRASÍLIA**



7





Fotografia: Francisco Willian Saldanha

7 O LEGADO DO CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 1ª REGIÃO PARA A BIBLIOTECONOMIA DE BRASÍLIA

Fábio Lima Cordeiro¹⁶

Os conselhos profissionais são entidades diferenciadas da administração pública direta e indireta, tanto que são considerados autarquias federais de natureza especial. Mais que entidades de representação, eles possuem a missão de regulamentar o exercício da atividade profissional e fiscalizar sua atuação, garantindo, assim, a segurança da sociedade. Trata-se de uma delegação do Estado para organização do exercício profissional e do Poder de Polícia para fiscalizar e combater o exercício ilegal da profissão. Também julgam a ética dos profissionais da área. Se determinado profissional comete erro grave no exercício de sua profissão, o seu respectivo conselho abrirá processo ético disciplinar, aplicando penalidade e, em alguns casos, enviará denúncia ao Ministério do Público. Em parceria com demais autoridades públicas, eles ativamente inviabilizam a atuação de pessoas não habilitadas que atendem à população e colocam em risco o bem-estar da comunidade.

Temos no País mais de duas mil profissões catalogadas, e poucas são regulamentadas, ou seja, que exigem uma formação técnica ou curso superior, com legislação específica que orienta o seu exercício. Bom ressaltar que uma profissão regulamentada não implica necessariamente em um conselho de fiscalização profissional. O Brasil conta hoje com mais de 500 conselhos, federais e regionais, representando pouco mais de 30 profissões para cerca de 9 milhões de profissionais ativos inscritos. Em todo esse universo de profissões, a Biblioteconomia tem seu espaço, desde 1962, entre as profissões regulamentadas com conselho profissional. Foi após um árduo trabalho e dedicação de profissionais atuantes à época que, em 30 de junho de 1962, foi promulgada a Lei nº 4.084¹⁷,

¹⁶ Colaboraram com o autor, por meio de revisões do texto, idéias e inspirações, as seguintes ex-Presidentes do CRB-1: Almira Pereira de Sousa Almeida, Celia Maria de Almeida, Ionice de Paula Ribeiro e Maria Aparecida de Lima.

¹⁷ BRASIL. **Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962**. Presidência da República, 2010? Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 4 fev. 2020.

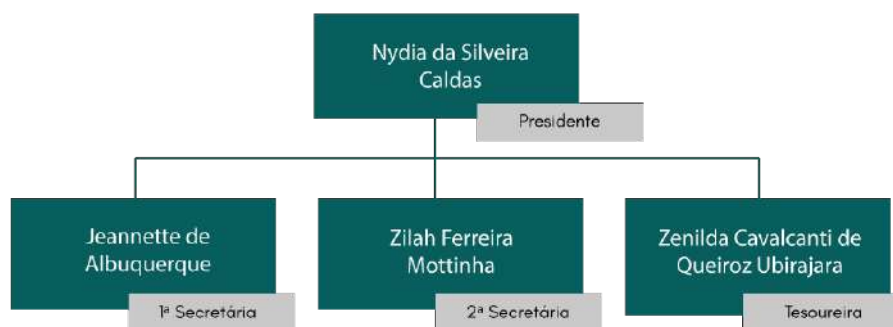
que regula, desde então, o exercício da profissão de bibliotecário no Brasil e estabelece as prerrogativas dos portadores de diploma em Biblioteconomia no País.

A Biblioteconomia, como área do conhecimento, começou cinco décadas antes na Biblioteca Nacional, com seu primeiro curso. Esse movimento estimulou a criação de mais cursos pelo País, que aumentaram o número de profissionais, que passaram a se organizar em associações e assim impulsionaram o avanço da formação profissional no cenário brasileiro. É preciso reconhecer o esforço desses pioneiros, que culminaram na promulgação da Lei. Muito se deve à atuação de bibliotecárias como Laura Garcia Moreno Russo, Adélia Leite Coelho, Lydia de Queiróz Sambaqui, Rubens Borba de Moraes, Edson Nery da Fonseca, dentre outros, que, com persistência e coragem, trabalharam em prol da regulamentação da profissão.

Apesar de estabelecer a criação do Conselho Federal e dos conselhos regionais de Biblioteconomia, a Lei nº 4.084¹⁸, de 1962, só foi regulamentada três anos depois pelo Decreto nº 56.725¹⁹, em 16 de agosto de 1965. O Conselho Federal e 10 Conselhos Regionais de Biblioteconomia foram finalmente criados no ano seguinte, em 1966.

O Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região (CRB-1) foi criado por meio da Resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) nº 4²⁰, de 12 de julho de 1966, com sede no Distrito Federal e sua jurisdição abrangia o Distrito Federal, recém transferido para Brasília, e os Estados de Goiás (que na época continha o atual Estado do Tocantins), Mato Grosso (ainda não dividido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), Acre e o então Território de Rondônia.

Em reunião datada de 16 de agosto de 1966²¹ foi eleita a primeira diretoria do CRB-1 composta pelos seguintes membros:



¹⁸ BRASIL. **Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962.** Presidência da República, 2010? Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 4 fev. 2020.

¹⁹ BRASIL. **Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965.** Senado Federal. Legislação, 2010? . Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/norma/479318/publicacao/15642553>. Acesso em: 4 fev. 2020.

²⁰ BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. **Resolução nº 04, de 17 de agosto de 1966.** Conselho Federal de Biblioteconomia, [2016?]. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/516/1/Resolu%c3%a7%c3%a3o%20revogada%20n%204.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2020.

²¹ HISTÓRIA do Conselho. Conselho Federal de Biblioteconomia, [2016?]. Disponível em: <http://crb1.org.br/conheca-o-crb1/>. Acesso em: 4 fev. 2020.

Participaram desta reunião o então coordenador da Biblioteca da Universidade de Brasília, o professor Edson Nery da Fonseca e também os conselheiros regionais Myriam Gurjão de Mello, Cordélia Robalinho Cavalcanti, Leda Câmara, Washington José de Almeida Moura, Maria Yvonete Faria Cunha, Clea Cesar Cerqueira, Roque da Silva e Edith Porto.

Os primeiros registros entretanto só foram concedidos em reunião Plenária no ano seguinte, em 16 de maio de 1967. O registro número 1 foi o da Primeira Presidente do CRB-1, Nydia da Silveira Caldas

CANCELADO

CALDAS, Nydia da Silveira
Último nome N.º do Processo 33 Categoria Profissional Bibliotecário N.º do Registro 001/67

Nome NYDIA DA SILVEIRA CALDAS
Filiação Leônidas Soriano Caldas - Delith Eliza da Silveira Caldas
Nacionalidade Brasileira Nascido em (cidade) Porezina (Pi)
a 3 de abril de 1923 Ano da conclusão do curso 1952
Escola Biblioteca Nacional Cidade Rio de Janeiro Est. de RJ
Data da expedição do diploma 11 / 3 / 1952
Número do Registro na M.E.C. 1586 Data 16 / 1 / 64 Livro 2 Fis. 59v
Universidade de
Registro n.º Data / / Livro Fis.
Documentos apresentados: Cert. reserv. Categ. e Título de eleitor n.º 6363 Ma.
Cart. identidade - Reg. 128.424 DPSP - DF Reg. Geral
DATA Brasília, 4 de setembro de 1967
Assinatura Nydia da Silveira Caldas Rubrica
End. res. 8050306 - Bloco 306 Cidade Brasília
End. trabalho Secretaria de Educação Cidade Brasília
EMBRATER

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA
BRASILIA - DF

Crédito: Arquivo do CRB-1.

Foto 13: Ficha do Registro nº 1 do CRB-1.

Devido à sede do CRB-1 ser em Brasília, é preciso esclarecer que a sua jurisdição vai muito além do Distrito Federal, e abrange também os Estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A jurisdição inicial (DF, GO, MT, AC, RO) estabelecida pela Resolução CFB nº 4, de 1966, foi confirmada pela Resolução CFB no 151²², de 1976, até que houve a primeira alteração em 1983, com a Resolução CFB nº 300²³.

²² BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. **Resolução n. 151, de 6 de março de 1976**. Brasília: CFB, [2016?]. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/779/1/Resolu%c3%a7%c3%a3o%20N.%20151-1976.pdf>.

²³ BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. **Resolução CFB 300, de 30 de agosto de 1983**. Altera as jurisdições dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia da 1ª, 2ª e 7ª Região. Conselho Federal de Biblioteconomia, [2016?]. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/921/1/Resolu%c3%a7%c3%a3o%20N.%20300-1983.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2020.

Nesse ano, as novas regiões que foram criadas (CRB-11, CRB-12 e CRB-13), além do Estado do Acre, que deixou de ser parte do CRB-1 e foi incorporado ao recém criado CRB-11, e o estado de Mato de Grosso, dividido em 11 de outubro de 1977, que passou a Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, deram nova configuração ao CRB-1 (DF, GO, MT, MS, RO). Quase dez anos depois, a Resolução CFB nº 390²⁴, de 1992, trouxe a configuração atual da jurisdição do CRB-1 (DF, GO, MT, MS) retirando o Estado de Roraima, que deixava de ser Território e passou a ser parte do CRB-11. A área do Estado de Tocantins, que pelo artigo 13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal, deixou de ser, em 5 de outubro de 1988, parte do Estado de Goiás e foi incorporado ao CRB-2. A Resolução CFB nº 165²⁵, de 2015, e finalmente o art. 20 da Resolução CFB nº 179²⁶, de 2017, atual Regimento Interno do Sistema Conselho Federal e Conselhos Regionais de Biblioteconomia, confirmaram a configuração atual da jurisdição do CRB-1.

A sede sempre foi em Brasília, razão pela qual a história do CRB-1 se confunde com a própria história da Biblioteconomia no Distrito Federal. Afinal, o CRB-1 foi criado e entrou em funcionamento logo nos primeiros anos da cidade, que já nasceu com uma biblioteca, a Biblioteca e Discoteca de Porto Seguro, mantida pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP). No decorrer do mesmo ano, 1960, ano de sua inauguração, a cidade recebeu outras bibliotecas, como a do Supremo Tribunal Federal, a da Câmara dos Deputados e a do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). A promulgação da Lei nº 4.084, de 1962 garantiu, mesmo entre tantas dificuldades, que a Biblioteconomia no Distrito Federal fosse institucionalizada desde o início.

O CRB-1 funcionou inicialmente em uma sala emprestada no Ministério da Educação, e em seguida na Universidade de Brasília, no mesmo espaço físico do CFB, conforme narra um dos primeiros presidentes do CRB-1 e do CFB, o Professor Antonio Agenor Briquet de Lemos, no livro *Bibliotecário: 50 anos de regulamentação da profissão*:

²⁴ BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. **Resolução n. 390, de 11 de agosto de 1992**. Regulamenta a jurisdição dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia. Conselho Federal de Biblioteconomia.

²⁵ BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. **Resolução CFB nº 165, de 16 de dezembro de 2015**. Dispõe sobre a Jurisdição dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia. Conselho Federal de Biblioteconomia, [2016?]. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/576/1/Resolucao%20165%20Jurisdi%c3%a7%c3%a3o%20Conselhos%20Regionais.pdf>. 6 fev. 2020.

²⁶ BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. **Resolução CFB nº 179, de 26 de maio de 2017**. Aprova o Regimento Interno do Sistema Conselho Federal e Conselhos Regionais de Biblioteconomia. Conselho Federal de Biblioteconomia, [2016?]. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/1291/1/Resolu%c3%a7ao%20179%20Regimento%20Interno%20Sistema%20CFB-CRB.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.

O reitor da Universidade de Brasília (UnB), prof. Caio Benjamin Dias, havia autorizado o funcionamento do CFB numa das salas da Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica, que ocupava metade do segundo andar do edifício provisório da Biblioteca Central. Não havia dinheiro para pagar aluguel. O pouco disponível era para pagar o salário de um auxiliar e os honorários de um contador. Instalamos o conselho, abrimos conta bancária, contratamos um ex-funcionário da UnB, que estava desempregado e que me fora recomendado por alguém da Biblioteca Central, onde ele estivera lotado. Chamava-se Washington Silva, tinha experiência em questões administrativas. E também contratamos os serviços eventuais de Kazuo Kawashita, contador, que trabalhava na UnB. **O Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região, que antes ocupara sala cedida pelo Ministério da Educação, na Esplanada dos Ministérios, compartilhava esse espaço.**

Não muito tempo depois da instalação do CFB na Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica, fui convocado para uma entrevista com o vice-reitor da UnB, que era professor de física e capitão de mar e guerra, e que desempenhava o papel de interventor da ditadura na universidade. Ele me disse que soubera que um funcionário que fora demitido da UnB (referia-se a Washington Silva) estava agora, contratado por mim, trabalhando no espaço da universidade, o que era inaceitável, pois ele era um subversivo e, por isso, havia sido demitido, e que eu deveria demiti-lo do CFB. Respondi, de modo a tranquilizá-lo, informando que o local seria desocupado imediatamente, mas que o funcionário não seria demitido. **Sai de seu gabinete diretamente para alugar uma sala num edifício comercial na área central de Brasília.** ^{27, 28} (Grifos nossos).

A sede do CRB-1 funcionou juntamente com a sede do CFB, de 1979 a 1984, no endereço - SCLN 712/713, Bloco A, Entrada 31, Sala 2, na Asa Norte, em Brasília, até que em

²⁷ LEMOS, A. A. B. de. Segunda gestão (1969/1972): Antonio Agenor Briquet de Lemos - A primeira infância do Conselho Federal de Biblioteconomia. In: CÔRTE, Adelaide Ramos e *et al.* **Bibliotecário: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil - 1965-2015.** Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. p. 39. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/586/1/Livro%2050%20anos%20Conselho%20Federal%20de%20Biblioteconomia.PDF>. Acesso em: 14 fev. 2020.

²⁸ Nesta época, o *Boletim da ABDF*, de fevereiro de 1970, informou que o CRB-1 passou a funcionar juntamente com o Conselho Federal, no Edifício Márcia, sala 211. O atendimento era feito pelo funcionário Washington Silva, de segunda à sexta-feiras, de 14h às 18h.

julho de 1984 o CFB mudou para o Edifício Brasília Rádio Center²⁹. A sala da SCLN 712/713 era pequena, e ali funcionou até 1997, quando foi adquirida pela 11ª Gestão a sede atual, localizada na SCLN 407, bloco D, loja 30, também na Asa Norte. A sede própria fora adquirida graças aos esforços da 10ª Gestão em resolver os problemas de inadimplência e realizar gestão financeira capaz de acumular saldo suficiente para a compra, além do bom relacionamento com o CFB, que auxiliou na operação de compra.

A gestão financeira e o controle de inadimplência sempre estiveram entre os desafios das diretorias dos conselhos regionais. Pela narrativa do Professor Briquet de Lemos, vimos que desde o início a quantidade de profissionais registrados é um problema a ser superado:

A quantidade de bibliotecários que se registraram nos conselhos regionais em seus primeiros seis anos de existência era tão pequena que não gerava receita suficiente para a manutenção deles e do CFB. Isso mostra que, quando da elaboração da lei, não havia massa crítica de bibliotecários que garantisse a sobrevivência dos conselhos e o cumprimento de sua missão de fiscalizar o exercício da profissão. Essa fiscalização, quando existia, resultava de denúncias esporádicas de profissionais que comunicavam atos de desrespeito à lei cometidos por autoridades públicas, principalmente estaduais e municipais.³⁰

Os recursos orçamentários oriundos das anuidades pagas pelos bibliotecários, são considerados recursos públicos, de natureza tributária e o seu emprego deve ser em benefício do interesse público, com a finalidade de tornar mais eficiente a defesa da sociedade, empreendida pela sua função fiscalizadora³¹. Por isso, os conselhos de Biblioteconomia estão sujeitos ao controle externo exercido pelo Tribunal de Contas da

²⁹ CORREA, N. W. Quinta gestão (1978/1981): Nancy Westphalen Correa. *In*: CÔRTE, A. R. e *et al.* **Bibliotecário**: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil - 1965-2015. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. p. 46. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/586/1/Livro%2050%20anos%20Conselho%20Federal%20de%20Biblioteconomia.PDF>. Acesso em: 14 fev. 2020.

³⁰ LEMOS, A. A. B. de. Segunda gestão (1969/1972): Antonio Agenor Briquet de Lemos - A primeira infância do Conselho Federal de Biblioteconomia. *In*: CÔRTE, Adelaide Ramos e *et al.* **Bibliotecário**: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil - 1965-2015. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. p. 39. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/586/1/Livro%2050%20anos%20Conselho%20Federal%20de%20Biblioteconomia.PDF>. Acesso em: 14 fev. 2020.

³¹ CÔRTE, A. R. e. O papel dos Conselhos de Fiscalização Profissional e sua importância para a sociedade. *In*: CÔRTE, Adelaide Ramos e *et al.* **Bibliotecário**: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil - 1965-2015. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. p. 39. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/586/1/Livro%2050%20anos%20Conselho%20Federal%20de%20Biblioteconomia.PDF>. Acesso em: 25 fev. 2020.

União (TCU). Devem cumprir a Lei de Acesso à Informação (LAI)³², elaborar o orçamento anual e trabalhar de acordo com este instrumento, prestando contas aos profissionais e à sociedade da forma como são gastos esses recursos.

As anuidades dos profissionais são a principal fonte de recursos do CRB-1. Sanar os problemas de inadimplência já estimulou a criatividade de muitos Presidentes. Certa vez, durante a 11ª Gestão, a comissão interventora tomou a iniciativa de antecipar a anuidade do ano de 1998 da própria diretoria para que houvesse recurso em caixa para pagar o 13º salário dos funcionários. E ainda estabeleceu que cada membro da diretoria deveria conseguir pelo menos mais um colega bibliotecário para adiantar sua anuidade. " O engajamento de cada profissional superou as expectativas, de forma que conseguiram que muitos colegas, de forma solidária, adiantassem suas anuidades e o Conselho pudesse cumprir com suas obrigações financeiras. Em seguida, essa mesma gestão procurou o Conselho Federal para mudar uma prática que ocorria à época, em que o bibliotecário em débito com anuidades anteriores não recebia a cobrança da anuidade corrente. Dada a permissão, diversos bibliotecários em débito tomaram ciência da sua dívida, negociaram seus débitos e o CRB-1 conseguiu, ao final daquela gestão, entregar um saldo positivo das contas bancárias e o pagamento dos fornecedores em dia.

A 18ª gestão procurou ampliar o escopo de arrecadação. Além das anuidades, buscou fortalecer a fiscalização em instituições privadas de ensino que não contratam bibliotecário para suas bibliotecas. Esse foco da fiscalização visa aplicar multa àquelas instituições que não respeitam a legislação bibliotecária e, ao mesmo tempo, abrir vagas no mercado de trabalho, para que profissionais desempregados retornem à atividade. A partir daí, eles passam a ter a possibilidade de cumprir a lei e pagar os tributos anuais. A fiscalização é, além de atividade fim do Conselho, grande fonte de sua manutenção.

Uma prática combatida pela fiscalização de várias gestões do CRB-1 tem sido a nomeação de pessoas não habilitadas para cargos de administração e organização das bibliotecas. Essas situações levaram o CRB-1 muitas vezes a embates, até mesmo jurídicos, pela defesa do bibliotecário à frente da biblioteca. Por Brasília concentrar a sede de muitos órgãos federais, a atuação do CRB-1 se deu muitas vezes com os Poderes Executivo Federal e Distrital. O monitoramento de nomeações pelos diários oficiais de cargos em bibliotecas são analisados diariamente para fiscalizar se são exclusivos ou não de bibliotecário. No âmbito distrital foi onde o Conselho mais precisou de dedicação e determinação para defender profissionais habilitados à frente de bons serviços à população.

³² BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011.** Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Presidência da República, [2011?]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Decreto/D7724.htm. Acesso em: 25 fev. 2020.

Outra atuação importante do Conselho é junto à formação dos novos profissionais. Em parceria com a Universidade de Brasília, diversas gestões do CRB-1 procuraram levar seus representantes às aulas do curso de Biblioteconomia, para que os alunos conhecessem o papel do Conselho e a necessidade de se registrarem no início das suas atividades profissionais. A parceria entre Conselho e Universidade é essencial para o fortalecimento da profissão, tanto que o art. 11 da Lei 4.084, de 1962, define que metade da formação do Plenário do Conselho Federal seja de professores dos cursos de Biblioteconomia.

Poucos profissionais saem da Universidade conscientes do papel do Conselho, e isso se reflete na sua própria composição. Os mandatos das gestões são de três anos, e no período eleitoral há grandes dificuldades de montar chapas. Na história do CRB-1 houve apenas três eleições com duas chapas, nos anos de 2005 (que elegeu a gestão 2006/2008), de 2008 (que elegeu a gestão 2009/2011) e de 2011 (que elegeu a gestão 2012/2014). Em todas as outras eleições a chapa era única.

A quantidade de profissionais registrados nas quatro unidades da federação que compõem a jurisdição da 1ª Região teve crescimento modesto ao longo de sua história. A tabela 1 traz os números de registrados no CRB-1 no último dia do respectivo ano, considerando intervalos de 10 em 10 anos. Até janeiro de 2020 eram 3.385 registrados, sendo ativos 1.545.

A preocupação das gestões do CRB-1 com a arrecadação é fundamentada na sustentabilidade financeira da instituição. Os conselheiros são bibliotecários que trabalham voluntariamente pelo desenvolvimento, respeito, reconhecimento e zelo à profissão preservando os interesses coletivos e não individuais, dedicando-se ao cumprimento da Lei.

Tabela 2 - Número de registros definitivos no CRB-1, por décadas (1967/2017)

Ano	Registrados
1967	52
1977	382
1987	1153
1997	1517
2007	2271
2017	3218

Fonte: Caderno de Registros Definitivos do CRB-1.

Não é simples, nem fácil, dedicar suas horas vagas para a profissão, mas há o compromisso em manter o legado daqueles que nos precederam. Horas vagas porque o trabalho voluntário de conselheiro não é remunerado, e todos precisam estar com seus registros ativos para exercer essa função. A função de conselheiro é reconhecida como serviço relevante à profissão e à coletividade.

As reuniões Plenárias, quando são discutidos os temas e os processos administrativos do Conselho, ocorrem no CRB-1 geralmente à noite, vez que não há previsão legal para a liberação dos Conselheiros saírem dos seus trabalhos para realizar essa atividade. Essa condição dificulta muitas vezes o desenvolvimento das atividades dos membros da Diretoria, que nem sempre conseguem comparecer a todos os eventos e reuniões necessários para o bom andamento dos trabalhos.

O CRB-1, até o ano de 2020, teve um total de 18 gestões, mas o número de Presidentes foi bem maior: 34 presidentes. Isso ocorreu por situações adversas, pois nem todos terminaram o seu mandato e, por ter sido adotado, por um período, a prática de divisão de responsabilidades entre os conselheiros, para que a cada ano da gestão houvesse o rodízio de presidentes e cargos da diretoria.

O desconhecimento da real função do conselho leva o profissional a ideias equivocadas do trabalho dos conselheiros. O equívoco mais comum é não distinguir a anuidade do Conselho como um tributo, previsto em Lei, que deve ser devidamente recolhido para a defesa de interesses da categoria. Diferente das anuidades das associações e dos sindicatos, que são revertidas para os interesses dos seus associados, a anuidade do Conselho tem o fato gerador do tributo no registro do profissional.

Assim, as associações de bibliotecários são responsáveis por representar os interesses de seus associados, promover eventos de capacitação que ajudem no desenvolvimento técnico e socialização dos seus afiliados. Os sindicatos atuam nas relações trabalhistas entre bibliotecários e seus empregadores, como questões salariais, condições adequadas de trabalho. Os conselhos, cumprindo com seu dever, atuam diretamente no controle ético e técnico-profissional, o que lhes confere a dimensão de seu compromisso social.

Em determinadas situações as funções das entidades podem se confundir. Por exemplo, em uma situação de assédio moral entre bibliotecários, além da questão trabalhista, em que poderia ser evocada a presença do sindicato, há uma questão de ética profissional que ensejaria a participação do Conselho. Essa confusão dos papéis dessas entidades decorre também das suas ausências em determinadas instâncias. Em Brasília a Associação de Bibliotecários e Profissionais de Ciência da Informação do Distrito Federal (ABDF) tem presença ativa na classe bibliotecária, entretanto, a falta de um Sindicato faz com que o Conselho seja questionado muitas vezes sobre questões salariais.

A valorização do profissional é outra esfera de atuação do CRB-1. Reconhecer o trabalho daqueles que contribuíram para o desenvolvimento da profissão na região é o objetivo da maior condecoração da Biblioteconomia na Região Centro-Oeste, a Medalha Rubens Borba de Moraes. Em 1987, em razão das comemorações dos 20 anos do CRB-1, foi criada essa condecoração:

A medalha Rubens Borba de Moraes - Honra ao Mérito Bibliotecário é concedida a profissionais que tenham se destacado de modo superior a natural expectativa para a expansão e o aperfeiçoamento, na 1ª Região, das áreas profissional e social, e que hajam participado, nessas áreas, com valiosa cooperação para a concretização de seus planos e programas de trabalho, e aos que, pelo profundo conhecimento técnico, hajam apresentado contribuição efetiva e significativa à elevação do nível de eficiência das áreas social e profissional da Biblioteconomia³⁵.

A escolha de Rubens Borba de Moraes para ser o patrono da Honra ao Mérito Bibliotecário no CRB-1 se deve aos seus esforços, que fizeram com que a partir da década de 1930, a Biblioteconomia no Brasil se desenvolvesse a passos mais largos, com a criação da primeira Escola de Biblioteconomia, que funcionou, inicialmente, junto ao Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo e depois na Escola de Sociologia e Política da mesma cidade. Essa Escola, dirigida por ele, tinha uma orientação estritamente estadunidense, e abriu as portas para os alunos recém-saídos do curso secundário. Para essa Escola, Rubens Borba de Moraes convidou bibliotecários de todo o País, os quais, retornando aos seus Estados, foram, aos poucos, envidando esforços no sentido de criar novos cursos e escolas de Biblioteconomia, especialmente nas universidades federais. Rubens Borba de Moraes também foi professor titular na Universidade de Brasília.

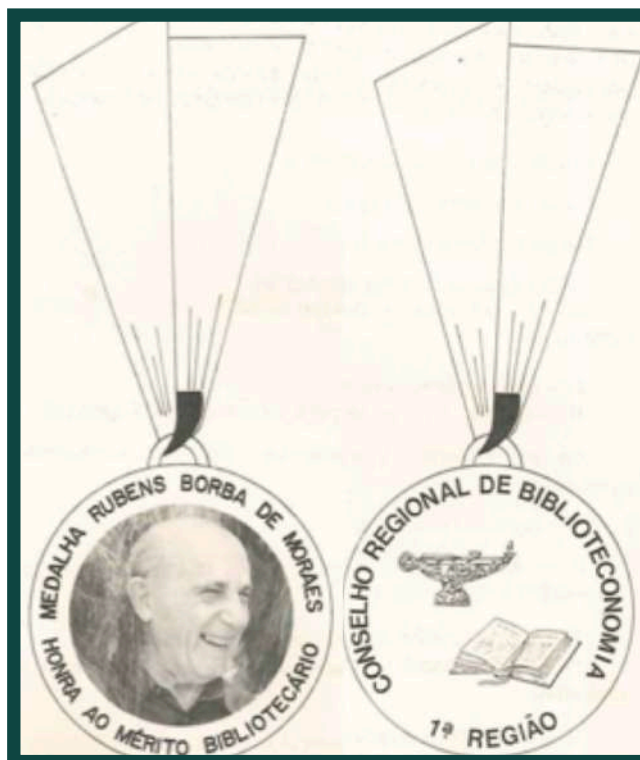



Imagem capturada de: CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECOMIA DA 1ª REGIÃO. Medalha Rubens Borba de Moraes. Brasília, DF, 2019.

Foto 14: Medalha Rubens Borba de Moraes

³⁵ A MEDALHA. In: CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECOMIA DA 1ª REGIÃO. Medalha Rubens Borba de Moraes. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://crb1.org.br/mrb/medalha/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

Nos primeiros anos as escolhas dos profissionais que receberiam as medalhas eram feitas pelo Plenário do CRB-1 a cada três anos. Depois passou a contar com a participação das associações na escolha dos indicados, a contemplar profissionais não pela região inteira, mas por Estado da jurisdição e contar com votações abertas dos pares para escolha dos homenageados. A última revisão do regulamento da Medalha ocorreu em 2019³⁴ e foram contemplados no Distrito Federal, até 2020, 18 bibliotecários.

Ano	Homenageado
1987	Aníbal Rodrigues Coelho
1990	Nilcéia Amábilis Rossi Gonçalves
1993	Neusa Dourado Freire
1996	Iza Antunes
1999	Maria da Conceição Moreira Salles
2002	Antônia Motta de Castro Memória Ribeiro
2004	Sebastião de Sousa
2006	Adelaide Ramos e Côrte
2011	Murilo Bastos da Cunha
2013	Maria Aparecida de Lima
2014	Thereza Rosa Borges de Holanda
2015	Suzana Pinheiro Machado Mueller
2016	Antonio Agenor Briquet de Lemos
2017	Emir José Suaiden
2018	 Edilenice Jovelina Lima Passos e Sely Maria de Souza Costa
2019	 Maria Tereza Machado Teles Walter
2020	Rita de Cássia do Vale Caribé

Fonte: Website da Medalha Rubens Borba de Moraes.

Em 2020 o CRB-1 completa 53 anos, e não se pode deixar de registrar a importância de cada profissional que por aqui passou nesse período. Cada um de alguma forma, por meio de sua competência, envolvimento, dedicação, contribuiu para que o Conselho atravessasse os desafios das mudanças sociais e permanecesse como entidade

³⁴ BRASIL. CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECOLOGIA DA 1ª REGIÃO. **Portaria CRB-1 nº 1, de 24 de janeiro de 2019**. Aprova o Regulamento da Medalha Rubens Borba de Moraes - Honra ao Mérito Bibliotecário. Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª região, [2016?]. Disponível em: <http://crb1.org.br/site/wp-content/uploads/2016/09/Portaria-2019-01-Regulamento-Medalha-RBM-1.pdf>.

relevante. São as pessoas que constroem as histórias e que fazem a diferença nas instituições, desde o primeiro funcionário, Raimundo Omar Coelho, secretário administrativo, até o mais recente, Edivam Barbosa Dias Junior, assessor jurídico.

E não há como contar a história do CRB-1 sem mencionar os funcionários João Goulart Ribeiro e Romilda Almeida de Sousa. Ambos sempre foram extremamente dedicados. João entrou no CRB-1 em 1988, como Secretário Administrativo, e Romilda entrou em 1990, como Auxiliar Administrativa. Além deles, outros colaboradores foram essenciais para o desenvolvimentos das atividades do Conselho.

Nome	Cargo	Admissão	Saída
Raimundo Omar Coelho	Secretário Administrativo	1975	1980
Maria Amélia Dias	Datilografo	1979	1982
Marilena Pessoa Cantarino	Secretaria Administrativa	1980	1987
Pedro Ubirajara Falcão Freire	Auxiliar de Secretaria	1983	1987
Isa Paula do Nascimento Cruz	Técnico em Secretariado	1986	1988
Marluci Aparecida Mattos das Chagas	Auxiliar de Secretaria	1987	1987
João Goularth Ribeiro	Secretario Administrativo	1988	atual
Genicy Helena Rezende Narciso	Secretária	1988	1989
Elizabeth Maria de Mattos	Secretária	1989	1990
Romilda Almeida de Sousa	Auxiliar de Secretaria	1990	Atual
Olga Emídio Rosa de Rezende	Bibliotecária	1991	1991
Vania Inez de Lima	Bibliotecária Fiscal	1993	1994
Maria da Graça Barcellos Cardoso	Bibliotecária Fiscal	1995	1997
Sônia Luiza de Oliveira	Bibliotecária Fiscal	2003	2005
Cinilda Carvalho Medeiros Souza	Bibliotecária	2005	2005
Nádia Ferreira Montenegro Silva	Bibliotecária	2005	Atual
Monica Coelho dos Reis	Bibliotecária Gerente	2011	2017
Isley Simões Dutra de Oliveira	Assessor Jurídico	2014	2017
Lzy Rayla Ribeiro Alquimim	Assessora de Comunicação	2014	2018
Jean Calvoso	Assessor Contábil	2015	Atual
Edivam Barbosa Dias Júnior	Assessor Jurídico	2019	Atual

Fonte: Assentamentos funcionais do CRB-1.

Por fim, o CRB-1 tem um papel importante na defesa da sociedade para que esta receba serviços de qualidade e dignos. E, como toda instituição, o CRB-1 é feito de pessoas, que se dedicaram e se envolveram nessas atividades, pelo amor à profissão, pelo reconhecimento do bibliotecário na sociedade. E pessoas têm defeitos, não são perfeitas, e falhas acontecem. Por isso é mais do que necessário o apoio dos profissionais nas atividades do conselhos, seja denunciando, seja colaborando de forma voluntária nas atividades.

A relação de todos os bibliotecários que estiveram presentes em alguma das gestões do CRB-1, em seus 54 anos de existência, pode ser consultada ao final deste capítulo, juntamente com quatro depoimentos de ex-presidentes que lembram, com muito carinho, os desafios de suas gestões.

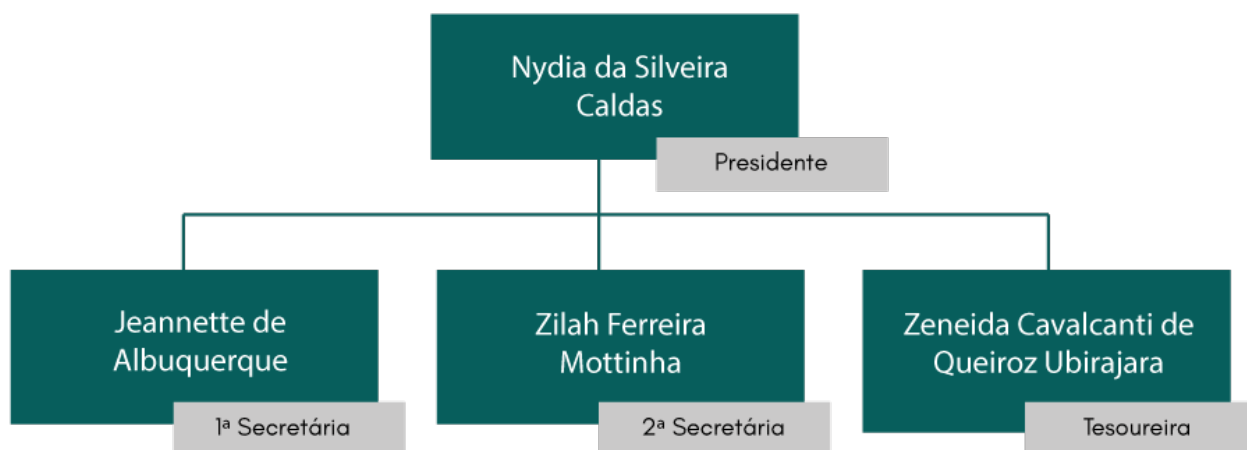
Conselho Regional de Biblioteconomia - 1ª Região (CRB-1)

Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

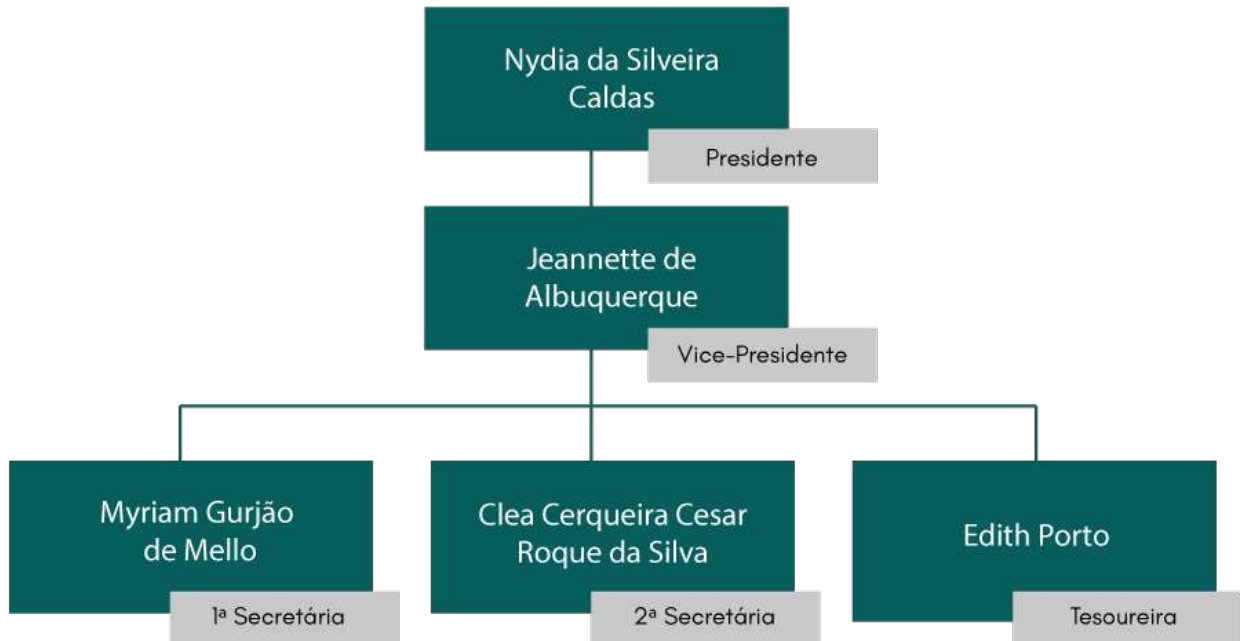
1ª Gestão CRB-1 - 1966/1969

Conselheiros: Adélia Leite Coelho; Abner Lellis Correa Vicentini; Antonio Agenor Briquet de Lemos; Carmelita Correa Heunning; Clea Cerqueira Cesar Roque da Silva; Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti; Edith Porto; Edson Nery da Fonseca; Elcy Guimarães Ferreira Pereira; Fernanda Leite Ribeiro; Jeannette de Albuquerque Silva; Leda Câmara Laboriou; Maria Riza Baptista Dutra; Maria Ivonete de Faria Cunha; Myriam Gurjão de Mello; Neusa Dias de Macedo; Nydia da Silveira Caldas; Washington José de Almeida Moreira; Zeneida Cavalcanti de Queiroz Ubirajara; Zilah Ferreira Mottinha.

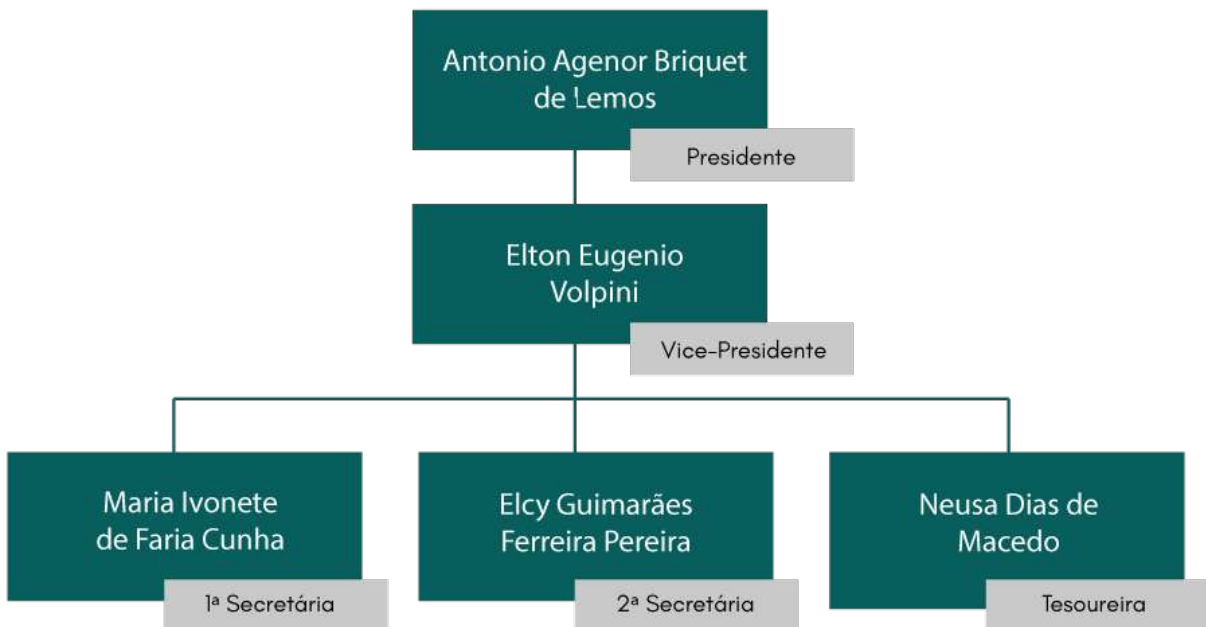
Diretoria 1966



Diretoria 1967-1968

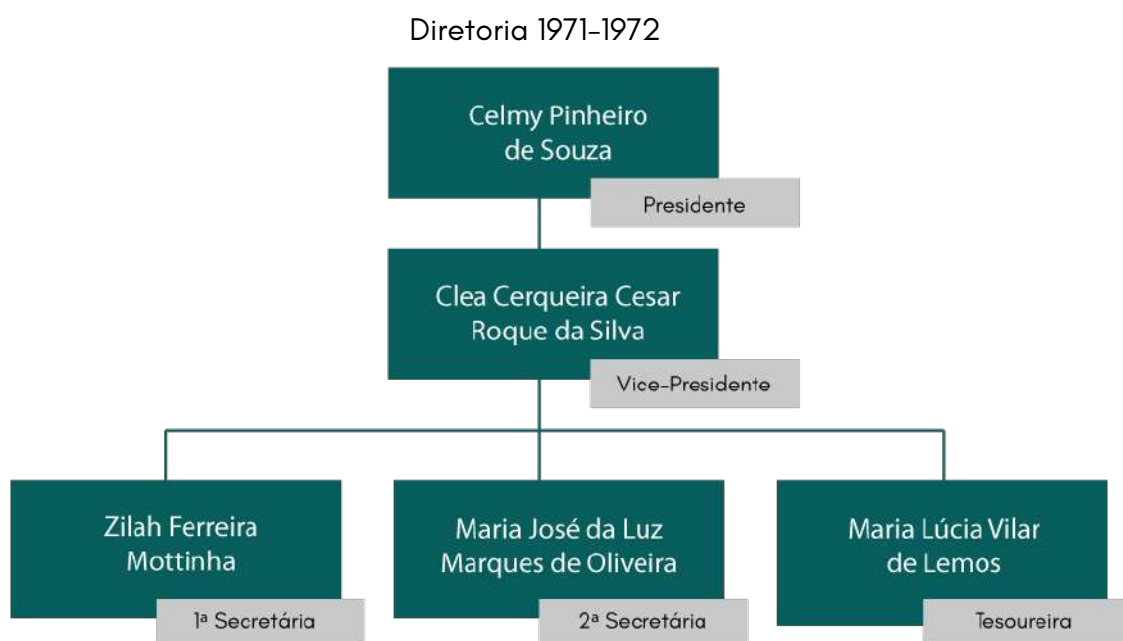
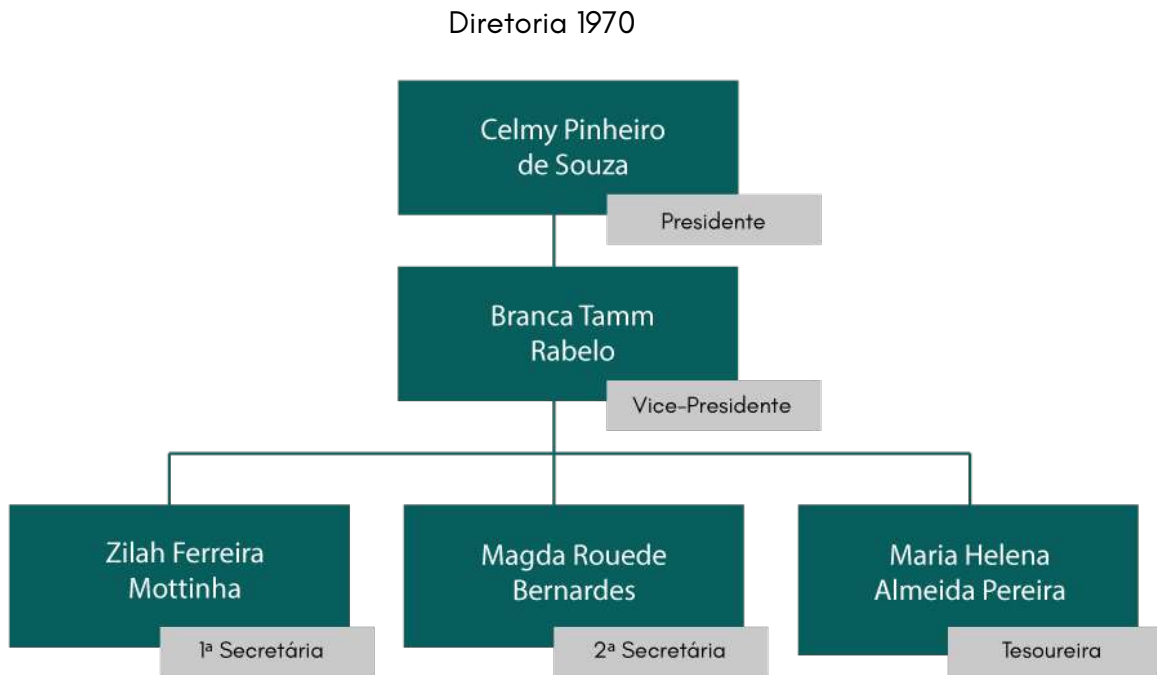


Diretoria 1969



2ª Gestão CRB-1 - 1970/1972

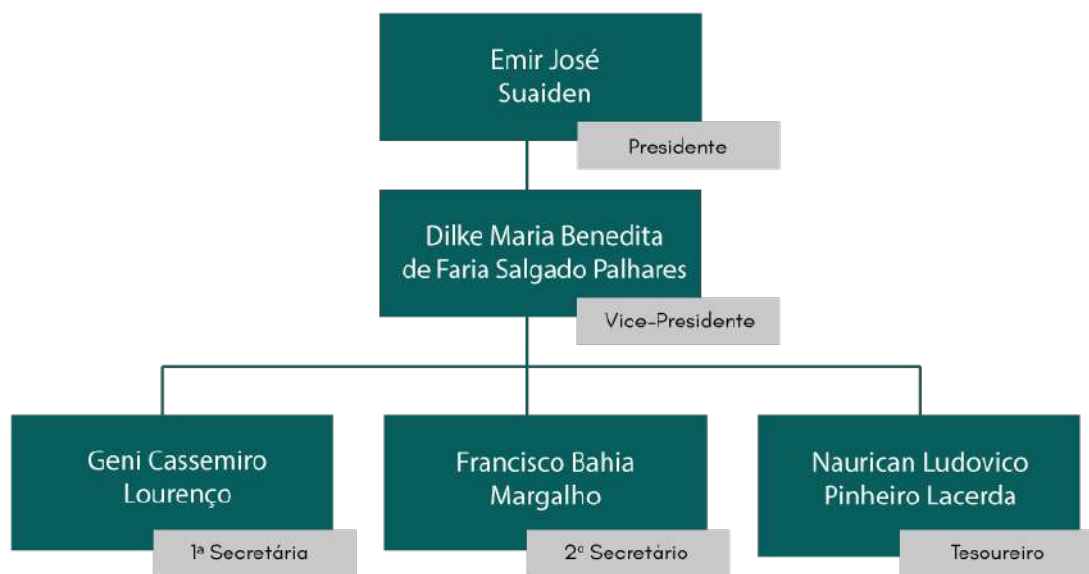
Conselheiros: Branca Tamm Rabelo; Celmy Pinheiro de Souza; Clea Cerqueira Cesar Roque da Silva; Edith Porto; Edson Nery da Fonseca; Magda Rouede Bernardes; Maria da Luz Oliveira de Melo; Maria de Lourdes Dantas; Maria Emília Tostes Regis da Silva; Maria Helena Almeida Pereira; Maria José da Luz Marques de Oliveira; Maria Laura da Cunha Lion; Maria Lúcia Vilar de Lemos; Maria Riza Baptista Dutra; Murilo Bastos da Cunha; Pérola Cardoso Raulino; Zilah Ferreira Mottinha.



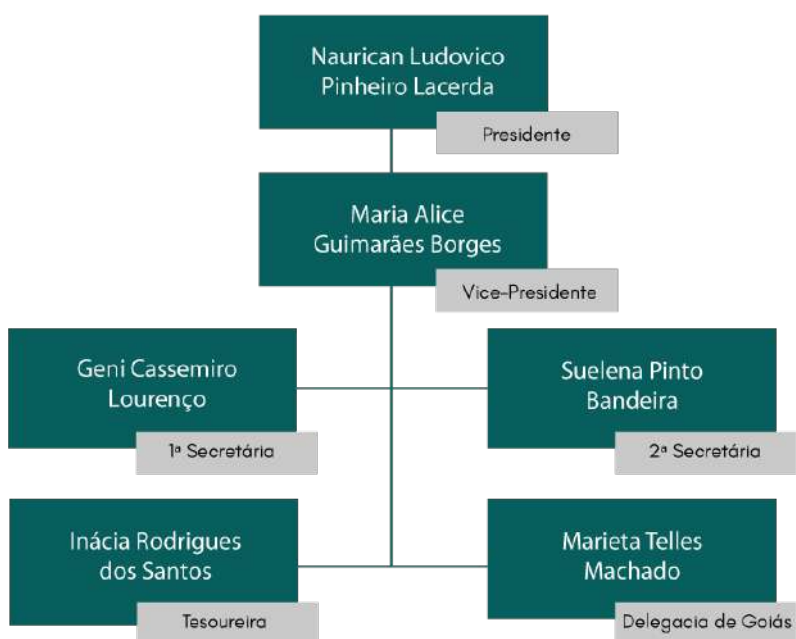
3ª Gestão CRB-1 - 1973/1975

Conselheiros: Angela Maria Crespo Queiroz Neves; Antonia Mota de Castro Memória Ribeiro; Dilke Maria Benedita de Faria Salgado Palhares; Emir José Suaiden; Francisco Bahia Margalho; Geni Cassemiro Lourenço; Inácia Rodrigues dos Santos; Maria Alice Guimarães Borges; Maria Aparecida Monteiro de Castro Pinto; Maria Edite Mendes; Maria José da Luz Vaz Marques de Oliveira; Nara Maldonado de Carvalho; Naurican Ludovico Pinheiro Lacerda; Normanda dos Santos Miranda; Orion Gonçalves da Silva; Rosa Edite Lemos Alves Pedreira; Suelena Pinto Bandeira; Vilma Pereira.

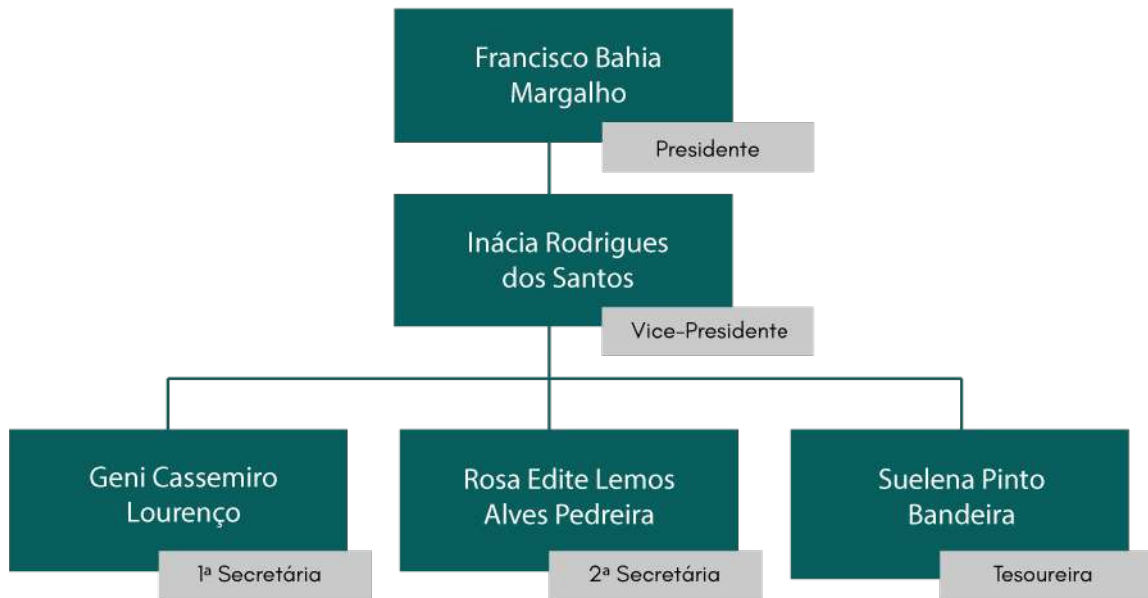
Diretoria 1973



Diretoria 1974



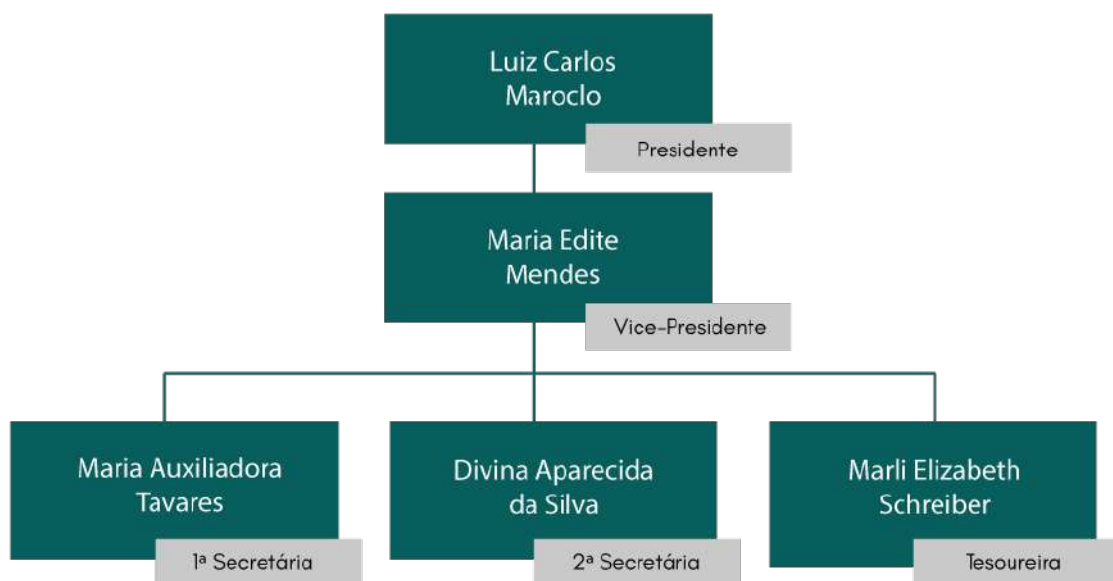
Diretoria 1975



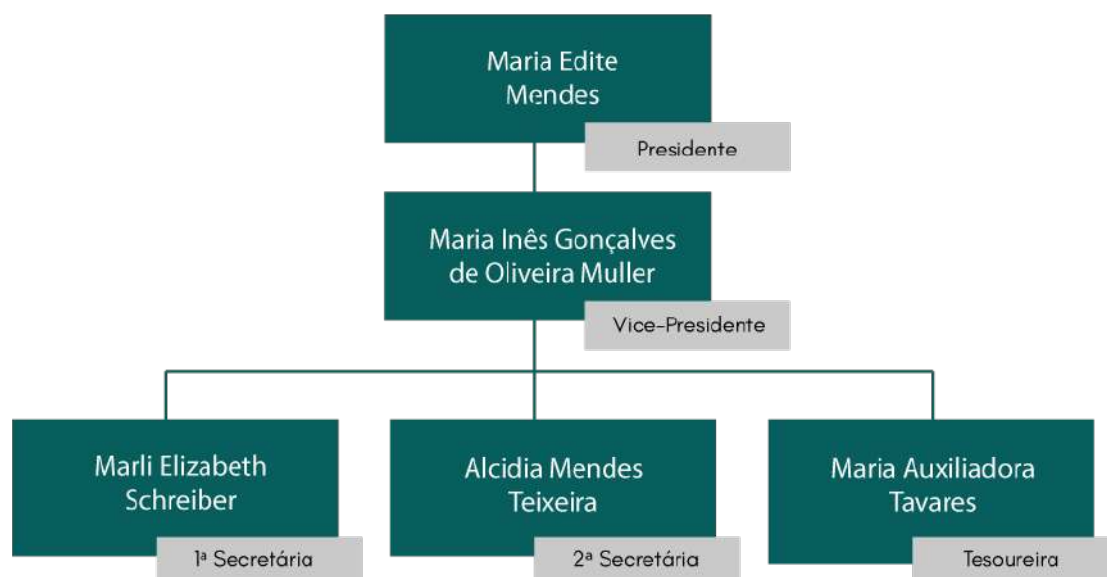
4ª Gestão CRB-1 - 1976/1978

Conselheiros: Alcídia Mendes Teixeira; Divina Aparecida da Silva; Iracema Almeida Lima; Iraci da Silva Rodrigues; Lucia de Barros Neiva Meskell; Luiz Carlos Maroclo; Maria Auxiliadora Tavares; Maria Edite Mendes; Maria Inês Gonçalves de Oliveira Muller; Marli Elizabeth Schreiber; May Flower Bezerra; Neide Maria Rossi Ramirez; Regina Cavalcanti de Albuquerque; Sônia Cerqueira Dumont; Terezinha das Graças Alves.

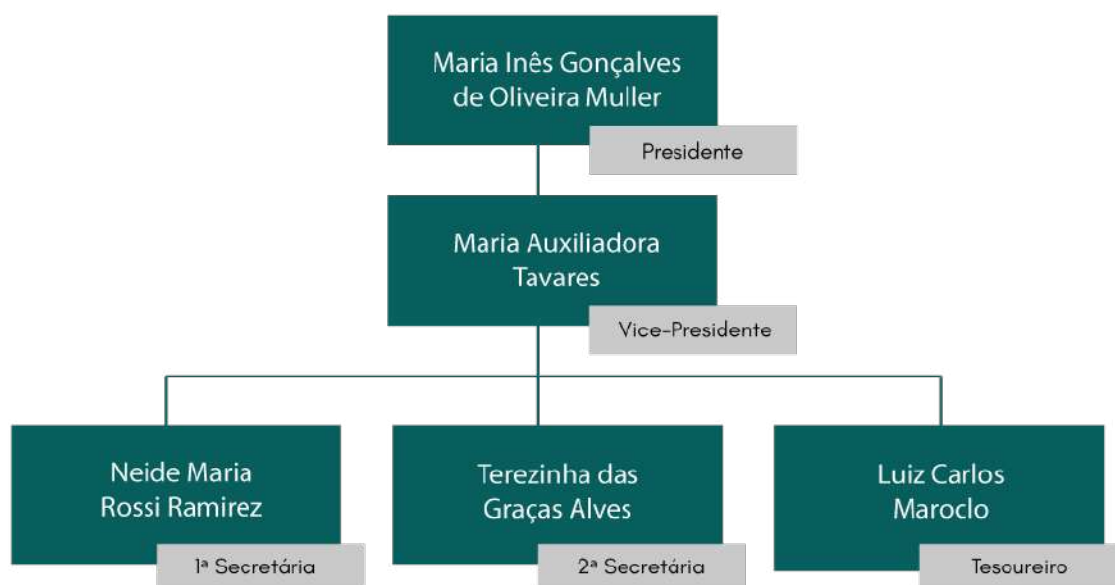
Diretoria 1976



Diretoria 1977



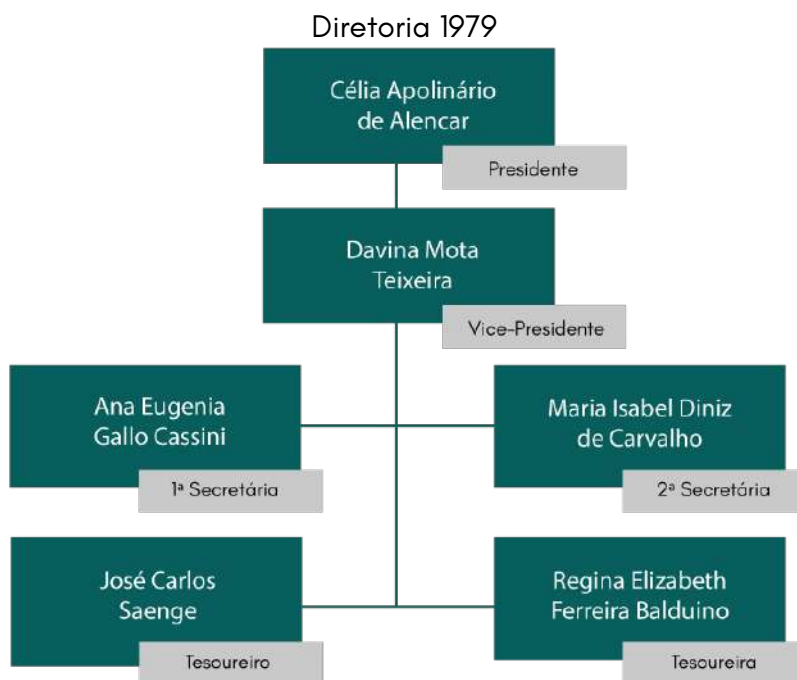
Diretoria 1978



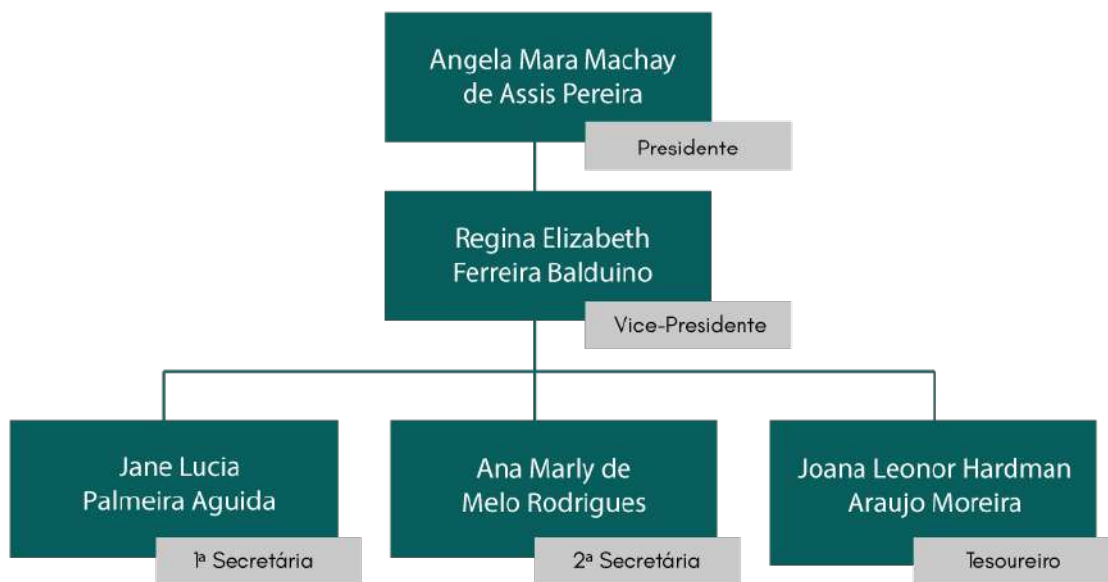
5ª Gestão CRB-1 - 1979/1981

Conselheiros: Ana Eugenia Gallo Cassini; Ana Marly de Melo Rodrigues; Angela Mara Machay de Assis Pereira; Célia Apolinário de Alencar; Davina Mota Teixeira; Eni Maria de Araujo Serzanink; Helena Pessoa Cantarino; Ioia Plnheiro Uema; Jane Lucia Palmeira Aguida; Joana Leonor Hardman Araujo Moreira; José Carlos Saenger; Lúcia Lanari Ozolins;

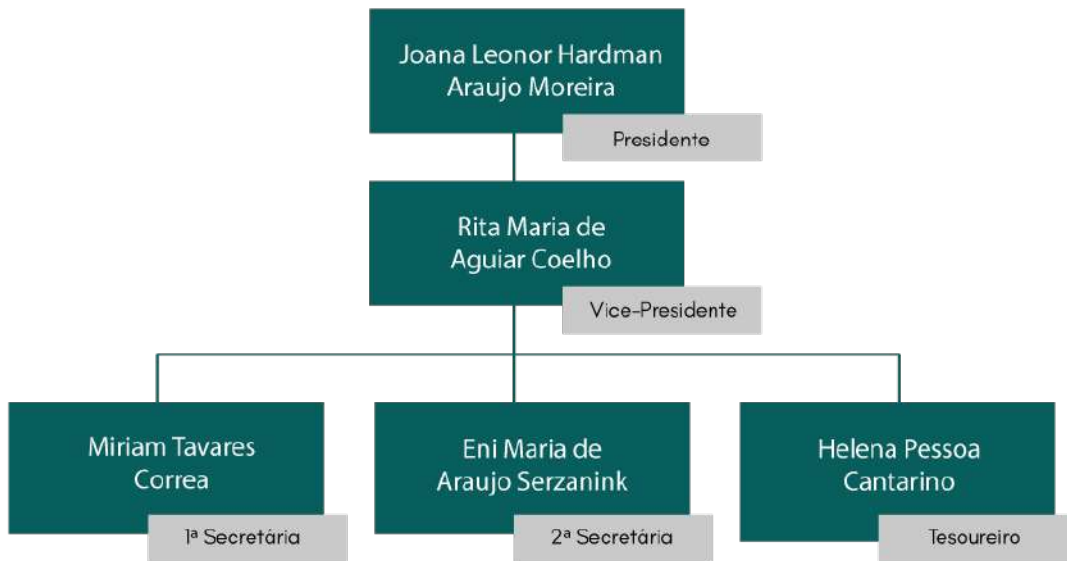
Maria Isabel Diniz de Carvalho; Miriam Tavares Correa; Moema Malheiros Ponte; Regina Elizabeth Ferreira Balduino; Rita Maria de Aguiar Coelho; Sandra Maria de Oliveira Araujo.



Diretoria 1980



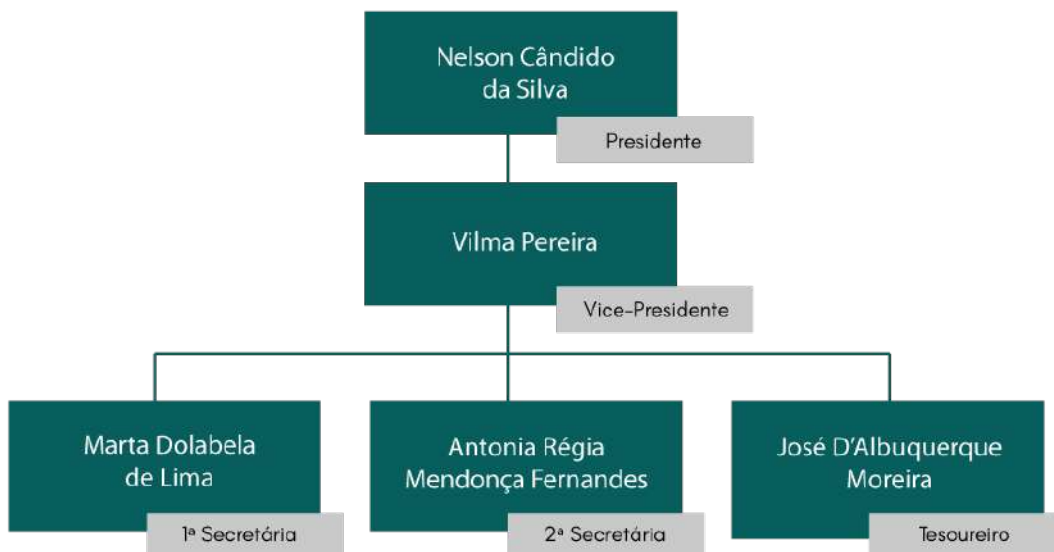
Diretoria 1981

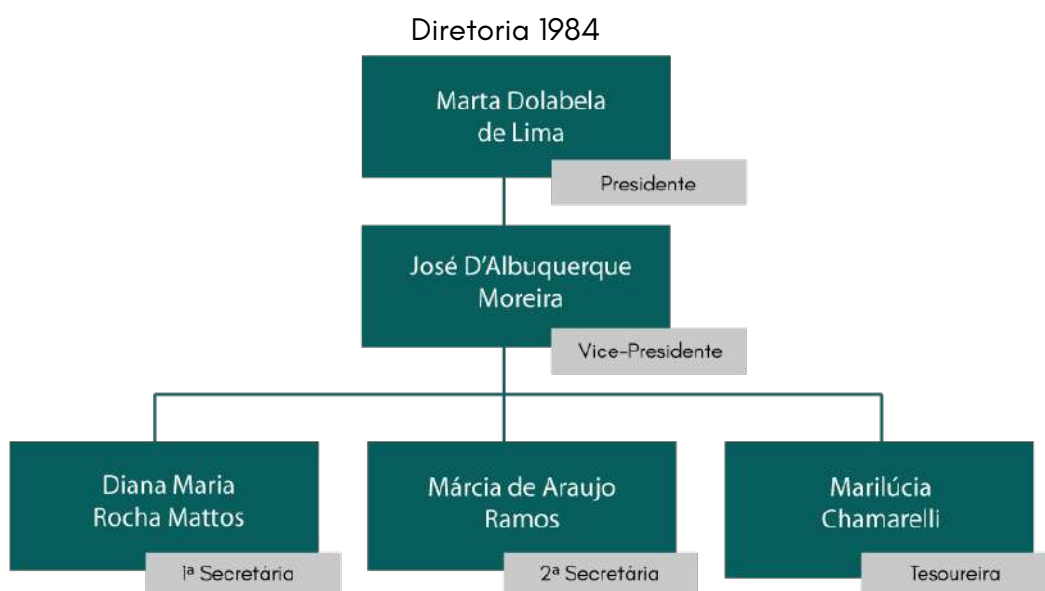
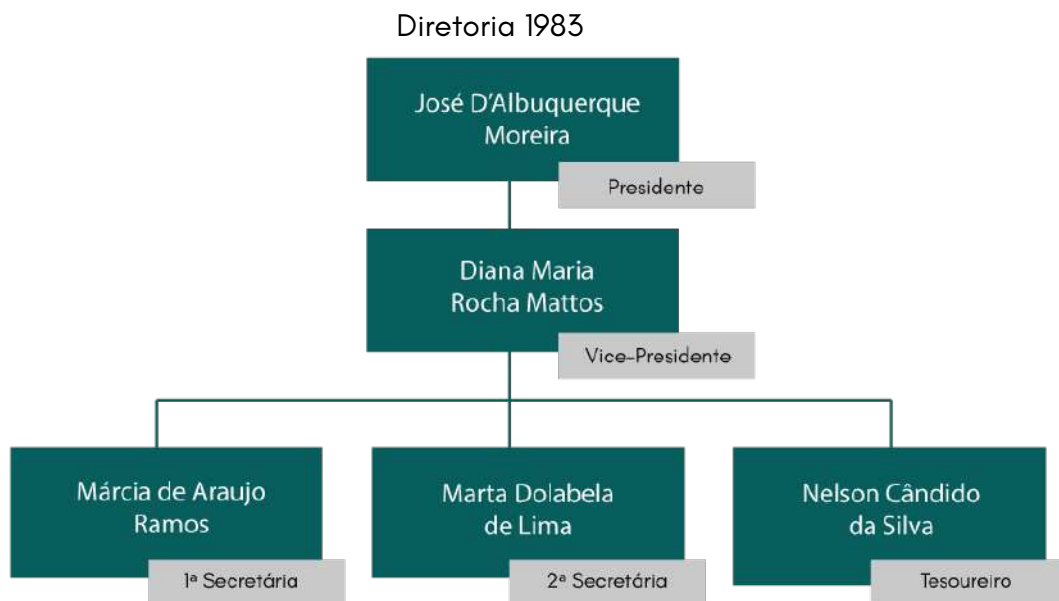


6ª Gestão CRB-1 - 1982/1984

Conselheiros: Angela Barcelos Vale Comin; Antonia Régia Mendonça Fernandes; Berenice Aparecida Ferreira de Sousa; Clarice Mattos Roll; Diana Maria Rocha Mattos; Évilson Gilbens de Siqueira Lobo; Gleide Catarina de Carvalho Costa; Hilda Soares Braga; José D'Albuquerque Moreira; Lina Akiyo Nemoto Yamaguti; Luiz Carlos Maroclo; Márcia de Araujo Ramos; Marilúcia Chamarelli; Marta Dolabela de Lima; Nelson Cândido da Silva; Silvia do Couto Gontijo; Vera Regina Azevedo de Freitas; Vilma Pereira.

Diretoria 1982

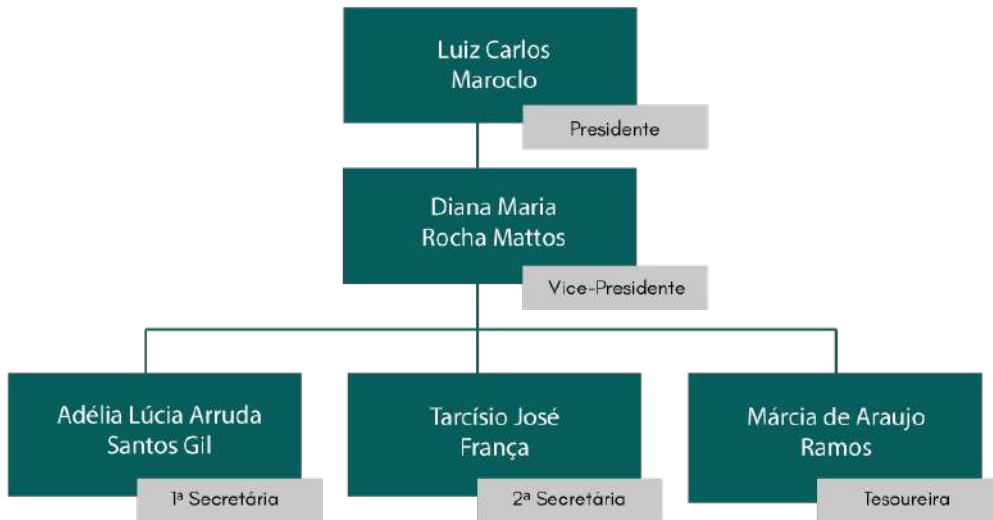




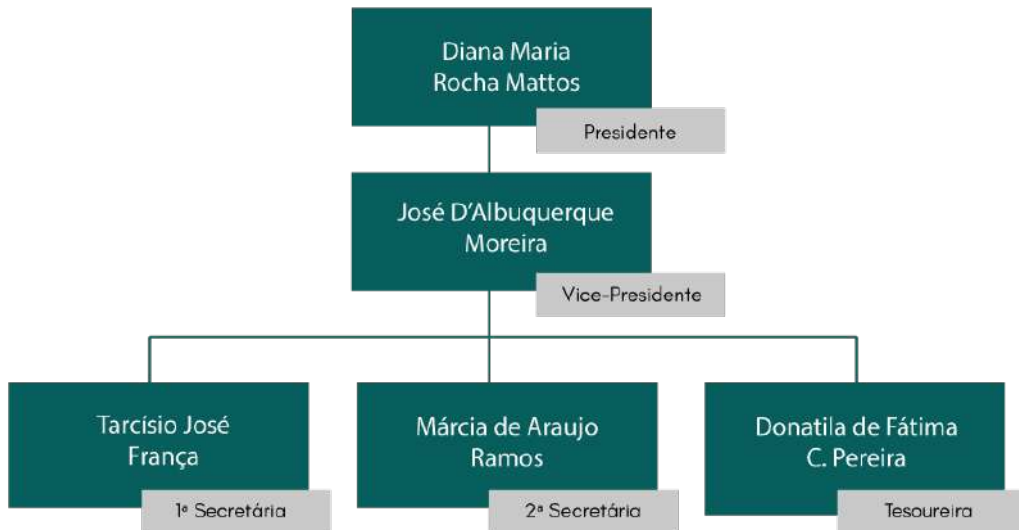
7ª Gestão CRB-1 - 1985/1987

Conselheiros: Adélia Lúcia Arruda Santos Gil; Anisia Baptista Martins Filha; Anita Magalhães da Silva; Claudete Marlene Schaff Silva; Diana Maria Rocha Mattos; Donatila de Fátima C. Pereira; Francisca Leal Aires; José D'Albuquerque Moreira; Lucia Lanari Ozolins; Luiz Carlos Maroclo; Márcia de Araujo Ramos; Margareth Araujo Lima; Maria Auxiliadora Tavares; Maria Consuelene Marques; Maria das Graças Carvalho Marques; Maria Elisa Hecht Nunes; Maria José Guimarães Miranda; Maria Tereza de Carvalho Araújo; Marilúcia Chamarelli; Marta Dolabela de Lima; Rita Maria de Aguiar Coelho; Rosa Maria de Abreu; Sheila Maria Andrade Parente; Tarcísio José França; Telma Ferreira Freitas Bandeira; Tereza Cristina Ferreira da Silveira Franco; Venauria Batista de Oliveira.

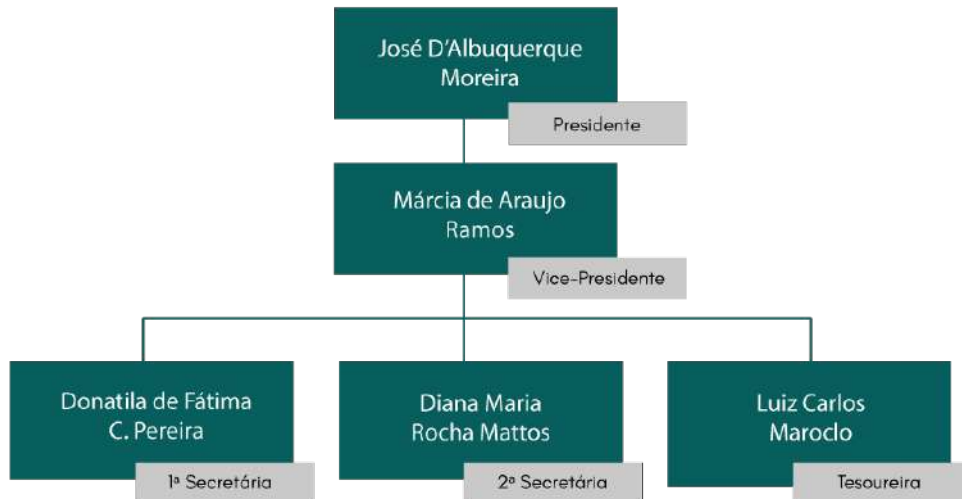
Diretoria 1985



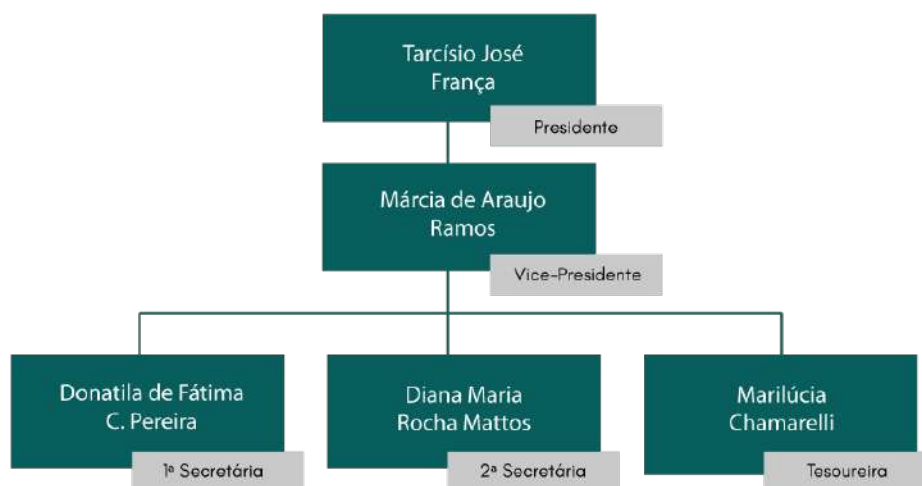
Diretoria 1986



Diretoria 1987



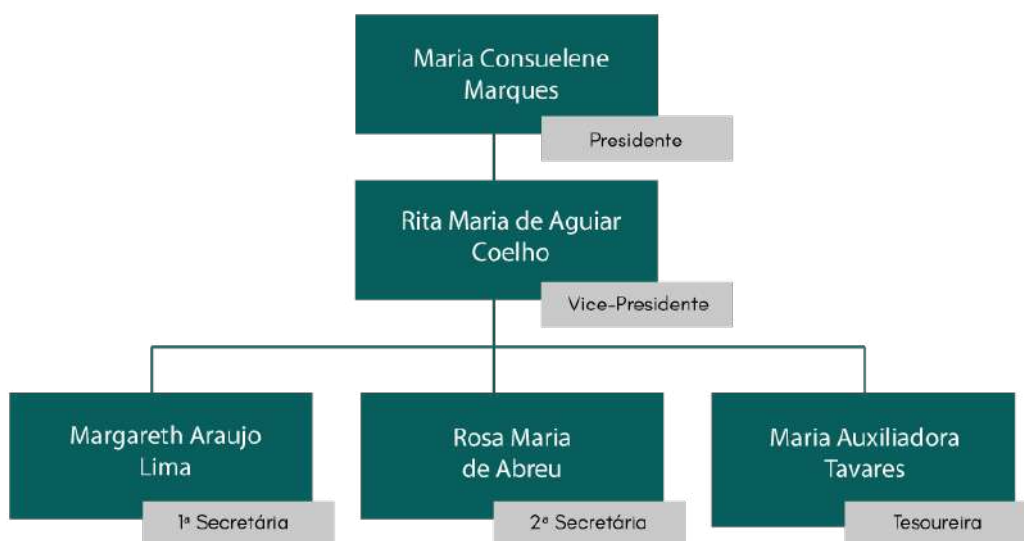
Diretoria 1987 - Complementação de Gestão

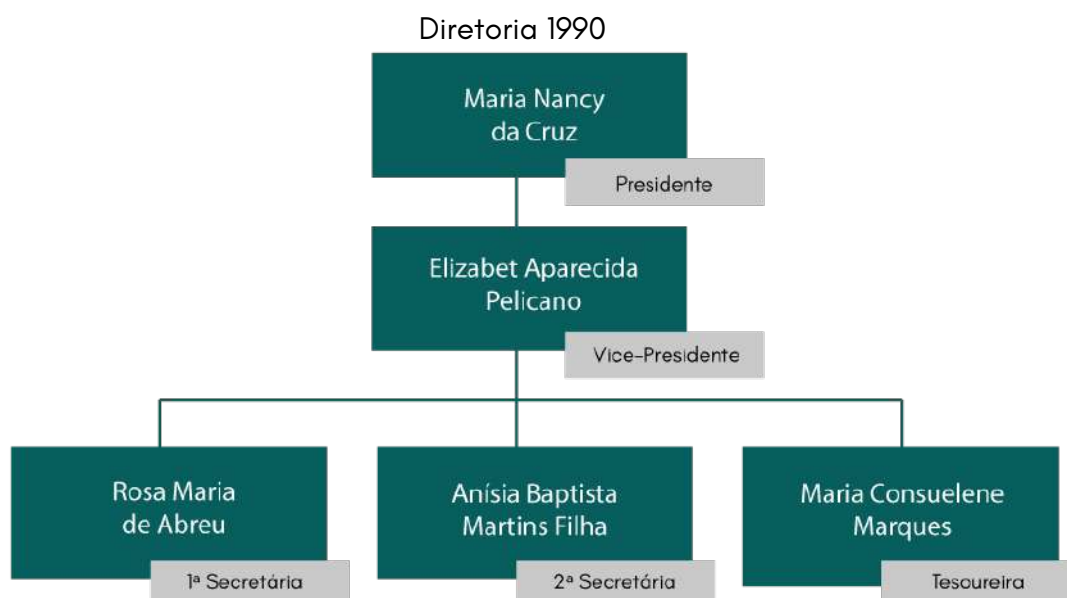
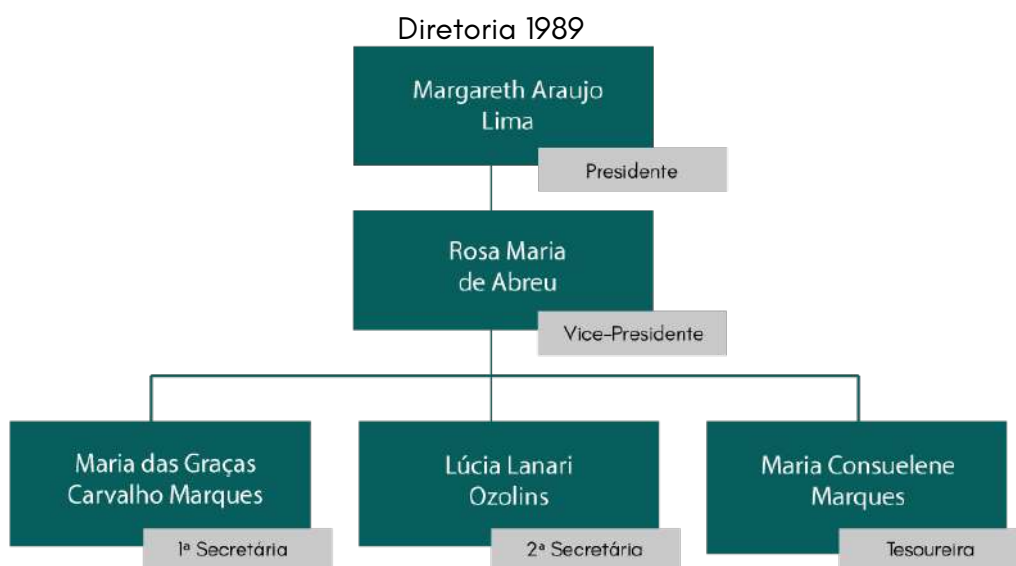


8ª Gestão CRB-1 - 1988/1990

Conselheiros: Adelaide Soares de Oliveira Veiga; Aníbal Rodrigues Coelho; Anísia Baptista Martins Filha; Anita Magalhães da Silva; Anna de Souza Ayres Lopes; Chirlene dos Santos Brandão; Elizabet Aparecida Pelicano; Francisca Leal Aires; Ilza Peixoto Claudino da Silva (delegada de Goiás); Iza Antunes Araújo; Lúcia Lanari Ozolins; Margareth Araujo Lima; Maria Aparecida de Lima; Maria Auxiliadora Tavares; Maria Consuelene Marques; Maria das Graças Carvalho Marques; Maria Izabel Pimentel Araujo; Maria Nancy da Cruz; Marta Guimarães Ferreira; Nelson Cândido da Silva; Olga Emídio Rosa de Rezende; Rita Maria de Aguiar Coelho; Rosa Maria de Abreu; Sheila Maria Andrade Parente; Sílvia Regina Giordani Pereira.

Diretoria 1988

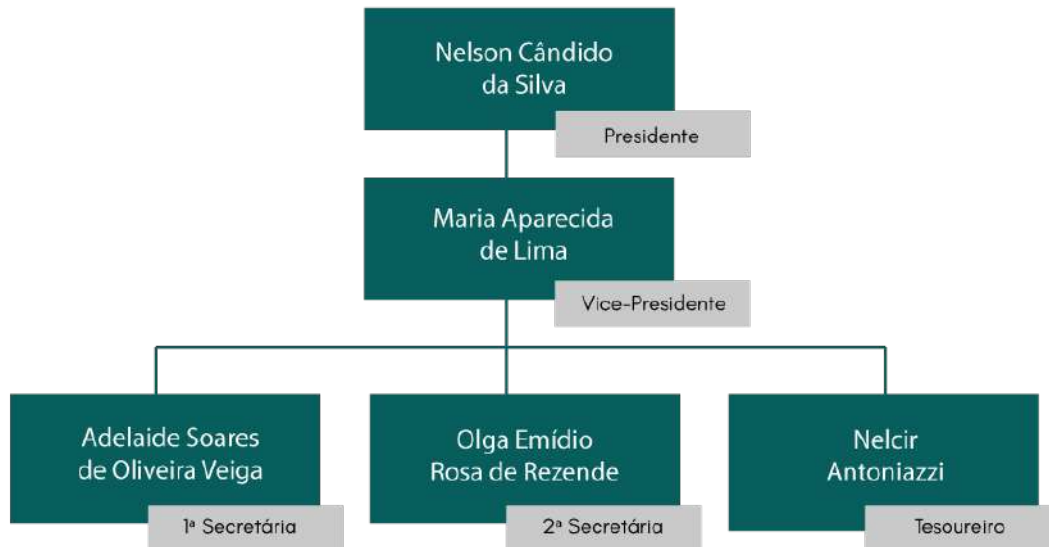




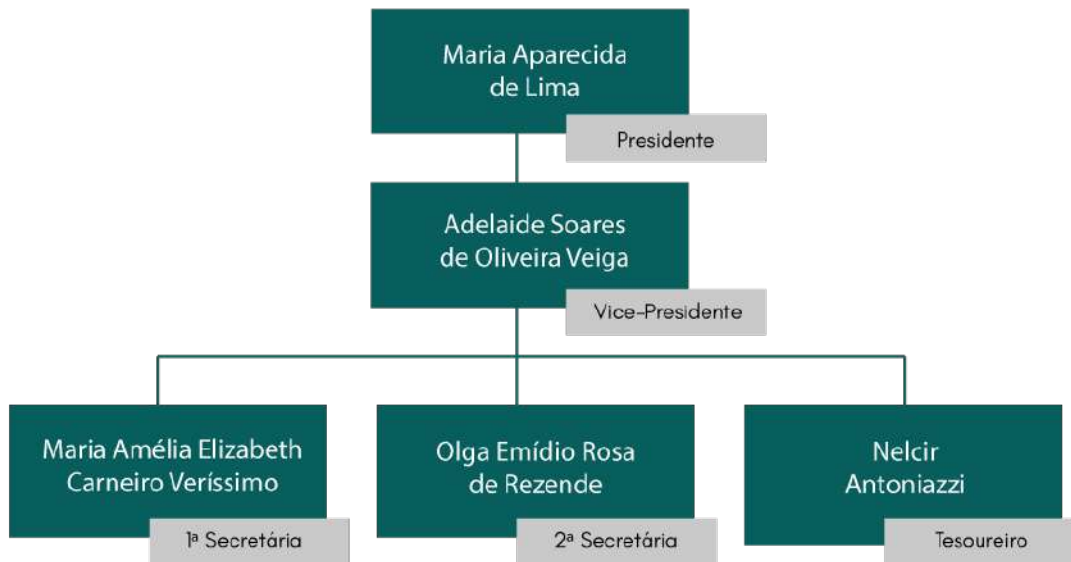
9ª Gestão CRB-1 - 1991/1993

Conselheiros: Adelaide Soares de Oliveira Veiga; Benedita Maria de Souza; Claudiney Carrijo de Queiroz; Dione Corrêa da Silva (Delegada de Rondônia); Domitila Umbelino do Nascimento (Delegada de Goiás); Eunice Maria Sombrio; Flávia Edith Veiga B. Galetti (Delegada de Mato Grosso); Isabela Vollstedt Bastos; Laíse Maria Beserra Jay; Lourdes Bomtempo de Mendonça; Marco Aurélio Borges de Paola; Maria Amélia Elizabeth Carneiro Veríssimo; Maria Aparecida de Lima; Marilene de Oliveira; Nelcir Antoniazzi; Nelson Cândido da Silva; Neuza Arantes Silva; Nurimar Alice Gomes Ribeiro; Olga Emídio Rosa de Rezende; Rossana D'Carlos A. Theodoro; Wilma da Silva; Yvonne Coelho de Souza.

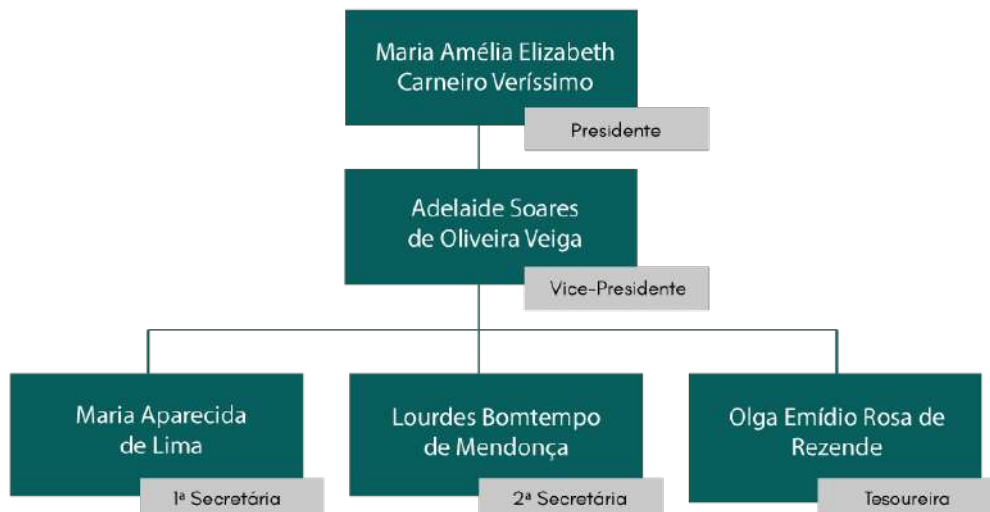
Diretoria 1991



Diretoria 1992

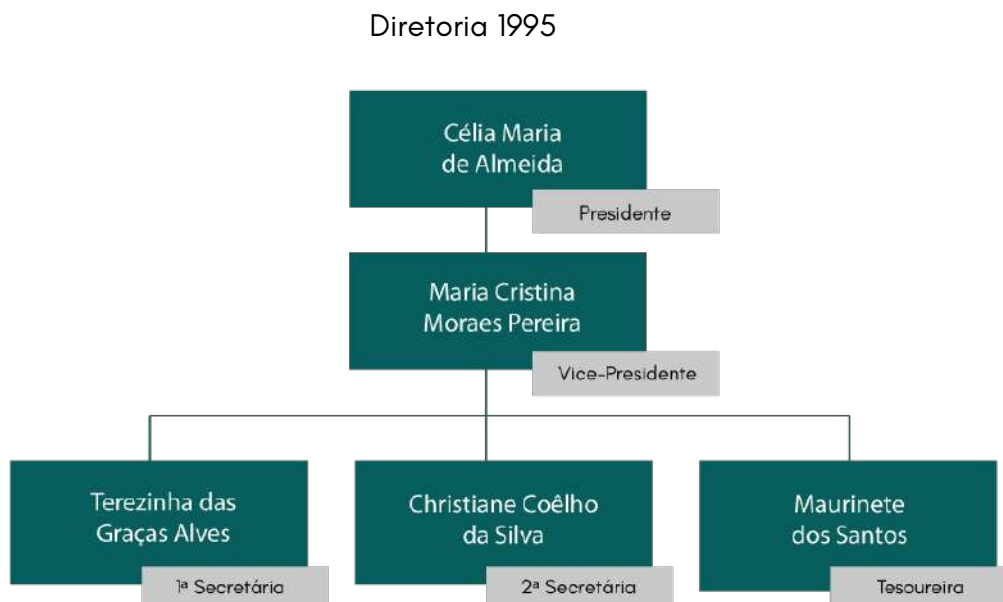
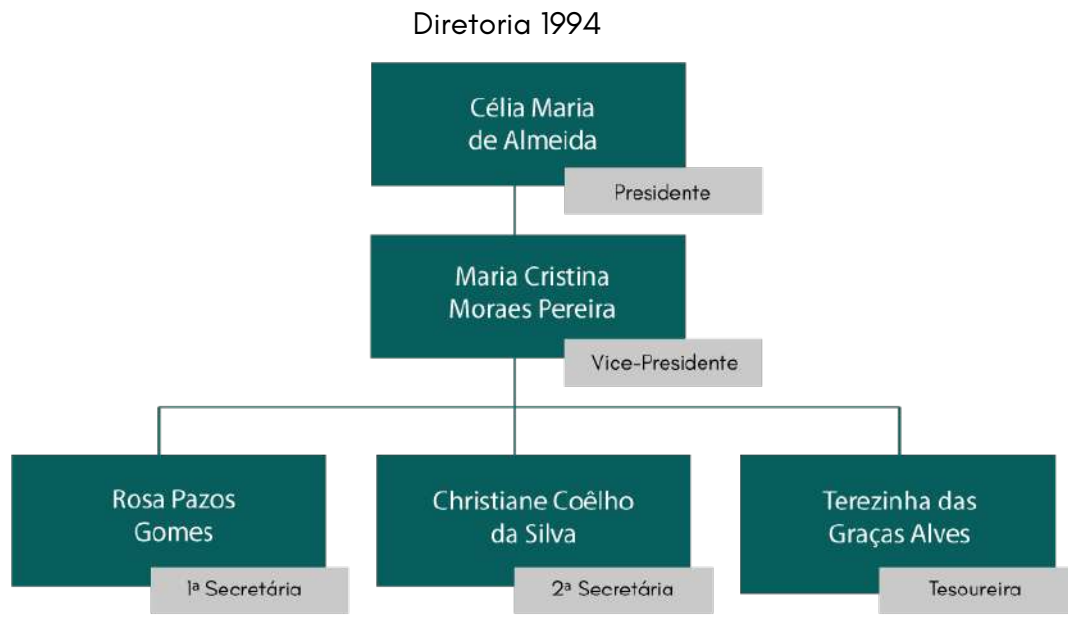


Diretoria 1993

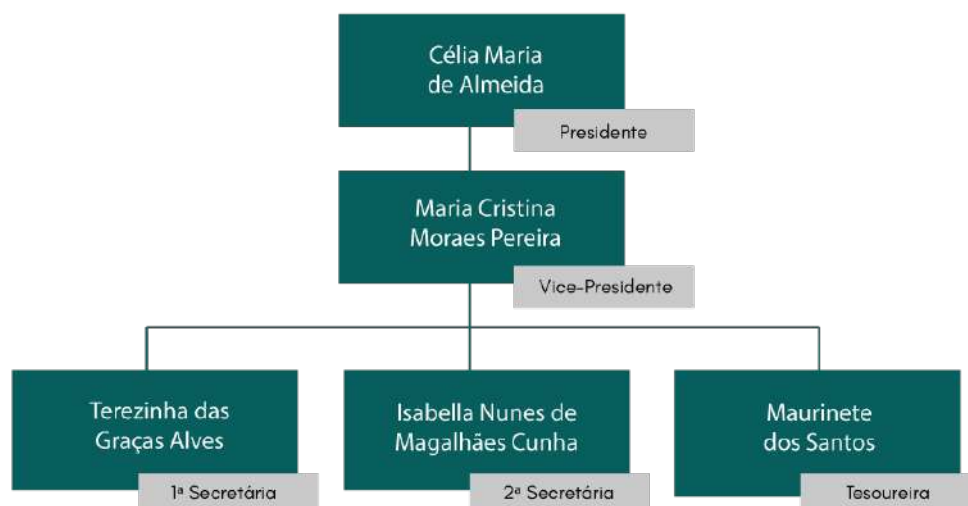


10ª Gestão CRB-1 - 1994/1996

Conselheiros: Célia Maria de Almeida; Christiane Coêlho da Silva; Cláudia Coimbra Diniz Dobbin; Isabella Nunes de Magalhães Cunha; Janice de Oliveira e Silva Silveira; Maria Amélia Elizabeth Carneiro Veríssimo; Maria Aparecida de Lima; Maria Cristina Moraes Pereira; Maria das Graças Carvalho Marques; Maria Eleonora Freire Motta; Maria José da Silva Gomes; Maurinete dos Santos; Miraildes Regino Santos; Olga Emídio Rosa de Rezende; Rosa Pazos Gomes; Terezinha das Graças Alves; Wilma da Silva.



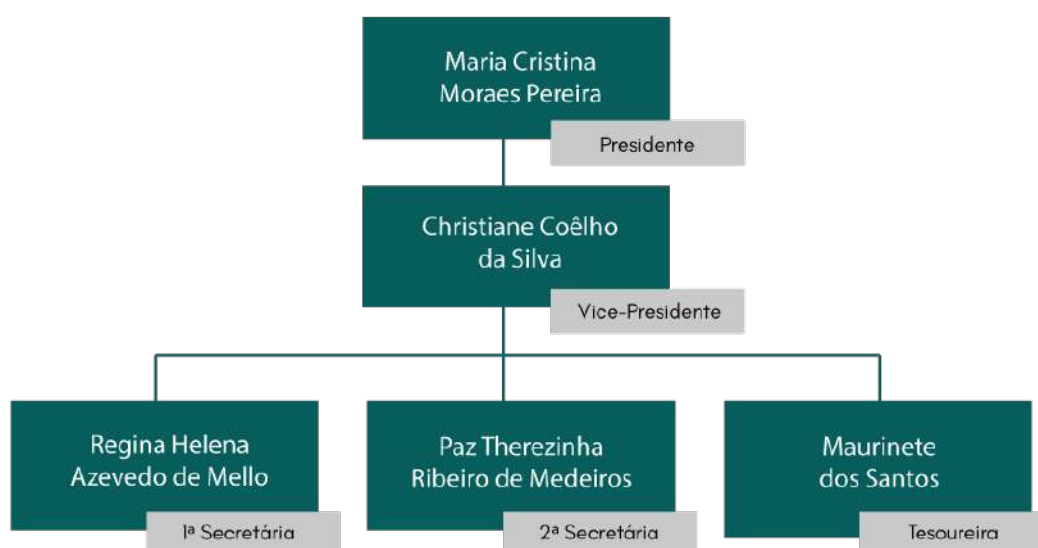
Diretoria 1996



11ª Gestão CRB-1 - 1997/1999

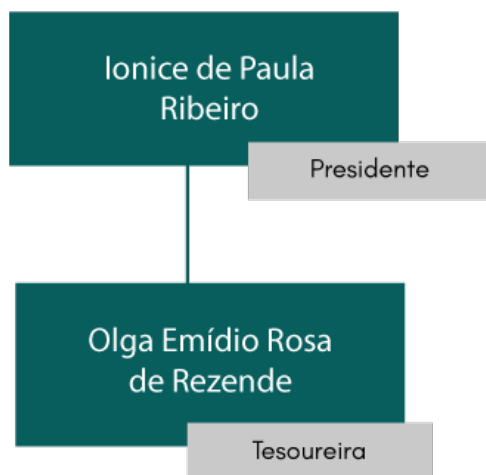
Conselheiros: Christiane Coêlho da Silva; Cleide Cristina Soares; Isabella Nunes de Magalhães Cunha; Magda Lúcia Martins de Godói; Maria Cristina Moraes Pereira; Maria do Carmo Carvalho Lima; Maria Eleonora Freire Motta; Marisa Perrone Campos Rocha; Maurinete dos Santos; Miraildes Regino Santos; Paz Therezinha Ribeiro de Medeiros; Regina Helena Azevedo de Mello; Rogério Henrique de Araújo Júnior; Rosa Pazos Gomes; Tatiana Eliza Nogueira; Terezinha das Graças Alves; Valquíria de Carvalho Guimarães; Vanessa Christina Alves Fernandes.

Diretoria 1997



Comissão Interventora 1997

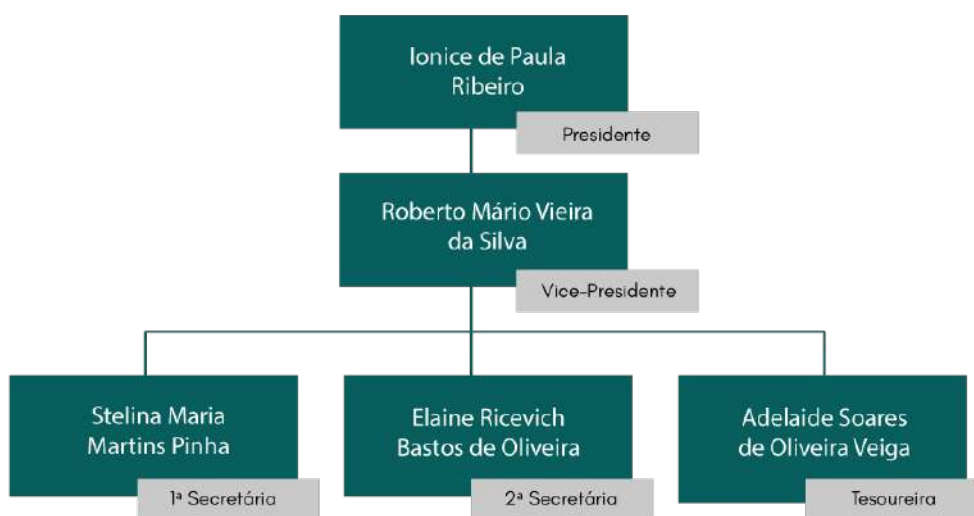
Adelaide Ramos e Côrte; Adelaide Soares de Oliveira Veiga; Célia Maria de Almeida; Lourdes Bomtempo de Mendonça; Stelina Maria Martins Pinha.



Complementação gestão 1997/1999

Adelaide Soares de Oliveira Veiga; Carla Filomena Santos Lopes; Cristiane de Almeida Maia; Elaine Ricevich Bastos de Oliveira; Fabíola Nazareth Lavinias Pessoa; Glória Maria de Sá Vasconcelos; Ionice de Paula Ribeiro; Luciana Lopes Humig; Maria Ângela Monteiro Chiapetta; Nelcir Antoniazzi; Otávio Alexandre Jeremias de Oliveira; Ramona Soulimá Vieira Massafra; Roberto Mário Vieira da Silva; Rosimere de Carvalho Sousa; Stelina Maria Martins Pinha.

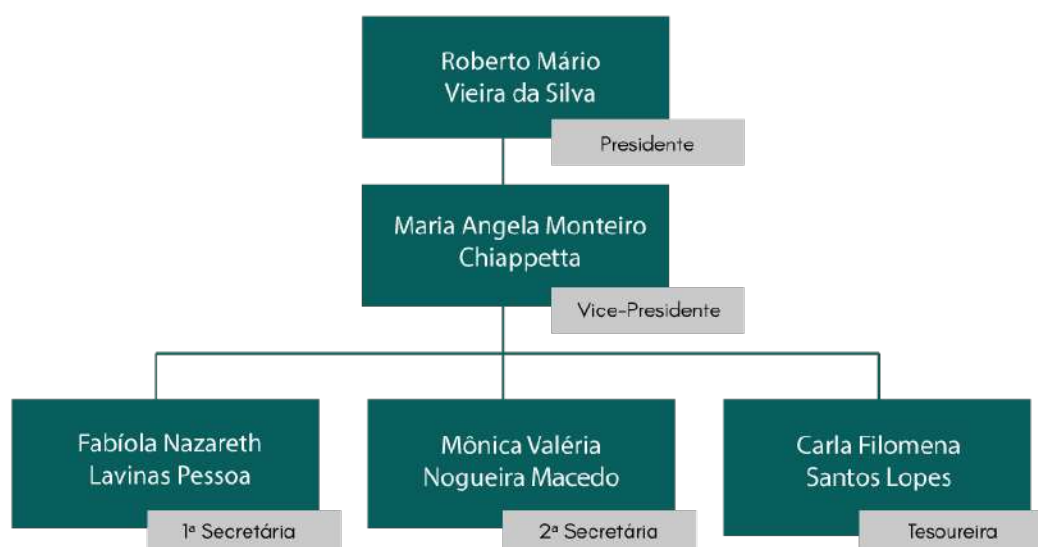
Diretoria complementação da Gestão 1997-1999



12ª Gestão CRB-1 - 2000/2002

Conselheiros: Almira Pereira de Sousa Almeida; Ana Maria da Silva; Andréa Remião de Almeida; Carla Filomena Santos Lopes; Fabiana Gomes de Azevedo; Fabíola Nazareth Lavinias Pessoa; Gilda Almeida dos Santos; Glória Maria de Sá Vasconcelos; Graziela de Oliveira; Laila de Moura Dantas; Maria Angélica Lucchese Targuetta; Leila Aparecida Arantes Silva; Luciana Lopes Humig; Maria Angela Monteiro Chiappetta; Maria da Graça Barcellos Cardoso; Maria Edna Monteiro; Maria Paula de Carvalho; Maria Paula Garcia Campos de Araújo; Maria Terezinha Rocha Vieira; Marilene Mendes dos Santos; Mariza Prado Muller Reche; Mônica Valéria Nogueira Macedo; Nize Marinho Ramos; Otávio Alexandre Jeremias de Oliveira; Raquel da Veiga Araújo de Meneses; Roberto Mário Vieira da Silva; Sílvia Regina dos Santos Coelho; Sonia de Menezes Lyra Nobre Machado.

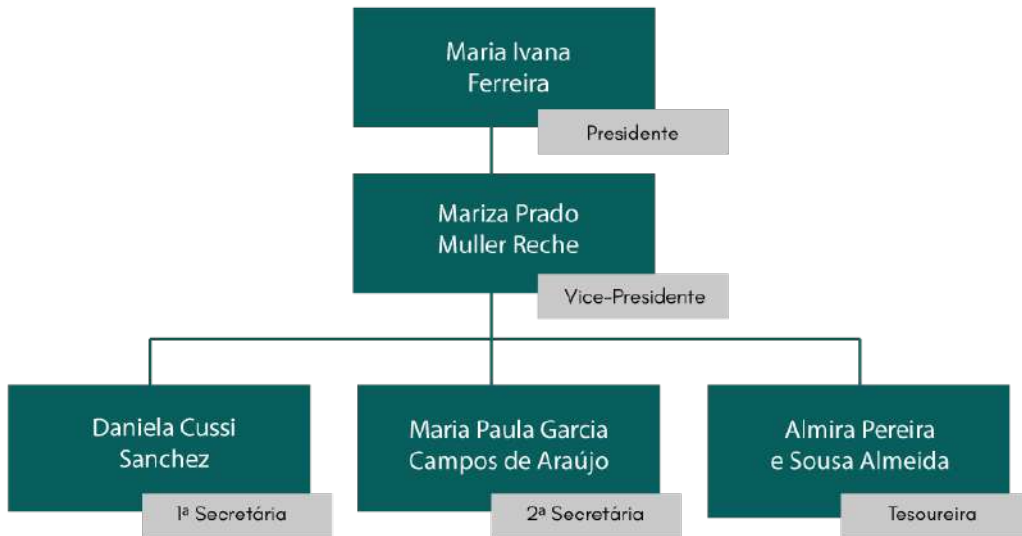
Diretoria 2000-2002



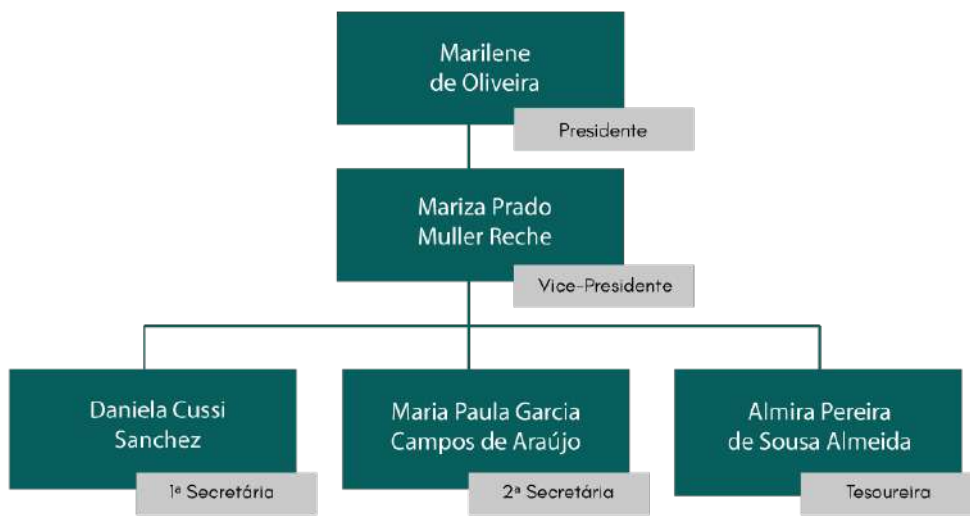
13ª Gestão CRB-1 - 2003/2005

Conselheiros: Aline Monteiro de Almeida; Almira Pereira de Sousa Almeida; Bartira Dyacuí de Souza Lima; Calíope Maria Melo Paz; Daniela Cussi Sanchez; Fernanda dos Santos Nahuz; Laura Raquel Dutra Janino; Leila Aparecida Arantes Silva; Leila Barros Cardoso Oliveira; Maria do Rosário Farias dos Santos; Maria Eleonora Freire Motta; Maria Ivana Ferreira; Maria Paula Garcia Campos de Araújo; Marilene de Oliveira; Mariza Prado Muller Reche; Vanderlúcia Toscano Tubbs.

Diretoria 2003



Diretoria 2004

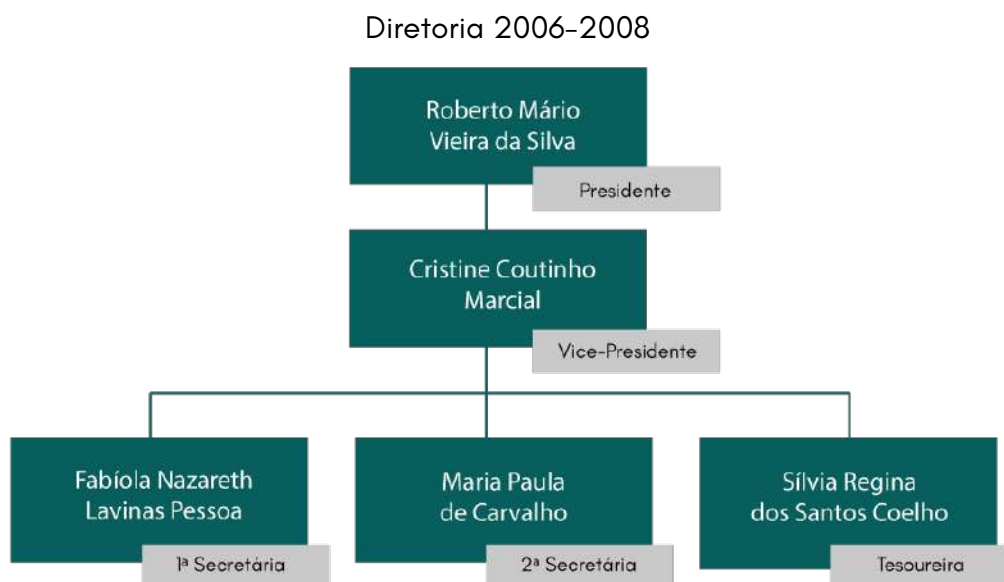


Diretoria 2005



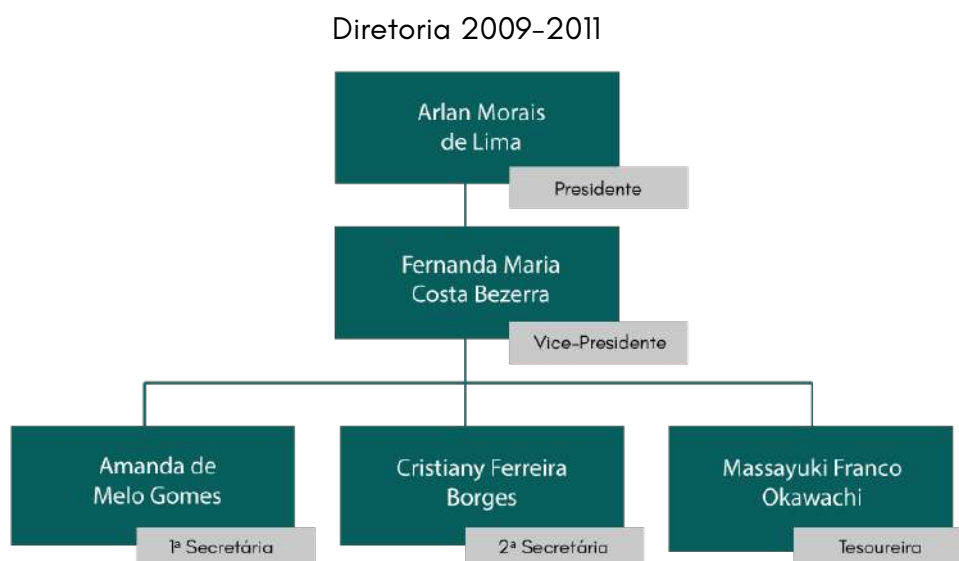
14ª Gestão CRB-1 - 2006/2008

Conselheiros: Cristine Coutinho Marcial; Elisângela Dourado Arisawa; Fabíola Nazareth Lavinias Pessoa; Jefferson Higino Dantas; Kelly Cristiane de Freitas Martins; Leonardo Silva Oliveira; Luciana Cândida da Silva; Maria Ângela Monteiro Chiappetta; Maria Paula de Carvalho; Maurício Mendes Marques; Patrícia Arlene Regis Pires; Rita de Cássia Oliveira Campagnac; Roberto Mário Vieira da Silva; Sílvia Regina dos Santos Coelho; Tatiara Paranhos Guimarães.



15ª Gestão CRB-1 - 2009/2011

Conselheiros: Amanda de Melo Gomes; Ana Caroline Gomes de Lima Sgarbosa; Arlan Moraes de Lima; Bartira Dyacuí de Souza Lima; Cintia Mara Machado Ferreira da Costa; Fabíola Nazareth Lavinias Pessoa; Janne Cury Nasser; Kelly Lemos da Silva; Luciana Cândida da Silva; Maria Ivana Ferreira; Maria Teresa Ferlini Machado; Massayuki Franco Okawachi; Nailor Marcondes de Souza.



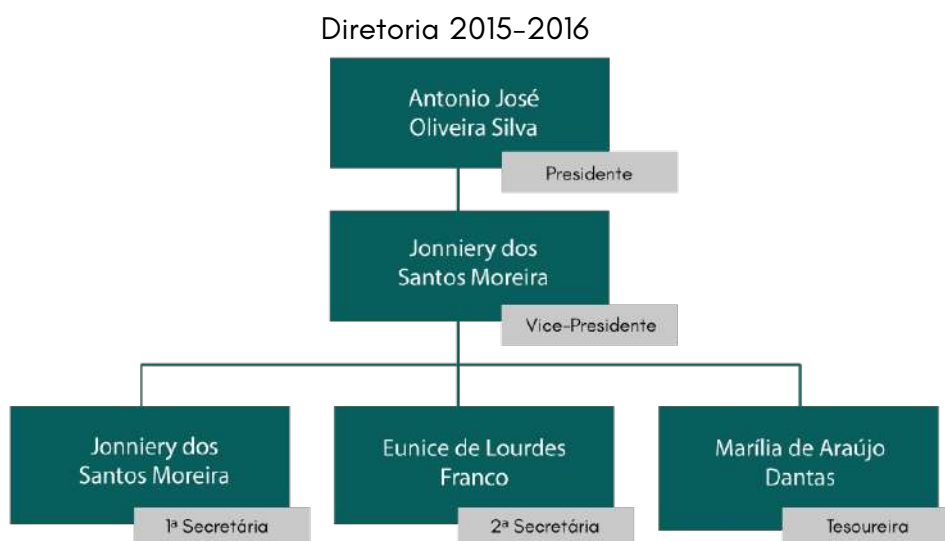
16ª Gestão CRB-1 - 2012/2014

Conselheiros: Anibal Araujo Perea; Antonio José Oliveira Silva; Cristiany Ferreira Borges; Heraldo José Evangelista Botelho; Israel Rodrigues Prates Junior; Jonniery dos Santos Moreira; Marcelo Almeida Gomes de Sousa; Marília de Araújo Dantas; Martin David Burneo Cadillo; Olimpio Antonio Filho; Osmar Carmo Arouck Ferreira; Yuri Guimarães Barquete Batista.

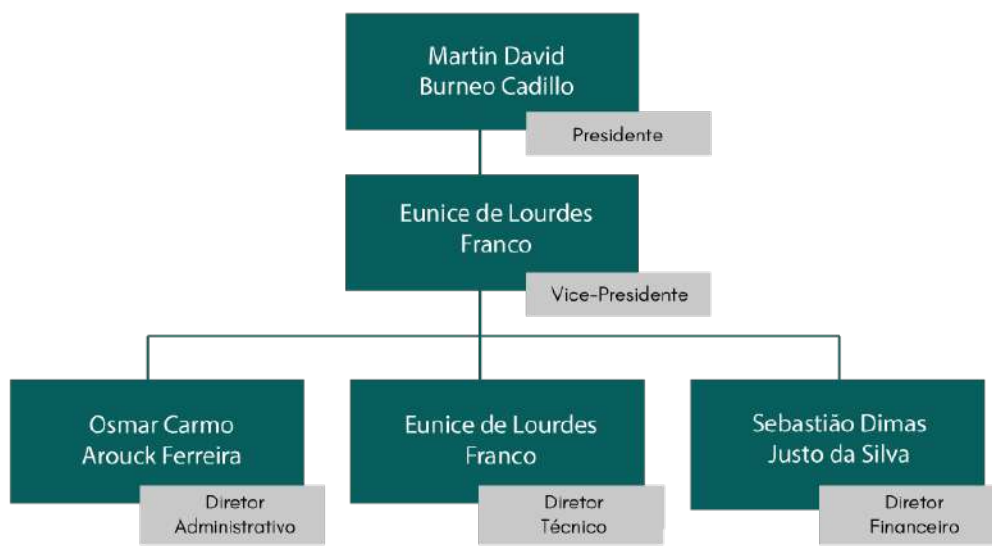


17ª Gestão CRB-1 - 2015/2017

Conselheiros: Adelaide Ramos e Côrte; Ana Marly de Melo Rodrigues; Antônia Veras de Souza; Antonio José Oliveira Silva; Cristian José Oliveira Santos; Eunice de Lourdes Franco; Fabio Lima Cordeiro; Jonniery dos Santos Moreira; Marcelo Almeida Gomes de Sousa; Maria Ivana Ferreira; Marília de Araújo Dantas; Martin David Burneo Cadillo; Morgana Bruno Henrique Guimarães; Olimpio Antonio Filho; Osmar Carmo Arouck Ferreira; Rose Cristiane Franco Seco Liston; Sebastião Dimas Justo da Silva; Waldinéia Ribeiro de Almeida.



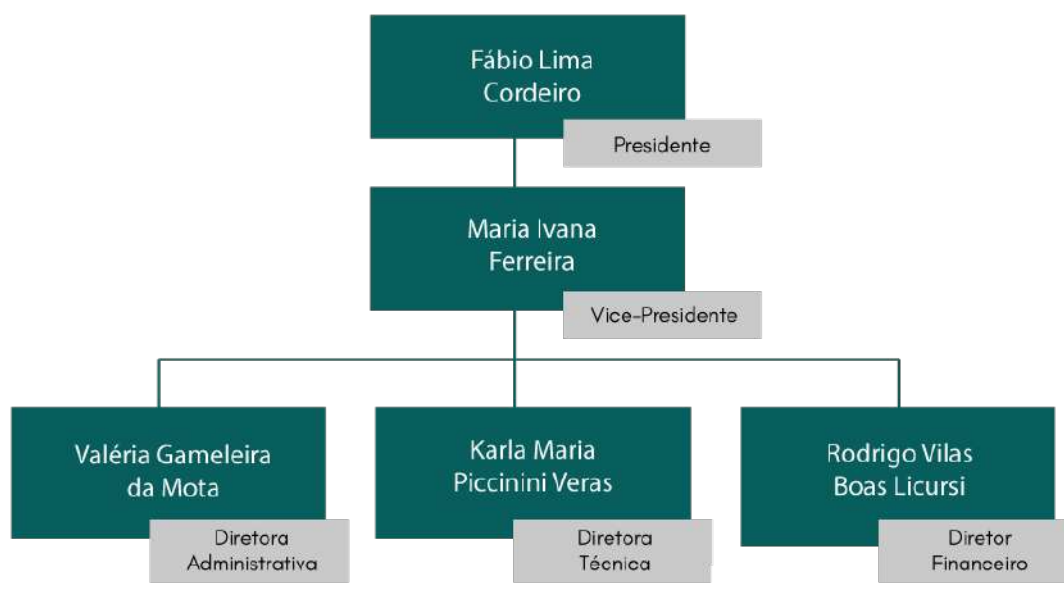
Diretoria 2017

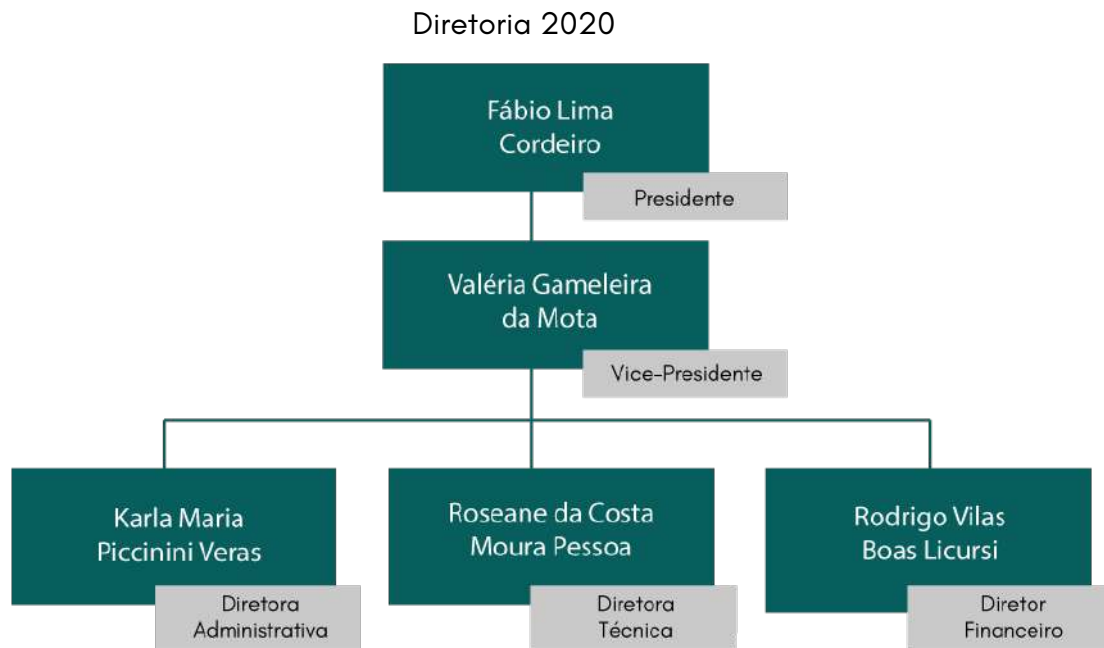


18ª Gestão CRB-1 - 2018/2020

Conselheiros: Ana Jesuína Rabelo dos Passos; Ana Lúcia Delalibera de Faria; Cristian José Oliveira Santos Brayner; Fabio Lima Cordeiro; Jose Antonio Machado do Nascimento; Karla Maria Piccinini Veras; Lilian Januzzi Vilas Boas; Maira Murrieta Costa; Maria Aparecida de Assis Marks; Maria Ivana Ferreira; Rejane Maria de Oliveira; Rodrigo Vilas Boas Licursi; Rose Cristiane Franco Seco Liston; Roseane da Costa Moura Pessoa; Valéria Gameleira da Mota; Waldineia Ribeiro de Almeida; Wellington dos Santos.

Diretoria 2018-2019





Depoimentos de Ex-Presidentes

Maria Aparecida de Lima, CRB-1/690

Presidente na 9ª Gestão, no ano de 1992

Fui presidente do CRB-1 no ano de 1992.

À época eu estava com muitas responsabilidades profissionais. Trabalhava na Biblioteca da Câmara dos Deputados e tinha acabado de assumir a Seção de Referência, que exigia extrema dedicação por parte de toda a equipe de bibliotecários.

Lembro-me que entrei no Conselho para ser SUPLENTE e logo me tornei PRESIDENTE. Meu Deus!

O que me encorajava no Conselho era a equipe unida e comprometida. Ideias iam surgindo e a cada dia ficávamos mais motivados para o trabalho. Muitas vezes permanecemos até altas horas naquela pequena sala da antiga sede do Conselho (Quadra

712/713 Norte), para “tomar pé” das coisas. Até então eu pouco tinha ouvido falar de Conselho e, menos ainda, das atividades que desenvolvia.

Percebemos a necessidade premente de uma maior conscientização da classe bibliotecária sobre o papel desempenhado pelo Conselho. Fizemos contatos com faculdades e bibliotecas de órgãos públicos e instituições privadas, por meio de visitas, palestras, bate-papos e distribuição de *folders*.

Procuramos orientar os profissionais quanto à finalidade do Conselho: fiscalizar o exercício da profissão, primando pelos interesses da sociedade, que exige profissionais qualificados e habilitados. Também a importância de estar registrado no Conselho, pois é uma garantia de confiança e credibilidade, tanto para a sociedade quanto para o profissional.

Foi realmente gratificante passar pela experiência do CRB-1! O Conselho, com certeza, agregou valores à minha vida profissional.

Parabéns a todos nós, bibliotecários, que hoje comemoramos o nosso dia e os 60 anos da Biblioteconomia em Brasília!

Célia Maria de Almeida, CRB-1/611

Presidente do CRB-1 na 10ª Gestão, de 1994 a 1996

Nesse ano de 2020 em que Brasília comemora os seus 60 anos, como a Biblioteconomia nesta cidade encantadora pela sua arquitetura moderna, gostaria de registrar que, em minha gestão no CRB-1, fizemos tudo para dar uma contribuição à classe, fortalecendo e valorizando o bibliotecário mediante a fiscalização do exercício profissional.

Entrei no Conselho a convite da Cida Lima para ser suplente na comissão de ética e acabei na presidência, justamente por que poucos colegas se “arriscam” em ser membro do Conselho.

Tentei dar continuidade ao bom trabalho dos que me antecederam.

E, pelo comprometimento que sempre tive com a profissão, fui muito respeitada pelos professores da UnB e pelos colegas durante a minha gestão. Na época eram aproximadamente 1.500 registrados na primeira região, que abrangia também Rondônia.

Consegui negociar com muitos devedores e deixar um saldo, que com a ajuda do CFB, foi suficiente para comprar o imóvel da sede atual. Durante a minha gestão, o Conselho participou efetivamente das comemorações dos 30 anos do curso de Biblioteconomia da UnB. Passamos aquelas dificuldades de sempre devido a nomeações de pessoas não habilitadas para cargos de chefia, o que de certa forma enfraquece a classe.

Enfrentamos todos os embates necessários com as autoridades da época.

O Conselho é um órgão fundamental para a valorização do profissional e a força da classe e, conseqüentemente, bibliotecas de qualidade!

Parabéns aos bibliotecários neste dia todo especial!

Ionice de Paula Ribeiro, CRB-1/686

Presidente do CRB-1 na 11ª Gestão, de 1997 a 1999

A Biblioteconomia mudou muito nos últimos anos, especialmente para adaptar aos progressos trazidos pela informática, que democratizou o acesso à informação em níveis inimagináveis. Tudo está ao alcance da mão nos telefones celulares.

A profissão do bibliotecário, que poderia perder espaço ante esse progresso, tem se tornado cada dia mais relevante, na medida em que a gestão da biblioteca, passou a ser a gestão da informação e sua disponibilização nas mais diversas mídias e suportes.

Na década de 80 os bibliotecários tiveram um papel preponderante no momento político especial, lidando com a busca frenética de informações para todo segmento da sociedade, preocupados em prover o máximo de dados para subsidiar a elaboração da Constituição Federal, que viria a ser promulgada em 5/10/1988.

Todavia, o CRB1 foi alvo de intervenção pelo Conselho Federal de Biblioteconomia, quando fui convocada para presidir a comissão de intervenção, o que causou extremo desgaste no prestígio profissional que os bibliotecários experimentavam naquela ocasião.

Almira Pereira de Sousa Almeida, CRB-1/777

Presidente do CRB-1 na 13ª Gestão, no ano de 2005

Fui convidada algumas vezes para participar do Conselho e minha primeira experiência foi como suplente em 2002. No início da 13ª gestão, em 2003, já na primeira reunião Plenária decidimos em comum acordo que nessa gestão, a cada ano teríamos uma nova diretoria. Assim fui tesoureira em duas diretorias e, por fim, Presidente.

Foi uma experiência enriquecedora em que trabalhei principalmente para aproximar o Conselho dos bibliotecários, torná-lo mais conhecido e despertar nos profissionais o interesse de se envolverem em suas atividades. Com isso conseguimos a formação de duas chapas concorrentes, movimentando uma saudável disputa entre elas.


Um dos focos da minha gestão foi diminuir a inadimplência, quando criamos um grupo de trabalho de negociação que consistia em atendimentos individuais e personalizados, com a presença do assessor contábil e membros da diretoria. Contratamos também a bibliotecária fiscal Nadia Ferreira Montenegro e Silva, e também uma empresa para gerenciar a página do CRB-1 na internet, tornando-a mais institucional e atrativa.

Destaco o trabalho de parceria entre os conselheiros. Tínhamos ótimas plenárias, sempre num clima de harmonia, comprometimento e solidariedade.

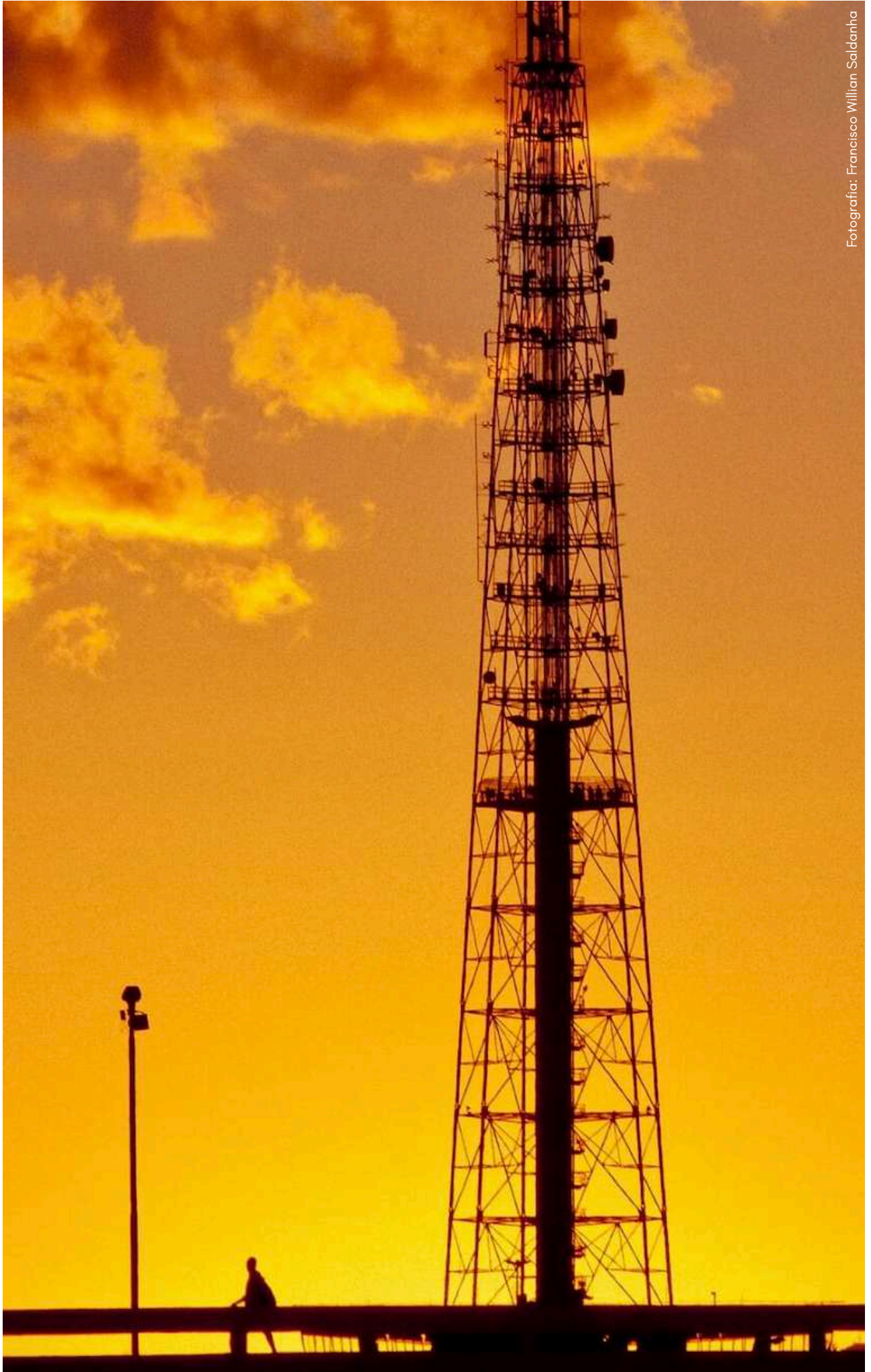
Foi uma honra presidir o CRB-1, órgão tão importante para a classe bibliotecária, que trabalha incessantemente para valorizar o profissional e sua atuação.

Quero também lembrar, com gratidão, dos bibliotecários que já partiram e que deixaram a sua contribuição para a história da Biblioteconomia em Brasília.

Parabéns a todos os bibliotecários pelo nosso dia! Carinho especial aos da gestão 2003/2005. Que tenhamos sempre bons motivos pra comemorar!

 ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTE-
CÁRIOS E PROFISSIONAIS DA
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DO DISTRITO FEDERAL (ABDF)

8



Fotografia: Francisco Willian Saldanha

8 ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS E PROFISSIONAIS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL (ABDF)

Adelaide Ramos e Côrte

Edilenice Passos

Iza Antunes

A Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal - ABDF³⁵, foi organizada em 18 de setembro de 1962³⁶, sendo sua primeira presidente, a bibliotecária Adélia Leite Coelho, servidora da Biblioteca do Senado Federal, que narra a história:

Devo, porém, esclarecer que ela [ABDF] nasceu prematuramente, fruto do entusiasmo e idealismo de um pequeno grupo de bibliotecários para aqui transferidos com a mudança da Capital. Fazíamos parte, inicialmente, de uma célula da Associação Brasileira de Bibliotecários, sediada no Rio de Janeiro, cuja presidente, na época, era d. Lydia de Queiroz Sambaquy, essa grande benemérita e um dos expoentes máximos de nossa classe. Desse

³⁵ A denominação original da ABDF era Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, alterada, por mudança do Estatuto, em 2017, para Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação, com a mesma sigla.

³⁶ Ela foi criada em 18 de setembro de 1962, mas seus estatutos foram registrados em 21 de outubro de 1962.

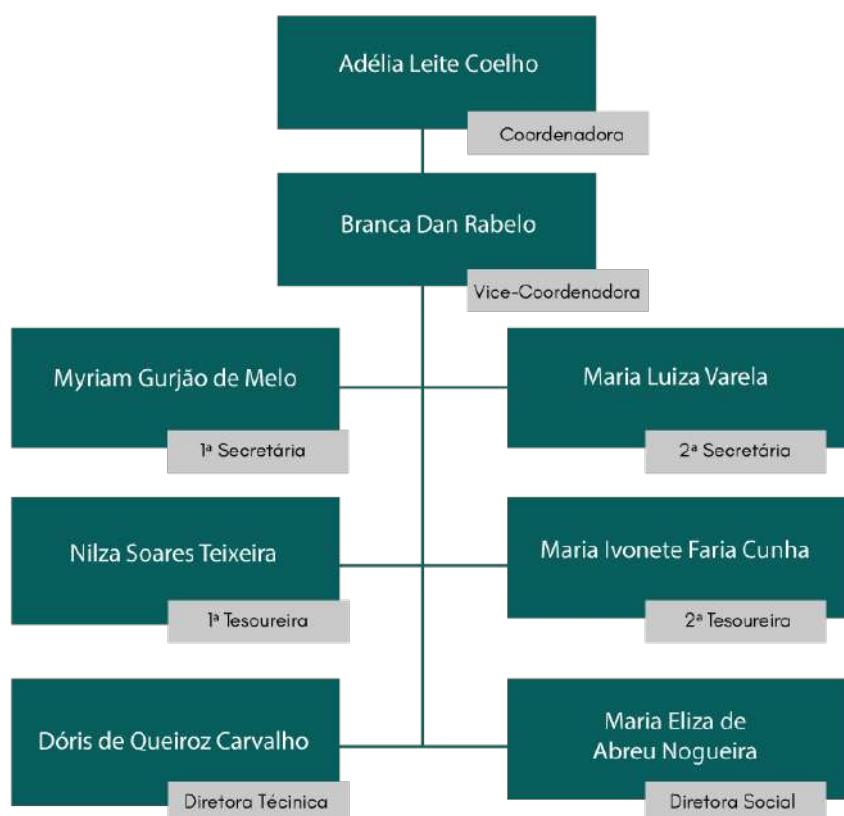
núcleo surgiu a ideia, patrocinada entusiasticamente por Myriam Gurjão de Mello, de termos a nossa própria Associação. (COELHO, 1972, p. 15-16).

Brasília, em seus primeiros anos de fundação, recebia os órgãos públicos transferidos da cidade do Rio de Janeiro. A maioria dos servidores públicos veio, inicialmente, sem suas famílias, o que fazia com que a saudade fosse minimizada com a amizade e companheirismo dos colegas de trabalho.

Assim, a proposta de criação de uma associação de classe foi bem aceita em uma cidade nova, sem muitas opções de lazer, por pessoas vindas de vários lugares do País, ainda sem a estrutura familiar. A ABDF surge, então, como oportunidade de congregar e tornar-se a família dos bibliotecários. Então, de posse dessa ideia, os interessados foram surgindo e os sócios fundadores deram início ao movimento associativo na nova Capital da República.

Fundaram a ABDF, os seguintes bibliotecários: Adélia Leite Coelho, Ana Rosa Schimith Vasconcelos, Branca Dan Rabelo, Carmelita Correia Émile, Edith Curto, Edson Nery da Fonseca, Maria Ivonete Faria Cunha, Janete de Albuquerque, Juracy Feitosa Rocha, Dóris de Queiroz Carvalho, Laís da Boa Morte, Lilian de Andrade Tomé, Maria Célia Figueiredo, Maria Eliza de Abreu Nogueira, Marielva Veiga de Oliveira, Maria Helena de Almeida Pereira, Maria Luiza Varela, Maria Riza Batista Dutra, Myriam Gurjão de Melo, Nilza Teixeira Soares, Santuza Andrade Bicalho, Washington de Almeida Moura e Zilá Motinha.

Reunidos, elegeram a primeira diretoria:



Vale ressaltar que Nilza Soares Teixeira era arquivista e não bibliotecária. Uma parceria que, embora interessante, se efetivou, em outubro de 2017, quando passa a vigorar o novo Estatuto da Associação, ampliando o quadro de associados para arquivistas, museólogos, servidores que trabalham em bibliotecas e pós-graduados na área de Ciência da Informação.

A princípio, as reuniões da ABDF aconteciam no Ministério da Educação. Sua primeira sede oficial situava-se, em 1964, no Edifício Arnaldo Villares, Avenida W3. Devido às dificuldades financeiras, desistiu-se da sede e as reuniões passaram a ser realizadas na Biblioteca do então Departamento de Administração do Serviço Público (DASP). Em 1970, a sua sede era a Biblioteca Central da Universidade de Brasília (ASSOCIAÇÃO..., 1970).

Observa-se, pelas fotos e histórias contadas, que, no início, eram muito fortes e frequentes os momentos de confraternização entre os bibliotecários de Brasília. Mesmo assim, sua presidente reclamava da falta de interesse e apatia da maioria dos profissionais em apoiar o movimento associativo. Mesmo com essa característica de dificuldades em ampliar o quadro social e de motivar o envolvimento da classe, a ABDF atuou sempre em benefício da valorização do bibliotecário.

Em 1982, ao completar 20 anos de atividades, como parte das comemorações de aniversário, criou e organizou, junto com os livreiros da Cidade, a 1ª Feira do Livro de Brasília, realizada no Centro de Convenções, evento que se tornou uma das maiores festas do livro e da cultura de Brasília e da Região Centro-Oeste. Cazarré (2006) lembra a 1ª Feira como sendo o "Resultado da união de distribuidores, livreiros e bibliotecários, [...] [tendo sido] realizada em modestíssimas barraquinhas montadas diante do Centro de Convenções." A ABDF, ao assumir a direção da Feira, organizando-a técnica e funcionalmente, auxiliou para o grande êxito do evento.

A Associação teve importante participação na criação da Biblioteca Pública de Brasília, lançando a campanha: Biblioteca Pública Já!, colhendo, junto à população de Brasília, mais de cem mil assinaturas, entregues ao governador Joaquim Roriz. Assim surgiu a Biblioteca Pública de Brasília, que fica na EQS³⁷ 512/513.

PUBLICAÇÕES

A área de publicações começou com o lançamento do *Boletim ABDF*, ocorrido no último dia de janeiro de 1970, a partir de um novo serviço de envio de circulares aos seus associados com as mais variadas notícias. Às vezes chamado de *Boletim Informativo* (ASSOCIAÇÃO..., 1970a), em novembro de 1971 passa a ser chamado oficialmente de *Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal*, também denominado *Boletim da ABDF*,

³⁷ EQS: Entrequadra Sul.

dividido em: Editorial, Atividades da Diretoria, Notícias e Informações, Artigo Original, Página Social, Conheça Nossas Bibliotecas, Livros à Venda e Anexos. Em 1973, o *Boletim* era distribuído para 550 assinantes, no Brasil e no exterior.

Esta publicação tinha caráter informal e social, publicando informações sobre a vida dos bibliotecários que atuavam na Cidade, suas viagens profissionais e de férias, noivados, casamentos, nascimentos de filhos e aniversariantes do mês. Mas, também, comunicava sobre a posse de colegas em cargos públicos ou na direção das bibliotecas, sobre concursos públicos e estágios. Aos poucos, o *Boletim* foi modificando seu perfil, passando a ser um pouco mais "científico", ao publicar artigos inéditos; republicar e traduzir artigos científicos ou jornalísticos, e, para facilitar o acesso à informação, reproduzia os sumários de periódicos estrangeiros de Biblioteconomia.

Um aspecto marcante do periódico era a divulgação de novas tecnologias, como as máquinas IBM com a esfera Braille, videocassete (filme-livro, o livro do futuro³⁸), uso computadores em bibliotecas, Miracode³⁹, caneta de luz⁴⁰ (leitor de código de barras), Telecopier⁴¹.

O *Boletim da ABDF* tinha atingido um grande público, mais de mil assinantes, estava trazendo informações sobre novos equipamentos e tecnologias, informações sobre eventos nacionais e internacionais e artigos científicos. A publicação tinha amadurecido e a ABDF podia dar um novo passo. Um novo e largo passo.

O Editorial do *Boletim da ABDF*, em abril de 1972, anuncia:

[...] boletim mensal volta a ter o seu inicial caráter noticioso e informativo apenas. Isso decorre da decisão tomada pela Assembléia Geral [...], que endossou por unanimidade a proposta da Diretoria, visando a criação de uma revista especializada. [...] a ideia partiu do Professor Antonio Agenor

³⁸ Em junho de 1972, o *Boletim da Associação* traz duas notícias sobre o videocassete. Na primeira (p. 7), informa que o produto japonês será lançado no Brasil, a partir de 1973. Na segunda (p.9), explica melhor seu funcionamento e o chama de filme-livro.

³⁹ Miracode é o acrônimo para *Microfilm Information Retrieval Access Code* e também o nome do sistema e do equipamento desenvolvido pela Eastman Kodak Company. É um aparelho que utiliza a lógica binária aplicada à recuperação da informação microfilmada. Ver: Miracode é visto. **Boletim da ABDF**, p. 15, mar. 1973.

⁴⁰ Foi lançada pela Companhia Plessey, na Feira da Indústria Britânica, em São Paulo. Ver: ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Caneta de luz. **Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal**, p. 15, maio, 1974.

⁴¹ Alexander Bain recebeu a patente estadunidense, em 1849, pela máquina fac-símile, sendo creditado como o precursor da máquina de fax. Entretanto, a era do fax deslanchou quando da Xerox apresentou a Magnafax Telecopier, a máquina que copia por telefone. Ver: GOLDSTEIN, Phil. How the Xerox Magnafax Telecopier helped make 'fax' a verb. **BizTech** [Online], 27 sep. 2016. Disponível em: <https://biztechmagazine.com/article/2016/09/how-xerox-magnafax-telecopier-helped-make-fax-verb>. Acesso em: 15 fev. 2020.

Briquet de Lemos, Diretor do Departamento de Biblioteconomia da UnB, que sentiu viabilidade de sua concretização, tendo em vista o nível atingido pelo Boletim e, principalmente, a sua aceitação e reconhecida penetração na classe. [...] A revista que pertenceria à ABDF, passaria a constituir o melhor veículo de divulgação de trabalhos não só de professores e profissionais, mas de alunos também. [...] Assim foi definitivamente lançada a semente que gerará a futura publicação especializada, órgão oficial da nossa ABDF. (ASSOCIAÇÃO..., 1972c).

No mês seguinte, maio de 1972, o Editorial traz novas informações sobre a futura revista da ABDF:

O futuro periódico se intitulará REVISTA DE BIBLIOTECONOMIA DO DISTRITO FEDERAL⁴², ao qual será acrescentado o sub-título "órgão oficial da Associação de Bibliotecários do Distrito Federal", editado em colaboração com o Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília. (ASSOCIAÇÃO..., 1972d).

Surge assim, em parceria com o então Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, a *Revista de Biblioteconomia de Brasília* ⁴³(RBB).

A Apresentação (1973) constante do primeiro fascículo da RBB explica seu surgimento:

Reunindo-se esforços do corpo docente do Departamento de Biblioteconomia da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, da Universidade de Brasília, com a experiência e o apoio administrativo e financeiro da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, resolveu-se enfrentar o desafio.

[...]

Não se trata, porém, de uma revista de âmbito paroquial. O seu título apenas identifica o seu local de origem. O seu espírito é nacional e, por isso, se esforçará por publicar as colaborações de colegas de todo o país. Naturalmente, também convidamos e aguardamos as colaborações de autores de outros países. (ASSOCIAÇÃO..., 1973).

⁴² Não foi localizada explicação para a escolha final do nome do periódico, Revista de Biblioteconomia de Brasília (RBB).

⁴³ A capa é um desenho gráfico de Charles Sebastião Mayer, que constou em todos os fascículos, alterando apenas a cor. Para saber mais sobre o artista veja: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9439/charles-mayer>. Acesso em: 10 mar. 2020.

A partir do sexto volume, adotou a política de publicar, no primeiro fascículo de cada volume, textos abarcando temas variados; o segundo deveria ter um caráter mais especializado.

Houve uma interrupção entre 1990 e 1994, voltando a ser publicada em 1995, como explica a editora Prof^a. Dr^a. Suzana Mueller:

Com este número, a Revista de Biblioteconomia de Brasília, RBB, retoma a sua publicação, que havia sido interrompida no segundo fascículo do volume 18, datado de 1990. Como tantas outras, a RBB havia caído vítima dos problemas que atingiram tão duramente a sociedade brasileira neste passado recente. A retomada da publicação agora, com este fascículo, volume 19, número 1, se deve exclusivamente à coragem e à persistência do atual presidente da ABDF, José de Albuquerque Moreira, e à dedicação de Edilenice Passos, a diretora de editoração, que ignorando os pessimistas e acreditando na Revista, conseguiram vencer as inúmeras dificuldades encontradas pelo caminho. (MUELLER, 1995).

Em 2001, a despeito do trabalho e da dedicação do corpo editorial, a RBB sucumbiu às dificuldades enfrentadas por outros periódicos científicos e suspendeu sua publicação indefinidamente.

ABDF e a UnB, por intermédio da Biblioteca Central (BCE), em 2019, com intuito de facilitar o acesso à RBB e perenizar seu conteúdo, fizeram um acordo e o periódico está sendo digitalizado e indexado para recuperação do texto integral dos seus artigos.

Grandes nomes da Biblioteconomia ocuparam o cargo de Redator-Chefe ou Editor:

- ◆ 1973-1977 - Antônio Agenor Briquet de Lemos
- ◆ 1978-1979 - Maria Alice Guimarães Borges
- ◆ 1980-1981 - Jaime Robredo
- ◆ 1982-1987 - Kira Tarapanoff
- ◆ 1988-1990 - Suzana Mueller
- ◆ 1995-2000 - Suzana Mueller
- ◆ 2000 - Kira Tarapanoff
- ◆ 2001 - Sely Maria de S. Costa

EVENTOS

Com visão de futuro, a ABDF organizou e fez realizar vários eventos na Capital. Entre 1968 e 1975, a promoveu cerca de 38 palestras, feitas por especialistas nacionais e estrangeiros (COELHO, 1975). A partir de 1973, patrocinou e organizou inúmeros eventos de caráter local, nacional ou internacional.

	Encontro de Ex-Alunos do Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília
1973	1º Encontro dos Responsáveis pelo Planejamento de Bibliotecas no Brasil (em colaboração com o Instituto Nacional do Livro e com o Conselho Federal de Biblioteconomia).

○ **1º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras** aconteceu em 1975 e teve como presidente o professor Edson Nery da Fonseca e como coordenadora, Juracy Feitosa Rocha. Os anais do evento foram publicados nos dois fascículos do quarto volume da RBB, em 1976. Nos seus anais, foi identificado esse trecho, que reforça o saldo positivo do evento:

1975	[...] representou um movimento de conscientização de bibliotecários, documentalistas e editores quanto aos problemas que envolvem as publicações oficiais, e os resultados de seus trabalhos têm sido demonstrados através da preocupação de vários órgãos públicos em apoiar as recomendações emanadas de plenário, procedendo às respectivas adaptações. Sua realização foi demonstração de civismo; congregaram-se em torno de assunto de interesse nacional, brasileiros bem informados sobre o quanto a organização, o controle e a boa utilização desses documentos podem concorrer para o desenvolvimento e para a economia do País. (APRESENTAÇÃO, 1976).
------	---

No mesmo ano, 1975, a ABDF realizou o **VIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação** (VIII CBBBD), de 21 a 25 de julho, com o tema principal sobre a responsabilidade social do bibliotecário. Reuniu 58 trabalhos apresentados em diferentes sessões por bibliotecários brasileiros de renome e vários especialistas estrangeiros como: Carlos Victor Penna (EUA), Frederich Lancaster (EUA), Josefa Sabor (Argentina) entre outros (ASSOCIAÇÃO..., 1975). Os anais do evento foram publicados nos dois fascículos do quinto volume da RBB. A organização do VIII CBBBD, em 1975, possibilitou o levantamento de recursos com os quais a Associação conseguiu adquirir sua sede própria, onde funciona desde então e uma sede campestre, localizada no Núcleo Rural Casa Grande, vendida posteriormente, pelo não uso.



Crédito: Boletim ABDF, out. 1973.

A organização do VIII CBBB, de 1973 a 1975, mobilizou toda a diretoria da ABDF e inúmeros bibliotecários do Distrito Federal.

1980	Simpósio sobre Mercado de Trabalho, Legislação e Ética Profissional
	2º Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias
1981	4º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras
	I Simpósio Biblioteca, Leitura e Livro
1982	1ª Feira do Livro de Brasília
1983	5º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras
1983 -1984	O Encontro Nacional de Biblioteconomia e Informática (ENBI), que permitiu reunir bibliotecários e analistas de sistemas para debater os assuntos comuns às duas áreas, ou seja, a coleta, a preservação e a divulgação da informação. O ENBI foi realizado a cada dois anos, durante 6 anos.
1985	Seminário para Bibliotecas de Referência
	Seminário para Gerentes de Bibliotecas e Centros de Documentação e Informação
1986	Seminário sobre Processos Técnicos
1987	6º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras
1988	Seminário sobre a Biblioteca de Brasília
	7º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras
1990	1º Seminário Latino-Americano de Publicações Oficiais
	1º Encontro de Coordenadores de Documentação e Biblioteca do Poder Executivo
1997	Encontro de Bibliotecários do Centro-Oeste - EBCO

XXII CBBB, julho de 2007 em parceria com a FEBAB

1º Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas - 1º SNDIJ, idealizado por Iza Antunes, então Presidente da ABDF, e realizado por um grupo de bibliotecários liderado por Edilenice Passos.

Realizado no período de 9 a 11 de julho de 2007, em Brasília, Distrito Federal, na sede do Tribunal de Contas da União (TCU) - Auditório Ministro Pereira Lira -, paralelamente ao XXII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (XXII CBBB).

2007

Nos três dias de realização do Seminário foram apresentadas 20 palestras, no período da tarde, e ministrados oito cursos, no período da manhã. Os cursos aconteceram no Instituto Legislativo Brasileiro (ILB), do Senado Federal. Foram inscritos 148 profissionais dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além do Ministério Público, atuantes nas esferas federal, estadual e municipal, bem assim profissionais de organizações da iniciativa privada.

Entre os inscritos, 81% (121) eram bibliotecários, mas outras categorias profissionais estiveram representadas, tais como arquivistas e técnicos judiciários, assim como alunos de Biblioteconomia.

O 2º Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas (2º SNDIJ) foi realizado em Brasília, no período de 13 a 15 de setembro de 2010, no auditório Ministro Sepúlveda Pertence, do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT).

Utilizando o modelo de organização da primeira edição, o 2º SNDIJ teve palestras no período da tarde e no matutino foram oferecidos cinco minicursos. O evento foi subdividido em seis painéis, totalizando 16 palestras.

2010

Na oportunidade, a Comissão Organizadora prestou homenagem a duas bibliotecárias que muito contribuíram para o desenvolvimento da Biblioteconomia Jurídica: Maria Eliza Nogueira Loddó e Maria Lúcia Vilar de Lemos, que foram pioneiras no desenvolvimento de bases de dados jurídicas no Brasil.

Estiveram presentes ao 2º SNDIJ 199 profissionais, sendo 145 regularmente inscritos e oferecidas 54 cortesias para estudantes de Biblioteconomia; profissionais da área de informação do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), parceiro do evento; convidados das homenageadas e dos patrocinadores.

2012

O 3º Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas (SNDIJ), organizado pela Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), ocorreu entre os dias 17 e 19 de setembro de 2012, em Brasília, com o tema central Informação Jurídica: produzindo, gerindo e disseminando.

O evento contou com o apoio de Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF), Conselho da Justiça Federal (CJF), Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região, Infolegis: Bibliotecários Jurídicos Reunidos, Secretaria de Informação e Documentação do Senado Federal, Superior Tribunal de Justiça (STJ) e Supremo Tribunal Federal (STF).

O 3º SNDIJ teve como público-alvo bibliotecários, arquivistas e museólogos com o objetivo de intercambiar pesquisas e trabalhos científicos, experiências inovadoras; assim como estabelecer contatos profissionais. Participaram 160 bibliotecários de todas as regiões, distribuídos pelos 20 estados e o Distrito Federal. Desses, 83% eram mulheres com formação em Biblioteconomia, analistas de sistema, advogados e arquivistas.

COMISSÕES E GRUPOS ESPECIALIZADOS

Outra ação de destaque do pioneirismo da ABDF foi a criação e operacionalização de comissões e grupos especializados.

A Comissão de Publicações Oficiais Brasileiras⁴⁴ (CPOB) introduziu, no serviço público federal, a metodologia de editoração de publicações oficiais, publicando o *Manual de Editoração de Publicações Oficiais*, instrumento utilizado por muitos anos, por órgãos públicos e privados.

A sociedade civil organizada, especialmente a comunidade bibliotecária do Distrito Federal, sentindo a gravidade dos problemas que envolviam as publicações oficiais, resolveu, por sugestão da então diretora do Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, professora Cordélia Robalinho Cavalcanti, incluir as publicações oficiais como tema no 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD), que se realizaria em Brasília, em julho de 1975. Durante o congresso, mais que tratar do tema específico em uma mesa de trabalho, a comissão organizadora abriu espaço para a realização do 1º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras. Sob a orientação do professor Edson Nery da Fonseca, foi instituída, junto à Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), a

⁴⁴ A CPOB não fazia parte da estrutura organizacional da ABDF, mas recebia todo o apoio administrativo da Associação.

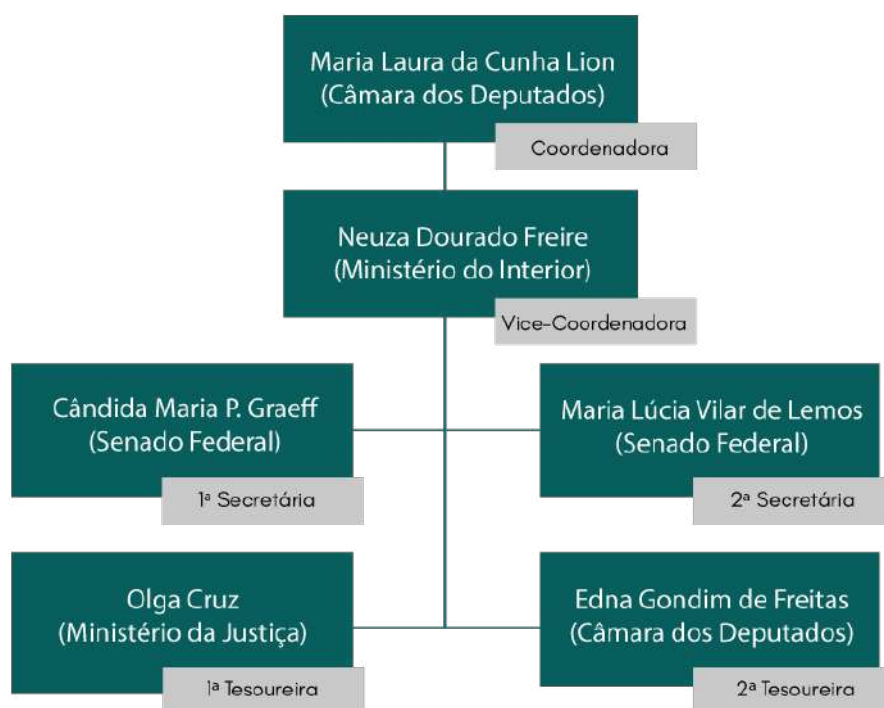
Comissão de Publicações Oficiais Brasileiras (CPOB), como comissão permanente daquela associação. Ao elaborar o histórico e relatar os trabalhos da comissão, Rocha (1983) registra que os seminários contavam sempre com a participação de aproximadamente 500 profissionais, entre bibliotecários, editores, livreiros e distribuidores, tanto da iniciativa pública quanto privada [...].

A CPOB funcionou de 1975 até 1991 e realizou sete seminários, contando sempre com o trabalho voluntário de bibliotecários e editores. (BRASIL, 2010, p. 29).

Em 1973, foram criados os Grupo de Bibliotecários Biomédicos de Brasília, Grupo de Informática, Grupo Agrícola, Grupo de Referência e o Grupo Jurídico.

O Grupo de Bibliotecários em Informação e Documentação Jurídica do Distrito Federal⁴⁵ (GBDIJ-DF) foi criado, em reunião informal, a 28 de outubro de 1973, com a denominação de Grupo de Trabalho em Documentação Jurídica, vinculado, como órgão especializado, à Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF).

A Coordenadoria provisória cuidou inicialmente de elaborar o Regimento Interno do Grupo que, entre outros assuntos, regulamentou, em seu artigo 18, a realização de eleições. Assim, em agosto de 1974, foi eleita a nova Diretoria, confirmando os nomes da Coordenadoria Provisória:



⁴⁵ Foi encontrada, na parca documentação existente, variações na denominação do Grupo.

Ainda na gestão da Coordenadoria provisória, a Comissão Brasileira de Documentação Jurídica (CBDJ), da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), tomou conhecimento da formação e das primeiras atividades do Grupo. Em fevereiro de 1974, a Comissão solicitou a colaboração do Grupo Trabalho do DF no sentido de distribuir questionário visando à publicação de um Guia de Bibliotecas Brasileiras Especializadas na Área de Direito. O questionário foi distribuído, tendo a Coordenação o Grupo recebido respostas de 20 bibliotecas.

Como atividade da Diretoria eleita, foi proposto o levantamento do catálogo coletivo dos periódicos na área jurídica. Com essa finalidade foram solicitadas ao então Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD)/Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN) as “normas para a transcrição das coleções”, com modelos padronizados das fichas. Cópias do material recebido foram distribuídas, com circular, às bibliotecas das áreas jurídica e afins.

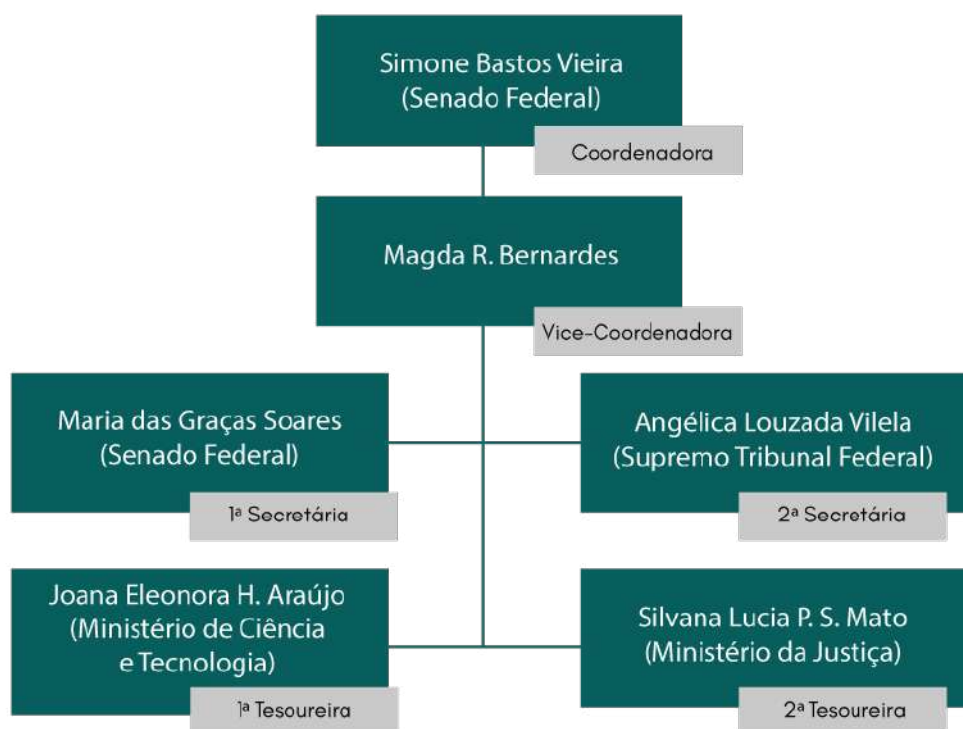
O primeiro produto desse trabalho foi a edição preliminar do Catálogo Coletivo de Periódicos da Área Jurídica de Brasília e apresentado por ocasião do VIII Congresso de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Brasília, em 1975.

Em março de 1976, na Biblioteca do Ministério da Justiça, em Brasília, procedeu-se a eleição da Diretoria para o biênio 1976-1978, tendo sido apresentada a chapa única com a seguinte composição:



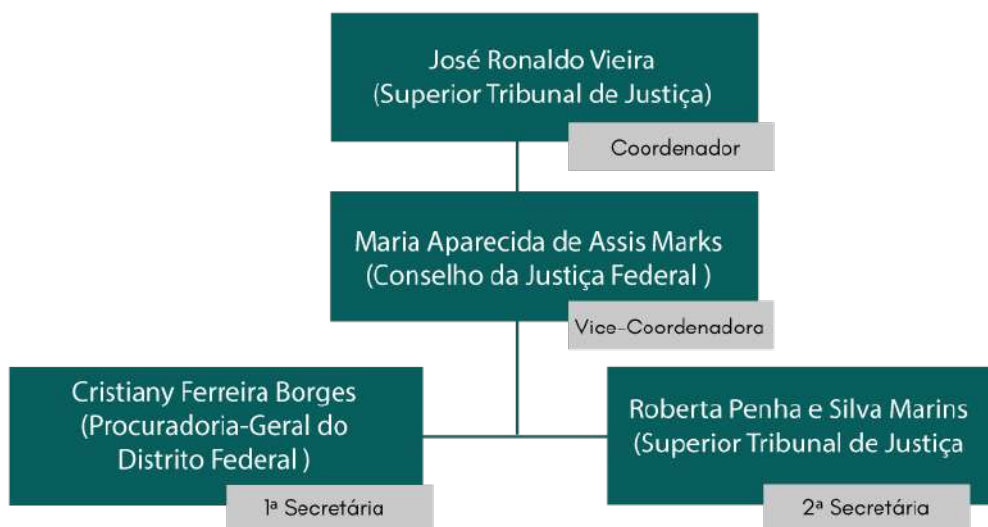
Essa foi a última diretoria da primeira fase do Grupo Jurídico, que chegou a realizar algumas reuniões e a emitir circulares solicitando a colaboração das bibliotecas no sentido de atualizarem os dados do Catálogo Coletivo dos Periódicos da Área Jurídica de Brasília. Era sua intenção promover uma nova edição do Catálogo Coletivo, para ser apresentado por ocasião do IX Congresso de Biblioteconomia que foi realizado em Porto Alegre, em 1977, tarefa não concluída, uma vez que o grupo se desativou informalmente.

A Comissão Brasileira de Documentação Jurídica empreendeu esforços no sentido de reativar o Grupo de Brasília, que em 14 de outubro de 1985 retornou à atividade (MOVIMENTO, 1985), sendo sua diretoria constituída da seguinte forma:



O Grupo realizou algumas reuniões, sempre com baixo número de bibliotecários. Foi coordenado por Marilúcia Chamarelli e Edilenice Passos, sucessivamente. Mas, novamente, não resistiu e, cambaleante, durou até o início da década de 1990 e, informalmente, foi novamente desativado.

Os bibliotecários jurídicos do Distrito Federal sentiam falta de uma instituição que os representasse. Durante a realização do 5º Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas, em 2017, em Fortaleza (CE), ficou decidido que o Grupo Jurídico do Distrito Federal teria mais uma chance. E assim foi feito. Em 12 de março de 2018, o Grupo de Documentação e Informação Jurídicas do Distrito Federal (GIDJ-DF) foi oficialmente criado. A primeira diretoria, nesta terceira fase, é composta por:



CURSOS

A ABDF sempre procurou trabalhar buscando a qualificação e atualização do bibliotecário e dos profissionais da área de apoio às funções do bibliotecário.

Por 35 anos realizou o Curso de Auxiliar de Bibliotecas, no sentido de capacitar esse profissional que é, sem sombra de dúvidas, muito importante no processo de gestão de qualquer biblioteca. Com a promulgação da Lei nº 13.601, de 9 de janeiro de 2018 (BRASIL, 2018), que cria a profissão de técnico em Biblioteconomia, a ABDF passa então, a preparar a formação desse profissional, em parceria com instituição certificadora, reconhecida pelo Sistema Brasileiro de Ensino.

Realizou cursos preparatórios para todos os concursos públicos na área que aconteceram no Distrito Federal, na forma de gestão compartilhada, realizou, junto com a então Fundação Centro de Formação do Servidor Público (FUNCEP), hoje Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), o III Curso de Especialização em Gestão de Sistemas de Informação (CEASI), em 1987.

CONTRATOS DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS FIRMADOS COM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E TERCEIROS

Outra forma de atuação da ABDF é a realização de parcerias com instituições públicas para organização de Bibliotecas, criação e manutenção de base de dados, realização de pesquisas bibliográficas, implantação de *softwares* e sistemas de informação, dentre outros serviços.

PRESIDENTES

Os presidentes da ABDF desde sua organização:

- ◆ 1962 Adélia Leite Coelho
- ◆ 1967/1969 Adélia Leite Coelho
- ◆ 1969/1970 Pérola Cardoso Raulino
- ◆ 1970/1971 Murilo Bastos Cunha
 - Criação do envio de Circular, embrião do *Boletim da ABDF*
- ◆ 1971/1975 Aníbal Rodrigues Coelho
 - Transformação da Circular em *Boletim da Associação dos Bibliotecários do*
 - Criação da *Revista de Biblioteconomia de Brasília*
 - Criação dos Grupo de Bibliotecários Biomédicos de Brasília, Grupo de Informática, Grupo Agrícola, Grupo de Referência e o Grupo Jurídico
- ◆ 1975/1977 Virgínia Astrid de Albuquerque Sá e Santos
- ◆ 1977/1981 Antônio Lisboa Carvalho de Miranda
- ◆ 1979/1981 Antônio Lisboa Carvalho de Miranda
- ◆ 1988/1990 Adelaide Ramos e Côrte
 - Curso de Especialização e Administração de Gestão de Informação
 - Quintas Culturais
- ◆ 1991/1993 Rose Mary Juliano Longo
- ◆ 1994/1996 José de Albuquerque Moreira
 - Relançamento da *Revista de Biblioteconomia de Brasília*
- ◆ 1997/1999 Iza Antunes Araujo
- ◆ 2000/200 Maria Eleonora Freitas Motta
- ◆ 2003/200  Hyldegardes Cavalcanti Castillo de Magalhães Mello
 - Primeira brasileira a dirigir a ABDF
- ◆ 2004/200 Martín David Burneo Cadillo
- ◆ 2006/2011 Iza Antunes Araújo
- ◆ 2012/2014  Jefferson Higino Dantas
- ◆ 2015/2017 Ricardo Crisafulli Rodrigues
 - Criação da *Revista Eletrônica da ABDF (REABDF)*, interrompida em 2016
- ◆ 2018/2020  Luciana Lima de Oliveira
 - BiblioFest
 - Criação do grupo de WhatsApp *BiblioDF*
 - Continuidade da *Revista Eletrônica da ABDF (REABDF)*
 - Recriação do GIDJ-DF

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.1, n.1, p.1, jan./jun. 1973.

APRESENTAÇÃO. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.4, n.1, p.1, jan./jun. 1976.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Nova sede. **Circular**, n. 1, de 1970. (Datilografado).

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Boletim Informativo (BI). **Circular**, n. 7, p. 3, 1970a.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Novo material para a biblioteca. **Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal**, p. 7, maio, 1972a.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Filme-livro: o livro do futuro. **Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal**, p.9, maio, 1972b.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Editorial. **Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal**, p. 4. abr. 1972c.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Editorial. **Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal**, p. 4. maio.1972d.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Miracode é visto. **Boletim da ABDF**, p. 15, mar. 1973.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Apresentação [do periódico Revista de Biblioteconomia de Brasília]. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 1, p. 1-2, jan./jun. 1973.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Caneta de luz. **Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal**, p. 15, maio, 1974.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. Confirmadas presenças estrangeiras no 8º CBB. **Boletim da ABDF**, p. 14, maio, 1975.

BRASIL. **Lei nº 13.601, de 9 de janeiro de 2018**. Regulamenta o exercício da profissão de Técnico em Biblioteconomia. Presidência da República [Online], [2018]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13601.htm. Acesso em: 10 mar. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Biblioteca. **Publicações oficiais brasileiras**: guia para editoração. Elaboração Adelaide Ramos e Côrte. Brasília: Presidência da República, 2010. 220 p. Disponível em: http://www.cpoi.ufscar.br/publicacoes/Publicacoes_oficiais_brasileiras.pdf.

CAZARRÉ, Lourenço. **O livro das feiras do livro de Brasília**. Brasília : LGE, 2006. 144p.

COELHO, Adélia Leite. Entrevista. Cândida Maria Pires de Greff. **Boletim ABDF**: nova série, v.6, n.4, out./dez. 1983.

COELHO, Adélia Leite. [Discurso ao receber título de sócio benemérito]. **Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal**, p. 15-16, dez. 1972.

COELHO, Aníbal Rodrigues. Nossa prestação de contas. **Boletim da ABDF**, p. 44-47, maio 1975.

GOLDSTEIN, Phil. How the Xerox Magnafax Telecopier helped make 'fax' a verb. **BizTech** [Online], 27 sep. 2016. Disponível em: <https://biztechmagazine.com/article/2016/09/how-xerox-magnafax-telecopier-helped-make-fax-verb>. Acesso em: 15 fev. 2020.

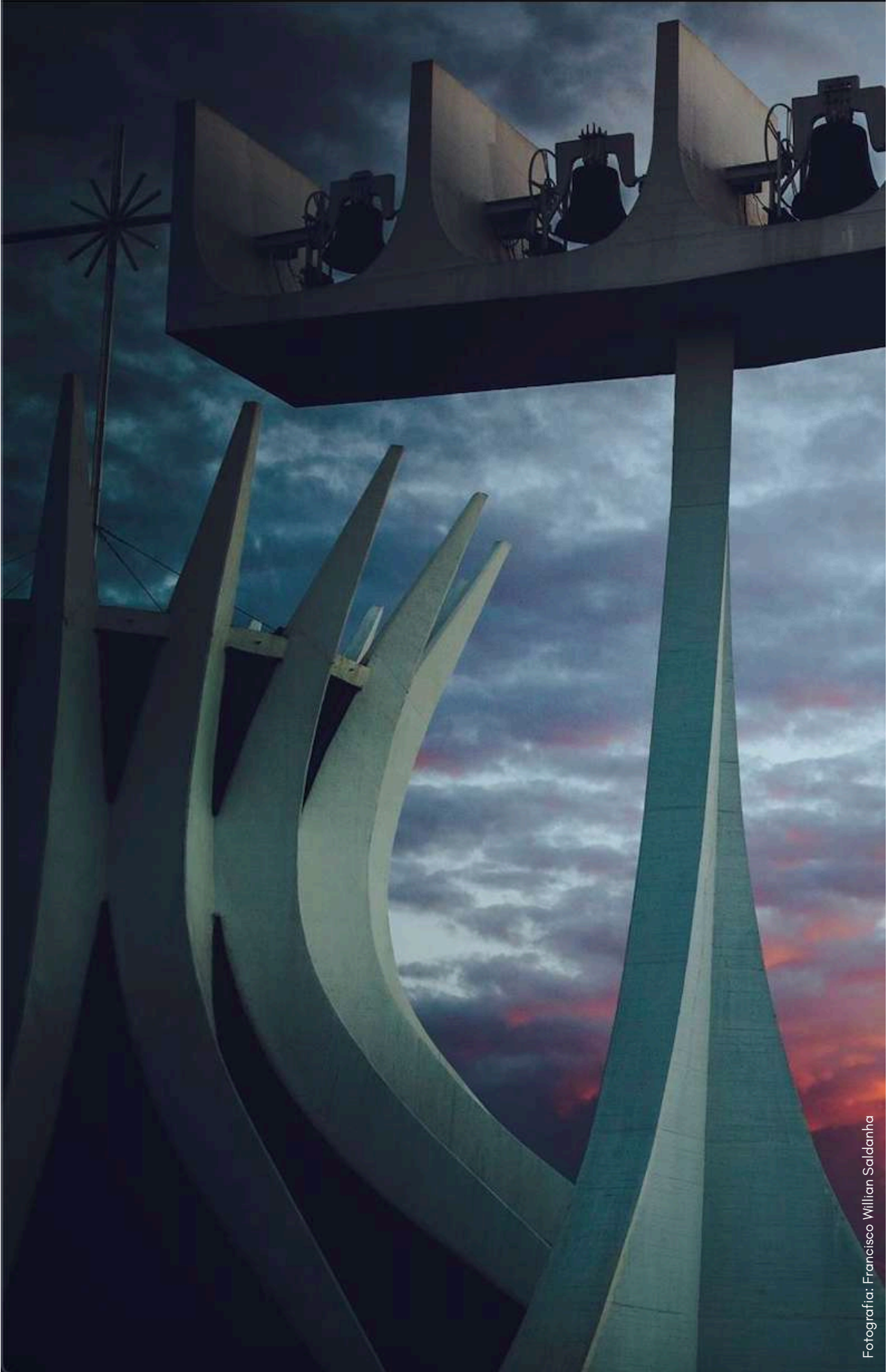
MUELLER, Suzana P. M. Editorial. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 19, n. 1, p. 1-2, jan./jun. 1995.

MOVIMENTO associativo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, n. 3/4, p. 153-159, dez. 1985.

 **EMPRESAS DE INFORMA-
ÇÃO DE BRASÍLIA**

9





Fotografia: Francisco Willian Saldanha

9 EMPRESAS DE INFORMAÇÃO DE BRASÍLIA

Maria Tereza Machado Teles Walter

Em seu juramento os bibliotecários prometem “[...] tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana.” (BRASIL, 1966). Esta é uma profissão que pode ser exercida de forma autônoma, institucionalizada ou por empresas que atuem na área de informação.

Bibliotecários são profissionais liberais. Exercem, portanto, por extensão, uma profissão liberal. De acordo com o Estatuto social da Confederação Nacional das Profissões Liberais (2018, p.1), § 2º:

[...] considera-se profissional liberal aquele legalmente habilitado a prestar serviços de natureza técnico-científica de cunho profissional com liberdade de execução que lhe é assegurada pelos princípios normativos de sua profissão, independentemente do vínculo da prestação de serviço.

Alguma confusão pode haver entre profissional liberal e autônomo. Um profissional liberal pode ser autônomo, ou seja, exercer sua atividade sem vínculo empregatício, mas nem todo autônomo é profissional liberal. Ainda de acordo com a Confederação Nacional das Profissões Liberais (2020?), numa explicação mais detalhada do § 2º do Estatuto social

O termo [profissional liberal] não é bom, mas tem sido tradicionalmente utilizado. O senso comum indica que tais profissionais seriam aqueles que trabalham por conta própria, sendo patrões de si mesmo. Seriam médicos, advogados, engenheiros, etc. que teriam seus consultórios e escritórios próprios, não devendo “satisfação” a ninguém.

No entanto, há outra definição para profissional “liberal”, com a qual a CNPL está mais de acordo. Esta diz respeito àqueles profissionais, trabalhadores, que podem exercer com liberdade e autonomia a sua profissão, decorrente de formação técnica ou superior específica, legalmente reconhecida,

formação essa advinda de estudos e de conhecimentos técnicos e científicos. O exercício de sua profissão pode ser dado com ou sem vínculo empregatício específico, mas sempre regulamentado por organismos fiscalizadores do exercício profissional.

De todo modo, atuando de forma individual, autônoma ou não, profissionais da informação, de modo mais amplo, podem constituir empresas para trabalharem nesse nicho, mas devem se cadastrar no Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB) para poderem atuar na região específica de seu interesse. Essa necessidade é regida pela Resolução nº 307, de 23 de março de 1984 (BRASIL, 1984), que regulamenta o registro de empresas que desejem prestar serviços de informação e documentação.

No CRB-1, que abrange o Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em 2020, estavam cadastradas 35 instituições, mas somente 23 ativas. A primeira empresa que se cadastrou foi a Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), cujo registro remonta a 1989. Três delas possuem sedes em outros estados, cinco são de empresas de estados fora da jurisdição do CRB-1, das quais apenas duas estão ativas, sendo uma de Minas Gerais e outra da Bahia.

A pequena quantidade de empresas de informação não se constitui de um dado que surpreenda, pois, ainda que a profissão seja liberal, de acordo com Baptista (1998) e, com dados aproximados confirmados por Walter (2008), bibliotecários atuam mais de modo institucionalizado que como autônomos. Empresas de informação não foram citadas nem em uma nem em outra pesquisa.

Após 60 anos, com a fragilização das regras de emprego, talvez esse quadro se altere. Esta situação precisa ser observada pelas gerações que se sucedem, de forma que se compreenda os efeitos causados e como escolas e profissionais se prepararam para esse mundo de novas regras de vinculação trabalhista.

Empregos públicos diminuem ou aumentam de acordo com a visão do governante que assume o Poder, conforme Walter, Eirão e Hendrix (2019). Os bibliotecários, brasileiros ou não, pelo menos na área jurídica, conforme pesquisa dos autores (2019), ainda que a amostra do estudo tenha sido muito pequena, estão empregados majoritariamente no serviço público. Mas esta situação deve ser alterada nos anos próximos, já que muitas vagas de bibliotecários que se aposentaram têm sido convertidas para outros perfis, outro estudo importante a ser feito, ainda mais em uma cidade em que predominam órgãos públicos tanto federais, quanto distritais e que empresas costumam gravitar em torno do setor público.

Os próximos anos entregarão ao mercado bibliotecários empreendedores autônomos ou mesmo vinculados a empresas de informação? Um fenômeno a ser

acompanhado e que poderá, em 10 anos, apresentar um quadro diferente, relacionado às empresas de informação cadastradas no CRB-1.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Sofia Galvão. **Bibliotecário autônomo versus institucionalizado: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional**. 1998. 234 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

BRASIL. Confederação Nacional das Profissões Liberais. **Estatuto social**. Brasília, 2018. 21p. Disponível em: <https://www.cnpl.org.br/wp-content/uploads/2019/10/ESTATUTO-SOCIAL-CNPL.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2020.

BRASIL. Confederação Nacional das Profissões Liberais. **O profissional liberal**. [Brasília, 2020?]. Disponível em: <https://www.cnpl.org.br/o-profissional-liberal/>. Acesso em: 6 fev. 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. **Resolução CFB n° 307, de 23 de março de 1984**. Regulamenta o registro, nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, de empresas e instituições que prestam, executam ou exerçam serviços ou atividades de Biblioteconomia e Documentação. Brasília, 1984. Disponível em: http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Resolucao_307-84.pdf. Acesso em: 6 fev. 2020.

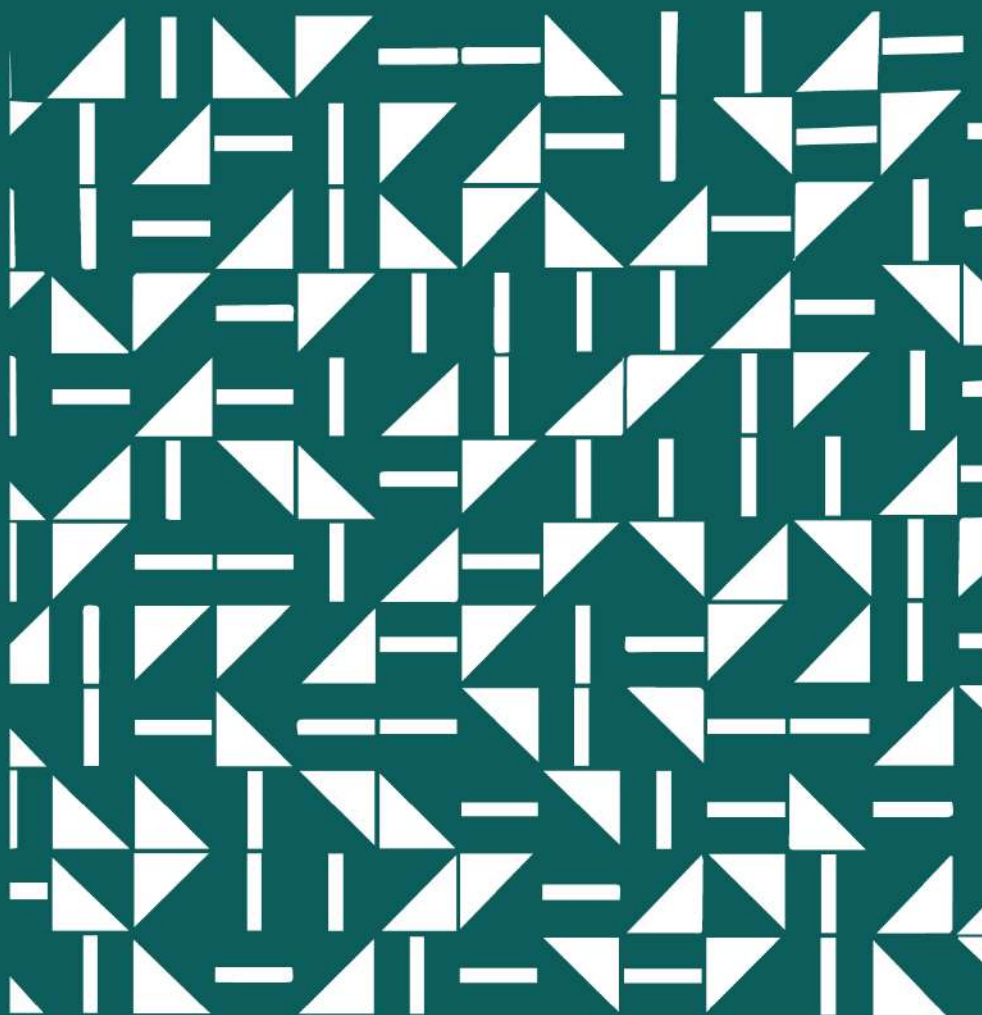
BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. Juramento do bibliotecário. **Diário Oficial**, Seção I, 17 ago. 1966, p. 2361. Disponível em: <http://www.crb14.org.br/carreira.php?codigo=5>. Acesso em: 6 fev. 2020.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5288>. Acesso em: 6 fev. 2020.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; EIRÃO, Thiago Gomes; HENDRIX, Lityz. Ravel. O bibliotecário jurídico no Distrito Federal: percepções sobre perfil e formação profissional. **Cadernos de Informação Jurídica**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 5-80, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://www.cajur.com.br/index.php/cajur/article/view/243/318>. Acesso em: 6 fev. 2020.

▶ **ÍNDICE ONOMÁSTICO**

10



ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Abreu, Rosa Maria de - 108, 110, 111
- Aguida, Jane Lucia Palmeira - 105, 106
- Aires, Francisca Leal - 108, 110
- Albuquerque, Regina Cavalcanti de - 104
- Aleixo, Pedro - 66
- Alencar, Beatriz Barata de - 138
- Alencar, Célia Apolinário de - 105, 106
- Almeida, Aline Monteiro de - 116
- Almeida, Almira Pereira de Sousa - 88, 116, 117, 124
- Almeida, Andréa Remião de - 116
- Almeida, Celia Maria de - 88, 113, 114, 115, 122
- Almeida, Waldineia Ribeiro de - 119, 120
- Alquimim, Lyzy Rayla Ribeiro - 99
- Alves, Terezinha das Graças - 104, 105, 113, 114
- Andrade, Rosa Maria Dias - 70
- Antoniazzi, Nelcir - 111, 112, 115
- Araújo Júnior, Rogério Henrique de - 49, 114
- Araújo Maria Izabel Pimentel - 110
- Araújo, Ana Amélia Ribeiro Correa de - 84
- Araújo, Denise Oliveira - 85
- Araújo, Isabelle Marie-Thérèse Cormier de - 50

Araújo, Iza Antunes - 11, 85, 98, 110, 135, 141
Araújo, Joana Eleonora H. - 139, 141
Araújo, Luiz Philippe Cormier de - 50
Araújo, Maria Paula Garcia Campos de - 116, 117
Araújo, Maria Tereza de Carvalho - 108
Araujo, Sandra Maria de Oliveira - 106
Araújo, Vitor Paiva Machado Martins de - 46, 84
Arisawa, Elisângela Dourado - 84, 118
Armond, Camilo Maria Ferreira - 65
Azevedo, Fabiana Gomes de - 116
Balduino, Regina Elizabeth Ferreira - 106
Bandeira, Suelena Pinto - 103, 104
Bandeira, Telma Ferreira Freitas - 108
Baptista, Sofia Galvão - 85
Barrenechea, Felix - 72
Barrenechea, Lola Azra - 67, 72
Barroso, Maria Alice - 73
Bastos, Isabela Vollstedt - 111
Batista, Yuri Guimarães Barquete - 119
Bernardes, Magda Rouede - 102, 139
Bettioli, Eugênia Maranhão - 138
Bezerra, May Flower - 104
Bicalho, Santuza Andrade - 128
Boa Morte, Laís da - 128
Borges, Cristiany Ferreira - 119, 140
Borges, Maria Alice Guimarães - 103, 132
Botelho, Heraldo José Evangelista - 119
Braga, Antônio - 39
Braga, Antônio Roberto - 39
Braga, Hilda Soares - 107

Braga, Sebastiana Pereira - 39

Brandão, Chirlene dos Santos - 110

Brandão, Elta Dourado - 83

Brandt, Mariana Baptista - 85

Brayner, Aquiles - 84

Brayner, Cristian José Oliveira Santos - 84, 119

Cadillo, Martin David Burneo - 119, 120, 141

Caldas, Nydia da Silveira - 89, 90, 100, 101

Calvoso, Jean - 99

Campagnac, Rita de Cássia Oliveira - 118

Campello, Maria Lúcia - 40

Campos, Astério - 40

Cantarino, Helena Pessoa - 99, 107

Cantarino, Marilena Pessoa - 99

Cardoso, Maria da Graça Barcellos - 99, 116

Caribé, Rita de Cássia do Vale - 83, 98

Carvalho, Dóris de Queiroz - 128

Carvalho, Eliezita Romcy de - 85

Carvalho, Maria Carmen Romcy de - 85

Carvalho, Maria Isabel Diniz de - 106

Carvalho, Maria Paula de - 84, 116, 118

Carvalho, Nara Maldonado de - 103

Cassini, Ana Eugenia Gallo - 105, 106

Cavalcanti, Cordélia Robalinho de Oliveira - 23, 33, 40, 67, 90, 100

Chagas, Marluci Aparecida Mattos das - 99

Chamarelli, Marilúcia - 107, 108, 110

Chiappetta, Maria Ângela Monteiro - 115, 116, 118

Coelho, Adélia Leite - 89, 100, 127, 128, 141

Coelho, Aníbal Rodrigues - 58, 98, 110, 141

Coelho, Raimundo Omar - 99

Coelho, Rita Maria de Aguiar - 106, 107, 108, 110
Coelho, Sílvia Regina dos Santos - 116, 118
Comin, Angela Barcelos Vale - 107
Cordeiro, Fábio Lima - 119, 120, 121
Cormier Patrícia Marie Jeanne - 50
Côrte, Adelaide Ramos e - 11, 98, 115, 119
Costa, Cintia Mara Machado Ferreira da - 118
Costa, Gleide Catarina de Carvalho - 107
Costa, Leandro Machay da
Costa, Lucio - 16,
Costa, Maira Murrieta - 120
Costa, Michelli - 11, 52, 85
Costa, Sely Maria de S. - 98, 132
Cruz, Isa Paula do Nascimento - 99
Cruz, Joaquim - 39
Cruz, Maria Nancy da - 110, 111
Cruz, Olga - 137, 138
Cunha, Isabella Nunes de Magalhães - 113, 114
Cunha, Maria Ivonete de Faria - 90, 100, 101, 128
Cunha, Murilo Bastos da - 23, 98, 102
Curto, Edith - 128
Dantas, Jefferson Higino - 118 , 141
Dantas, Laila de Moura - 116
Dantas, Maria de Lourdes - 102
Dantas, Marília de Araújo - 119
Dias Junior, Edivam Barbosa - 99
Dias, Caio Benjamin - 92
Dias, Maria Amélia - 99
Dobbin, Cláudia Coimbra Diniz - 113
Dumont, Sônia Cerqueira - 104

Dutra, Maria Riza Baptista - 100, 102, 128
Émile, Carmelita Correia - 128
Esaú - 38
Faria, Ana Lúcia Delalibera de - 120
Fernandes, Antonia Régia Mendonça - 107
Fernandes, Mônica Levi - 84
Fernandes, Vanessa Christina Alves - 114
Ferreira, Maria Ivana - 116, 117, 119, 120
Ferreira, Marta Guimarães - 110
Ferreira, Osmar Carmo Arouck - 119, 120
Figueiredo, Maria Célia - 128
Figueiredo, Nice Menezes de - 33
Fonseca, Edson Nery da - 23, 33, 34, 40, 65, 89, 90, 100, 102, 128, 133
França, Tarcísio José - 67, 108, 109, 110
Franco, Eunice de Lourdes - 119, 120
Franco, Tereza Cristina Ferreira da Silveira - 57, 108
Frazão, Gisele Martins - 84
Freire, Neusa Dourado - 73, 83, 98, 137
Freire, Pedro Ubirajara Falcão - 99
Freitas, Edna Gondim de - 137
Freitas, Vera Regina Azevedo de - 107
Galetti, Flávia Edith Veiga B. - 111
Galvão, Joana D'Arc Caribé - 83
Gil, Adélia Lúcia Arruda Santos - 57, 58, 108, 109
Godói, Magda Lúcia Martins de - 114
Góis, Brasília Maria Costa - 39
Gomes, Amanda de Melo - 118
Gomes, Maria José da Silva - 113
Gomes, Rosa Pazos - 113, 114
Gomes, Warley Luiz Vasconcellos - 84

Gomes, Weber Vasconcellos - 84
Gomes, Wesley Vasconcelos - 84
Gonçalves, Nilcéia Amábília Rossi - 98
Gonçalves, Vasco - 40
Gontijo, Silvia do Couto - 107
Goulart, João - 32, 65
Graeff, Cândida Maria P. - 137
Guimarães, Morgana Bruno Henrique
Guimarães, Tatiara Paranhos - 118
Guimarães, Thais Frazão - 84
Guimarães, Valquíria Carvalho
Guimarães, Valquíria Carvalho - 84, 114
Herrero, Carmen Freire - 83
Heunning, Carmelita Correa - 100
Holanda, Thereza Rosa Borges de - 98
Humig, Luciana Lopes - 115, 116
Jacó - 38
Janino, Laura Raquel Dutra - 116
Jay, Laíse Maria Beserra - 111
Jesus, Maria Quitéria - 39
Joffily, Heris Medeiros - 67
Judici, Jane Dourado Arisawa - 84
Juruna, Mário - 39
Kawashita, Kazuo - 92
Koller, Luciana Pontes Lemos - 85
Kubitschek, Júlia - 74
Kubitschek, Juscelino - 64, 65
Labouriau, Lêda Câmara - 67, 90, 100
Lacerda, Naurican Ludovico Pinheiro - 103
Lancaster, Frederich - 133

Leal, Victor Nunes - 68

Leite, Fernando - 53

Lemos, Antonio Agenor Briquet de - 23, 91, 98, 100, 101, 132

Lemos, Jamerson Pires de - 84

Lemos, Lúcia Regina Pontes - 85

Lemos, Maria Lúcia Vilar de - 102, 135, 137, 138

Lemos, Sabrina Silva Macedo de - 84

Licursi, Rodrigo Vilas Boas - 120, 121

Lima, Arlan Moraes de - 118

Lima, Bartira Dyacuí de Souza - 116, 118

Lima, Etelvina - 33,

Lima, Iracema Almeida - 104

Lima, Margareth Araújo Ver Menicucci, Margareth Araújo Lima

Lima, Maria Aparecida de - 85, 88, 90, 110, 111, 112, 113, 121, 122

Lima, Maria do Carmo Carvalho - 114

Lima, Marta Dolabela de - 107, 108

Lima, Vania Inez de - 85, 99

Lion, Maria Laura da Cunha - 102, 137

Liston, Rose Cristiane Franco Seco - 119, 120

Lobo, Évilson Gilbens de Siqueira - 107

Longo, Rose Mary Juliano - 141

Lopes, Anna de Souza Ayres - 110

Lopes, Carla Filomena Santos - 115, 116

Loureiro, Joseane Cury Nasser - 83

Lourenço, Geni Cassemiro - 103, 104, 138

Macedo, Mônica Valéria Nogueira - 116

Macedo, Neusa Dias de - 100, 101

Machado, Ana - 94

Machado, Maria Amélia Teles Di - 46, 84

Machado, Maria Lúcia Torres - 84

Machado, Maria Teresa Ferlini
Machado, Marieta Telles - 46, 84
Machado, Sonia de Menezes Lyra Nobre - 116
Madeira, Fabyola Lima - 85
Maia, Cristiane de Almeida - 115
Marcial, Cristine Coutinho - 118
Margalho, Francisco Bahia - 103, 104
Marins, Roberta Pena e Silva - 140
Marks, Maria Aparecida de Assis - 120, 140
Maroclo, Luiz Carlos - 104, 105, 107, 108, 109
Marques, Maria das Graças Carvalho - 108, 110, 111, 113
Marques, Maria Consuelene - 56, 57, 108, 110, 111
Marques, Maurício Mendes - 118
Marra, Maria Lúcia de Lima - 85
Martins Filha, Anísia Baptista - 108, 110, 111
Martins, Kelly Cristiane de Freitas - 118
Massafera, Ramona Soulimá Vieira - 115
Matos, Silvana Lucia P. S. - 139
Mattos, Diana Maria Rocha - 85, 107, 108, 109, 110
Mattos, Elizabeth Maria de - 99
Medeiros, Paz Therezinha Ribeiro de - 114
Mello, Hyldegardes Cavalcanti Castillo de Magalhães - 59, 141
Mello, Myriam Gurjão de - 90, 100, 101, 128
Mello, Regina Helena Azevedo de - 114
Melo, Maria da Luz Oliveira de - 102
Melo, Sueli Caldeira de - 67
Mendes, Maria Edite - 103, 104, 105
Mendonça, Lourdes Bomtempo de - 85, 111, 112, 115
Meneses, Raquel da Veiga Araújo de - 116
Menicucci, Margareth Araújo Lima - 55, 108, 110, 156, 157

Meskill, Lucia de Barros Neiva - 104

Mian, Helena Magalhães - 60

Mian, Lygia Magalhães - 60

Milani, Patrícia Maria Pinheiro Villar de Queiroz

Mindlin, Guita - 57

Mindlin, José - 57, 58

Miranda, Antônio - 23, 141

Miranda, Maria José Guimarães - 108

Miranda, Normanda dos Santos - 103

Monteiro, Maria Edna - 116

Moraes, Rubens Borba de - 23, 33, 40, 57, 89, 97

Moreira, Joana Leonor Hardman Araujo - 105, 106, 107

Moreira, Jonniery dos Santos - 119

Moreira, José D'Albuquerque - 107, 108, 109, 141

Moreira, Washington José de Almeida - 100

Mósca, Hugo - 70

Mota, Valéria Gameleira da - 120, 121

Motta, Maria Eleonora Freire - 113, 114, 116

Mottinha, Zilah Ferreira, 89, 100, 102, 128

Moura, Edine Rodrigues de - 70

Moura, Washington José de Almeida - 65, 66, 90, 128

Mueller, Suzana Pinheiro Machado - 23, 98, 132

Muller, Maria Inês Gonçalves de Oliveira - 104, 105

Nahuz, Fernanda dos Santos - 116

Narciso, Genicy Helena Rezende - 99

Nascimento, Domitila Umbelino do - 111

Nascimento, Jose Antonio Machado do - 120

Nasser, Janne Cury - 83, 118

Natal, Roberto de Bulhões - 70

Neves, Angela Maria Crespo Queiroz - 103

Niemeyer, Oscar - 15, 74
Nogueira, Maria Eliza de Abreu - 128, 135
Nogueira, Tatiana Eliza - 114
Nolasco, Lorena Flávia de Lima - 85
Nunes, Maria Elisa Hecht - 108
Obama, Barack - 39
Okawachi, Massayuki Franco - 118
Olimpio Filho, Antonio - 119
Oliveira, Elaine Ricevich Bastos de - 115
Oliveira, Graziela de - 116
Oliveira, Isley Simões Dutra de - 99
Oliveira, Leila Barros Cardoso - 116
Oliveira, Leonardo Silva - 118
Oliveira, Luciana Lima - 141
Oliveira, Marcelo Henriques de - 39
Oliveira, Maria José da Luz Vaz Marques de - 102, 103
Oliveira, Marielva Veiga de - 128
Oliveira, Marilene de - 111, 116, 117
Oliveira, Otávio Alexandre Jeremias de - 115, 116
Oliveira, Rejane Maria de - 120
Oliveira, Sônia Luiza de - 99
Oliveira, Venauria Batista de - 108
Ozolins, Lúcia Lanari - 105, 108, 110, 111
Paganine, Lucas Nóbrega - 85,
Paganine, Rosa Maria Geaquinto - 67, 85
Paiva, Christiane Coelho - 67
Palhares, Dilke Maria Benedita de Faria Salgado - 103
Paola, Marco Aurélio Borges de - 111
Parente, Sheila Maria Andrade - 108, 110
Passos, Almir Vieira - 43

Passos, Ana Jesuína Rabelo dos - 120

Passos, Edeltrudes Lima - 43

Passos, Edilenice - 11, 43, 55, 98, 135

Paz, Calíope Maria Melo - 116

Pedreira, Rosa Edite Lemos Alves - 103, 104

Pelicano, Elizabet Aparecida - 110, 111

Penna, Carlos - 133

Perea, Aníbal Araujo - 119

Pereira, Angela Mara Machay de Assis - 105, 106

Pereira, Donatila de Fátima C. - 57, 108, 109, 110

Pereira, Elcy Guimarães Ferreira - 100, 101

Pereira, Márcia - 52, 85

Pereira, Maria Cristina Moraes - 113, 114

Pereira, Maria Helena de Almeida - 102, 128

Pereira, Sílvia Regina Giordani - 110

Pereira, Vilma - 103, 107

Pessoa, Fabíola Nazareth Lavinias - 115, 116, 118

Pessoa, Roseane da Costa Moura - 120, 121

Pestano, Luiza Gallo - 70

Pinha, Stelina Maria Martins - 115

Pinheiro, Israel - 70

Pinto, Maria Aparecida Monteiro de Castro - 103

Pires, Patrícia Arlene Regis - 118

Ponte, Moema Malheiros - 106

Porto, Edith - 90, 100, 101, 102

Prates Junior, Israel Rodrigues - 119

Queiroz, Claudiney Carrijo de - 111

Rabelo, Branca Tamm - 102, 128

Ramirez, Neide Maria Rossi - 104, 105

Ramos, Márcia de Araujo - 107, 108, 109, 110

Ramos, Nize Marinho - 116

Raulino, Nelda Mendonça - 67

Raulino, Pérola Cardoso - 102, 141

Reche, Mariza Prado Muller - 116, 117

Regino, Miriam Tavares Correa - 106, 107

Reis, Daniel Aarão - 70

Reis, Esmeralda Silveira - 84

Reis, Luciana Araújo - 85

Reis, Monica Coelho dos - 99

Rezende, Olga Emídio Rosa de - 99, 110, 111, 112, 113, 115

Ribeiro, Alex Dias - 39

Ribeiro, Antônia Motta de Castro Memória - 98, 103

Ribeiro, Celeste Maria Sousa - 84

Ribeiro, Darcy - 32, 33

Ribeiro, Fernanda Leite - 100

Ribeiro, Ionice de Paula - 88, 115, 123

Ribeiro, João Goulart - 99

Ribeiro, Nurimar Alice Gomes

Robredo, Jaime - 23, 132

Rocha, Dinamar Cristina Pereira - 85

Rocha, Ibaneis - 40

Rocha, Juracy Feitosa - 67, 128, 133

Rocha, Lucylene Valério - 70

Rocha, Marisa Perrone Campos - 114

Rodrigues, Adelina Maria - 84

Rodrigues, Agostinha Maria - 84

Rodrigues, Ana Marly de Melo - 105, 106, 119

Rodrigues, Iraci da Silva - 104

Rodrigues, Ricardo Crisafulli - 141

Roll, Clarice Mattos - 107

Roriz, Joaquim - 73, 129

Rosa, Maria Clementina - 70

Rubens - 38

Rufino, Fernanda Maciel - 84

Rufino, Vanessa Maria Almeida - 84

Russo, Laura Garcia Moreno - 89

Sá, Renato - 66

Sabor, Josefa - 133

Saenger, José Carlos - 105

Salles, Maria da Conceição Moreira - 73, 98

Salviati, Maria Matilde - 138

Sambaquy, Lydia de Queiróz - 64, 89, 127

Sanchez, Daniela Cussi - 116, 117

Santos, Cristian José Oliveira Ver Brayner, Cristina José de Oliveira Santos

Santos, Ernani Rufino dos - 84

Santos, Gilda Almeida dos - 116

Santos, Inácia Rodrigues dos - 103, 104

Santos, Maria do Rosário Farias dos - 116

Santos, Marilene Mendes dos - 116

Santos, Maurinete dos - 52, 85, 113, 114

Santos, Miraildes - 113, 114

Santos, Ricardo Carvalho Saraiva - 84

Santos, Virgínia Astrid de Albuquerque Sá e - 141

Santos, Wellington dos - 120

Saraiva, Andrea Ferreira Montenegro - 84

Saraiva, Maria Augusta - 39,

Schiessl, Ingrid Torres - 84

Schiessl, Karin Torres - 84

Schreiber, Marli Elizabeth - 67, 104, 105

Serzanink, Eni Maria de Araujo - 105, 107

Sgarbosa, Ana Caroline Gomes de Lima - 118

Silva, Ana Maria da - 116

Silva, Anita Magalhães da - 108, 110

Silva, Antonio José Oliveira - 119

Silva, Christiane Coêlho da - 114

Silva, Claudete Marlene Schaff - 108

Silva, Clea Cerqueira Cesar Roque da - 90, 100, 101, 102

Silva, Darlan Lemos da Silva - 84

Silva, Dione Corrêa da - 111

Silva, Divina Aparecida da - 104

Silva, Ilza Peixoto Claudino da - 110

Silva, Jeannette de Albuquerque - 89, 100, 101, 128

Silva, Kelly Lemos da - 84, 118

Silva, Leila Aparecida Arantes - 84, 116

Silva, Luciana Cândida da - 118

Silva, Maria Emília Tostes Regis da - 102

Silva, Nádia Ferreira Montenegro - 84, 99

Silva, Nelson Cândido da - 107, 108, 110, 111, 112

Silva, Neusa Arantes - 84, 111

Silva, Orion Gonçalves da - 103

Silva, Roberto Mário Vieira da - 115, 116, 118

Silva, Roque da - 90

Silva, Rosemary Cabral da - 70

Silva, Sebastião Dimas Justo da - 119, 120

Silva, Washington - 92

Silva, Weslane Cristina Vasconcellos Gomes da - 84

Silva, Wilma da - 111, 113

Silveira, Janice de Oliveira e Silva - 67, 113

Silveira, Roseli - 84

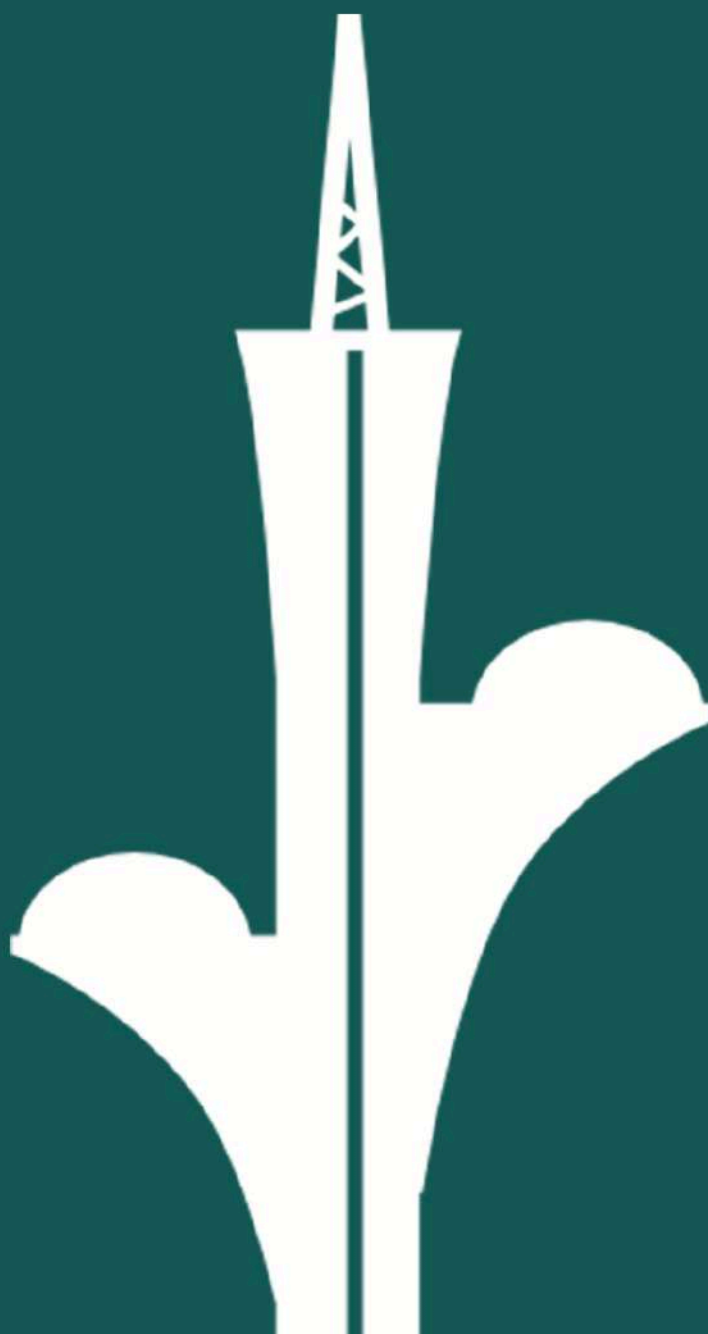
Silvestre, Maria Cristina Rodrigues - 67, 70

Soares, Cleide Cristina - 114
Soares, Maria das Graças - 139
Soares, Nilza Teixeira - 128
Sombrio, Eunice Maria - 111
Soriano, Alzira - 39
Sousa, Berenice Aparecida Ferreira de - 107
Sousa, Marcelo Almeida Gomes de - 119
Sousa, Romilda Almeida de - 99
Sousa, Rosimere de Carvalho - 115
Sousa, Sebastião de - 98
Souza, Antônia Veras de - 119
Souza, Arilda Fonseca de - 84
Souza, Benedita Maria de - 111
Souza, Celmy Pinheiro de - 102
Souza, Cinilda Carvalho Medeiros - 99
Souza, Luis Felipe de - 84
Souza, Nailor Marcondes de - 118
Souza, Yvonne Coelho de - 111
Suaiden, Emir José - 98, 103
Tarapanoff, Kira - 23, 132
Targuetta, Maria Angélica Lucchese - 116
Tavares, Maria Auxiliadora - 104, 105, 108, 110
Teixeira, Alcídia Mendes - 104, 105
Teixeira, Anísio - 32,
Teixeira, Davina Mota - 105, 106
Teixeira, Nilza Soares - 128
Teles, Maria Augusta de Paiva - 47, 84
Theodoro, Rossana D'Carlos A. - 111
Tomé, Lilian de Andrade - 128
Tubbs, Vanderlúcia Toscano - 116

Ubirajara, Zeneida Cavalcanti de Queiroz - 89, 100, 105
Uema, Iolanda Pinheiro - 105
Valadão, Laizer Divino de Castro - 40
Valadares, Stella Maria Vaz Santos - 84
Varela, Maria Luiza - 128
Varnhagen, Francisco Adolfo - 71
Vasconcelos, Ana Rosa Schimith - 128
Vasconcelos, Glória Maria de Sá - 115, 116
Vaz, Camila - 84
Vaz, Marina - 84
Vaz, Suzi - 84
Veiga, Adelaide Soares de Oliveira - 110, 111, 112, 115, 141
Veras, Karla Maria Piccinini - 120, 121
Veríssimo, Maria Amélia Elizabeth Carneiro - 111, 112, 113
Vicentini, Abner Lellis Correa - 100
Vieira, Helena Celeste Ribeiro L. - 84
Vieira, José Ronaldo - 140
Vieira, Maria Terezinha Rocha - 116
Vieira, Simone Bastos - 139
Vilas Boas, Lilian Januzzi - 70, 120
Vilela, Angélica Louzada - 139
Volpini, Elton Eugenio - 101
Walter, Bruno - 46
Walter, Ernesto Guilherme - 46
Walter, Maria de Lourdes Machado Telles - 46
Walter, Maria Emília - 46
Walter, Maria Inez - 46
Walter, Maria Tereza Machado Teles - 11, 46, 84, 98
Yamaguti, Lina Akiyo Nemoto - 107

▶ OS AUTORES

11





Fotografia: Francisco Willian Saldanha

ADELAIDE RAMOS E CÔRTE

Graduada e Mestre em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Especialista em Gestão de Sistemas de Informação. Iniciou sua vida profissional na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB), o que a preparou para desempenhar suas funções no Centro de Informações Técnicas da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU), e finalmente, implantando a Biblioteca da então Fundação Centro de Formação do Servidor Público (FUNCEP), hoje Escola Nacional de Administração Pública. Bibliotecária aposentada pelo Serviço Público Federal, não abandonou a profissão e atua como consultora na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, publicações oficiais, planejamento e gestão da informação. Presidiu a ABDF (1988/1990) e foi Vice-Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia na 16ª Gestão do CFB (2013-2015). Sempre esteve envolvida no movimento associativo da área.

EDILENICE PASSOS

Mestre em Biblioteconomia e Documentação (Universidade de Brasília, Brasil). Especialista em organização e recuperação da informação jurídica e legislativa. Trabalhou no Senado Federal brasileiro, por 32 anos, com passagens pela Biblioteca, Consultoria Legislativa e Secretaria de Informação e Documentação, neste último, ocupou o cargo de Diretora. Autora ou coautora dos livros: *A gênese do texto da Constituição de 1988. Brasília, Senado Federal, 2013*, *Memória Legislativa do Código Civil*, *Fontes de informação para pesquisa em Direito e Doing legal research in Brazil*. Organizadora ou co-organizadora dos livros: *Comunicação científica*, *Informação Jurídica: teoria e prática*. Autora de mais 30 artigos de periódicos, capítulos de livros e trabalhos apresentados em eventos no Brasil, Espanha e Argentina. Atualmente é a editora do periódico *Cadernos de Informação Jurídica* e membro ativo do Grupo de Informação e Documentação do Distrito Federal, Brasil.

FÁBIO LIMA CORDEIRO

Presidente da 18ª Gestão do CRB-1, para o período de 2018/2020. Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação e graduação em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília, Especialista Gestão Estratégica, Inovação e Conhecimento pela Escola Superior Aberta do Brasil, e graduação em Direito pelo Instituto de Educação Superior de Brasília. Atualmente é Analista em Gestão da Informação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Gestão do Conhecimento, atuando principalmente nos seguintes temas: informação em saúde pública, informação técnico-científica em agricultura, cooperação internacional, pesquisas de prospecção tecnológica e gestão pública.

IZA ARAÚJO ANTUNES

Possui Graduação em Biblioteconomia e Documentação(1963), Especialização em Administração de Sistemas de Informação - PUC/ABDF e Planejamento de Serviços Bibliotecários - UnB/OEA. Chefiou a biblioteca do Ministério da Defesa, de 1971 a 1999. Planejamento de Serviços Bibliotecários - UnB/OEA.

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER

Possui graduação em Biblioteconomia e Documentação (1982), mestrado em Biblioteconomia (1988) e doutorado em Ciência da Informação e Documentação (2008), todos pela Universidade de Brasília. Foi bibliotecária no Programa COMUT (1983-1986), na Engevix S.A. (1986-1989), na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-Embrapa (1989-2000) e no Supremo Tribunal Federal-STF (2000-2016), por onde se aposentou. Atuou como professora voluntária na Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília (2015-2017).

MICHELLI COSTA

Bibliotecária, doutora e mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência aberta, dados de pesquisa, acesso aberto, bibliotecas digitais, bibliotecas populares e bibliotecas prisionais. É Professora Adjunta do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília.

